



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

NYPL RESEARCH LIBRARIES



3 3433 07139373 4





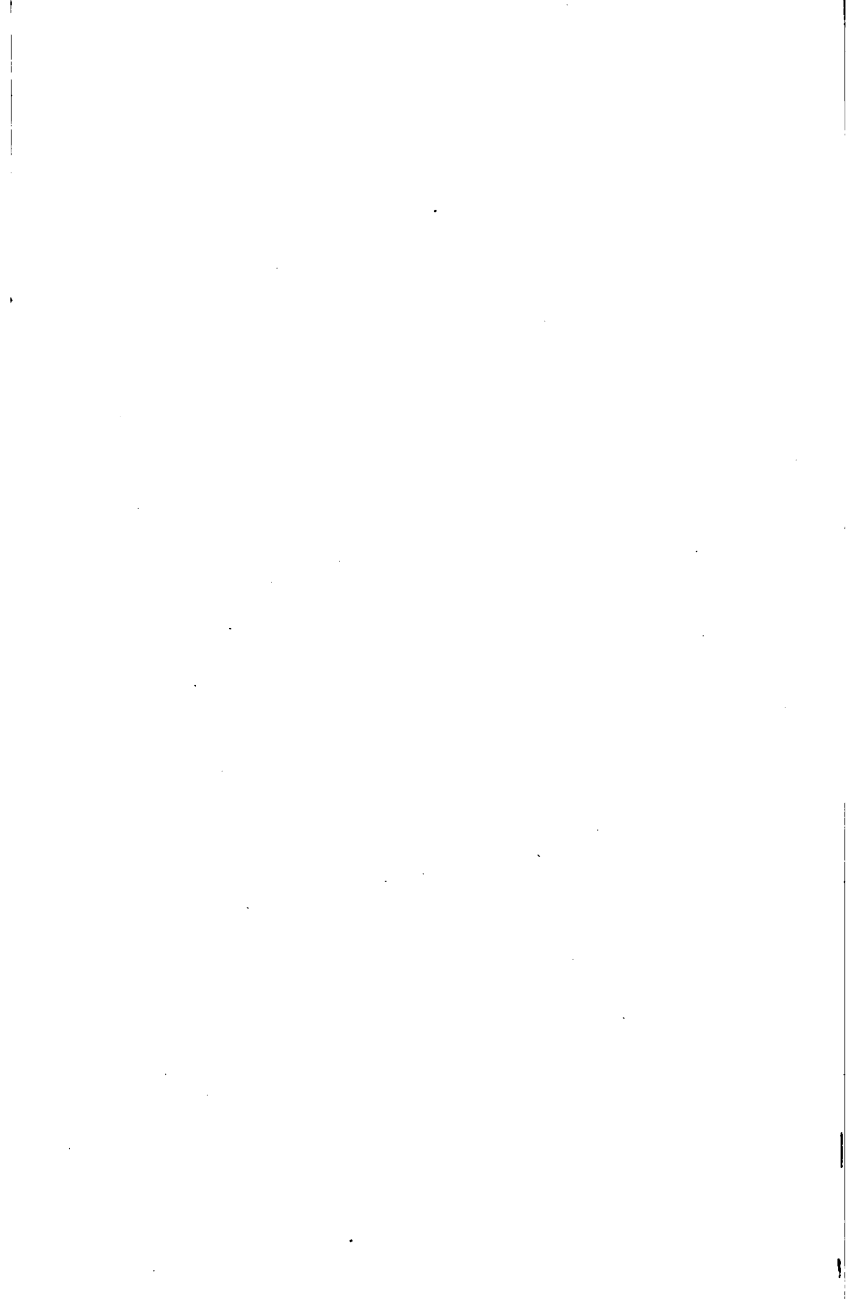
C-10

2673

F. ...







*Gift from*  
BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XXXIV)

---

CHRONICA  
DE  
EL-REI D. JOÃO II

POR

Garcia de Resende

CONTENDO A INTERESSANTISSIMA MISCELLANIA

CONFORME A EDIÇÃO DE 1622

---

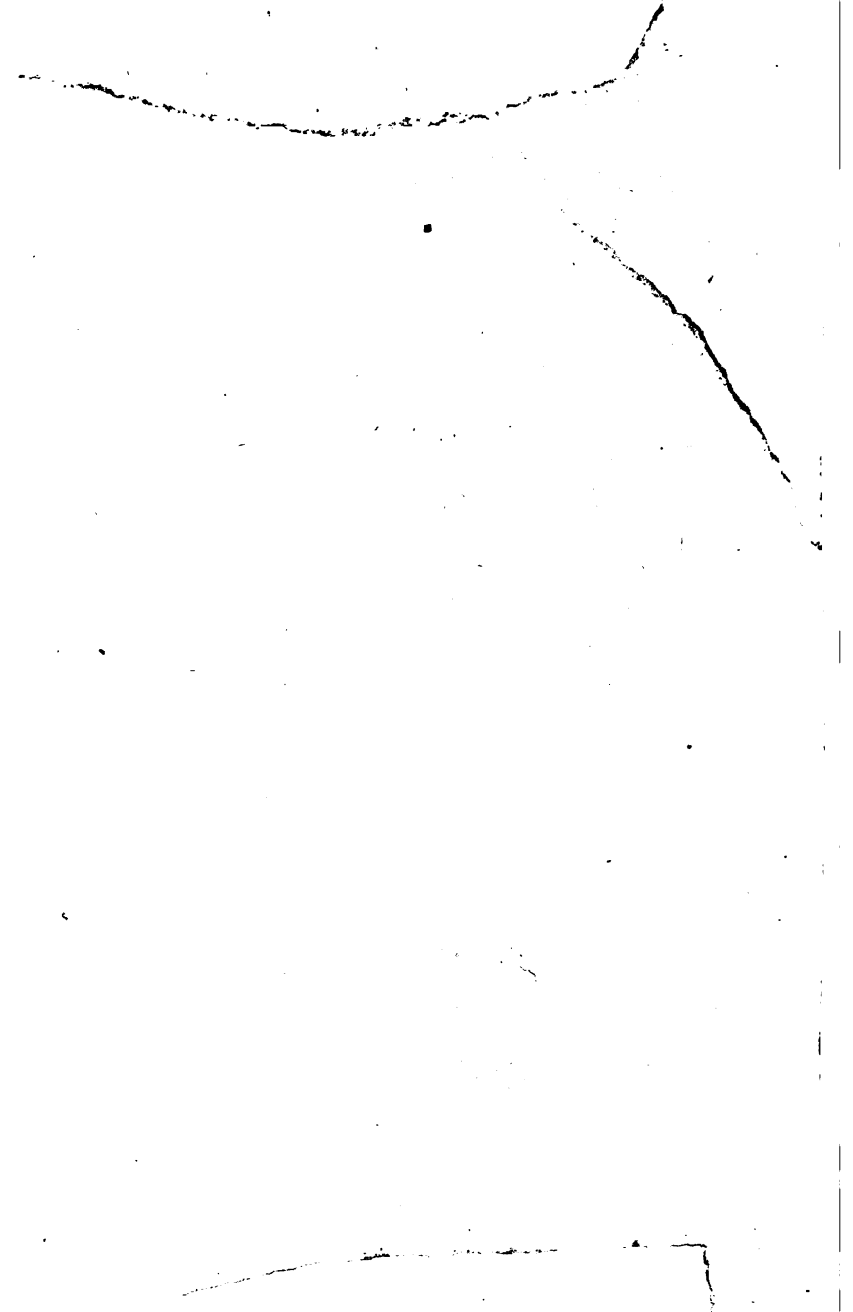
VOLUME III

---

*ESCRITORIO*  
147 = RUA DOS RETROZEIROS = 147  
LISBOA

—  
1902



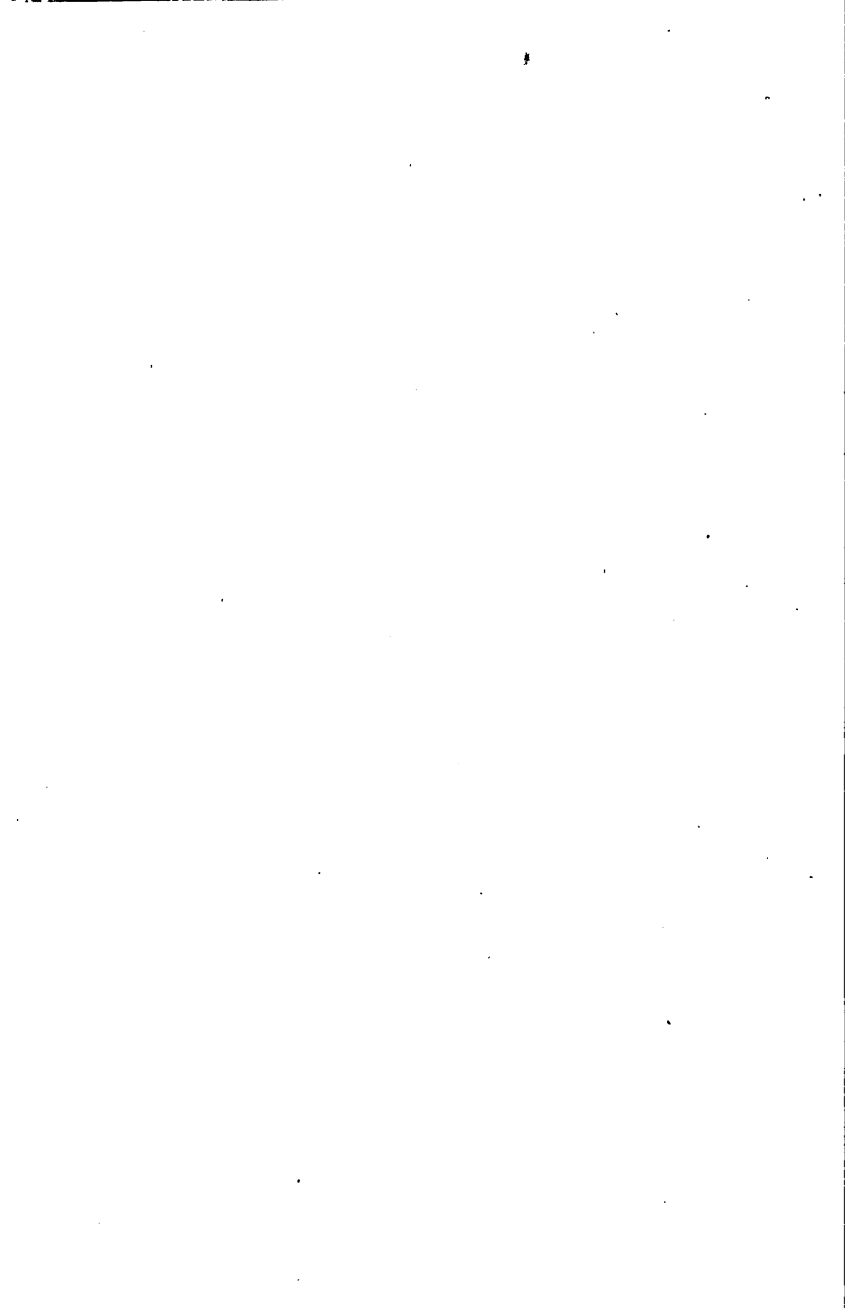


Yale University

BIBLIOTHECA  
DE  
CLASSICOS PORTUGUEZES

**PROPRIETARIO E FUNDADOR**

*MELLO D'AZEVEDO*



7271  
c  
BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XXXIV)

# CHRONICA DE EL-REI D. JOÃO II

POR

Garcia de Resende

CONTENDO A INTERESSANTISSIMA MISCELLANIA

CONFORME A EDIÇÃO DE 1622

---

VOLUME III

---

*ESCRITORIO*

147=RUA DOS RETROZEIROS=147  
LISBOA

—  
1902





## CAPITULO CLVII

*De como os christãos, capitão e frades foram a El-Rei*

**D**EPOIS d'estas cousas assi feitas e acabadas, com muito serviço de Deos e muita honra e grande louvor d'El-Rei, ordenou o dito D. Manuel com o capitão que os frades e a outra gente fossem com a embaixada a El-Rei seu senhor, os quaes se fizeram logo prestes com muita diligencia. E depois do capitão deixar os navios a bom recado, partio por terra com duzentos negros, que levavam todas as cousas, e outros muitos para segurança de tudo, e levavam muitos mantimentos.

E indo seu caminho lhe veio um fidalgo com recado d'El-Rei alegrando-se muito com sua ida, e com um mandado geral, que aos christãos em seu reino se desse tudo de graça, sob pena de morte, e assi se cumprio inteiramente, porque era o Rei d'aquellas terras mais temido, amado e obedecido. E com este mandado os negros da companhia tomavam aos outros muitas cousas demasiadas, e não havia quem se agravasse, e sendo já junto da côrte, por mandado

d'El-Rei veio a elles outro seu grande privado com muita somma de buzios, que é sua moeda, e com muitos carneiros, cabras, farinha, galinhas, vinho de palma e mel, e outros muitos mantimentos, e do porto até á côrte sendo cincoenta legoas tardaram vinte dias.

## CAPITULO CLVIII

### *Da entrada dos christãos na côrte d'El-Rei de Congo*

**S**abia que os christãos entraram na côrte foram de gente sem conto recebidos com estrondos e festas, e foram logo aposentados em umas grandes e boas casas muito providas de todalas cousas necessarias.

E o recebimento foi, que para o capitão e frades mandou El-Rei muitos gentis homens feitos momos de muitas maneiras, e após elles infindos archeiros, e depois lanceiros, e outros com outras armas de guerra, e tambem mulheres sem conto, todos em batalhas repartidos, e com muitas trombetas de marfim, e atabaques, e outros estromentos, cantando todos muitos louvores d'El-Rei de Portugal, e cantando suas grandezas com muito grande alegria, e nesta ordem chegaram a El-Rei, que estava em um terreiro de seus paços, acompanhado de muita infinda gente, e posto em um estrado rico, e nú da cinta para cima, com uma carapuça de pano de palma, e ao hombro um rabo de cavallo guarnecido de prata, e da cinta para baixo cuberto com panos de damasco que El-Rei de cá mandara, e no braço esquerdo um bracelete de marfim.

E o capitão chegou a elle e lhe beijou a mão com as cerimoniaes de Portugal, e lhe deu as encommendas d'El-Rei, e disse de sua parte outras cousas com que El-Rei de Congo recebia muito prazer, e em signal de agardecimento tomou terra nas mãos, e a correo pelos peitos do capitão, e depois pelos seus d'elle mesmo Rei, que segundo seu costume é o maior acatamento que os Reis podem fazer. E sobre isto todos da côrte fizeram grandes festas, e alevantavam todos as mãos contra o mar, como que mostravam Portugal, dizendo com grandes gritas: — Viva o Rei e senhor do mundo, e Deus o acrecente, pois é tão amigo d'El-Rei nosso Senhor. E depois de muitas festas passadas El-Rei despedio o capitão.

E como o capitão e christãos descansaram do caminho, tornaram a El-Rei com o presente, e todas as cousas muito concertadas, e as pozeram em uma muito boa casa, a que El-Rei logo veio com certos senhores e fidalgôs, e segundo se affirmava alguns d'elles podiam servir El-Rei com cem mil homens, e foram-lhe logo mostrados os ornamentos e cousas da egreja, cada uma per si, com que mostrava tanta alegria e prazer, que muitas vezes se levantava do estrado e abraçava o capitão e o levantava nos braços, mostrando-se o mais bemaventurado Rei do mundo, e que nunca poderia pagar a El-Rei de Portugal tamanha mercê.

E depois de mostradas as cousas da egreja e o presente, o capitão lhe mostrou o que elle mandára pedir. Os pedreiros e carpinteiros com suas ferramentas, e os lavradores com seus apparelhos, e as mulheres para amassar com suas bacias e caldeiras, e depois um cavallo cencertado muito bem. E o presente para sua pessoa era brocado de pelo, e razos em peça, e muitas peças de ricas sedas de côres, e escarlatas e



Olanda, e rabos de cavallo guarnecidos de prata, que elle muito estimava, e uns ruços pombos estima mais (?) e assi chocalhos e cascaveis, e vestidos ricos já feitos para elle e para a Rainha, e lhe offereceu tudo da parte d'El-Rei com muito boas palavras, dizendo que d'aquellas cousas havia muitas em seus reinos, e outras d'outras sortes com que folgaria de lhe aproveitar quando elle as quizesse.

El-Rei espantado da riqueza e novidade d'ellas, respondeu que sendo grande Rei e senhor de muitas terras lhe parecia que não tinha nada para poder servir tamanhas mercês.

E o capitão se lhe offereceu com toda a frota e gente d'ella para o servir no que elle mandasse, até morrerem, por que assi o trazia por mandado d'El-Rei, e elle com muito prazer e alegria se abaixava, e com as mãos tocava a terra, e depois de tudo recebido, disse aos senhores que com elle estavam.

«Certamente o Rei em que tanta virtude e tanta nobreza ha, este só é o senhor do mundo, e merece de o servirem, porquesem lho merecer me faz tantas mercês, vêde que fará aos que o servirem», e todos lhe diziam que era assi, e que elle lhe era em grande obrigação.

E logo mandou chamar todos os senhores e fidalgos, e lhe mostrou tudo com grande prazer, rogando-lhes que todos se alegrassem com tanta honra sua, pois de tão alongadas terras, com tantos perigos e mortes e tamanhas despezas, me manda tão ricas cousas um Rei que eu nunca acabarei de saber: e deixarei por benção a meus filhos que o tenham por senhor. E disse logo ao capitão perante todos que todas as cousas que visse e lhe parecesse que seriam de contentamento d'El-Rei as tomasse de graça, e lhas levasse: porque com quanto tinha desejava de o servir, e assi o despedio.

## CAPITULO CLIX

*De como se fez a primeira egreja*

**E**LOGO El-Rei mandou e deu carrego a certos fidalgos que mandassem tirar a pedra para se fazer a egreja: os quaes ordenaram logo mil negros que com muita diligencia a traziam ás costas de duas e tres legoas com tantas cantigas de prazer e alegria, e com tão boa vontade que era de maravilhar, e muitos a que o não mandavam se convidavam para isso. E a egreja com muita pressa se começou a seis dias de maio de mil e quatrocentos e noventa e um, e acabou-se o primelro dia de Julho logo seguinte, casa grande e de muita devoção, com muitos ornamentos e muitas imagens, e foi da invocação de Nossa Senhora Santa Maria.

E em se a dita egreja fazendo todo aquelle tempo os frades fallavam muitas vezes com El-Rei nas cousas da Fé, e elle as ouvia com grande contentamento, e esperava que a egreja se acabasse. E um dia mandou chamar os frades, e perguntou-lhe se podia ser christão em outra casa se não na egreja, e elles lhes responderam que si, e elle lhe disse:

«Eu até agora estive neste erro esperando que a egreja se acabasse, e pois se pôde fazer antes d'isso, eu não quero estar mais nelle, e de manhã em toda maneira eu quero ser christão, porque assi mo diz meu coração, e minha mulher e filhos, e os de meu reino depois se farão.»

E os frades muito contentes e alegres de sua tenção, de que não duvidavam, lhe disseram: «Senhor, isso é já graça de Deos, e por tal lhe dae muitas graças e louvores.

## CAPITULO CLX

### *De como El-Rei foi feito christão*

**A**o outro dia os frades concertarem uma casa a melhor que nos paços acharam, na qual fizeram altar, e ordenaram tudo em grande perfeição com tochas e velas acesas, e offerta e bacias grandes cheias d'agoa postas em mesas, tudo em muito boa ordem, e como foi concertado El-Rei veio logo á dita casa com muita gravidade e signaes de muita devoção acompanhado de seis fidalgos grandes de seus reinos, para com elle serem christãos, e posto El-Rei em pé ante o altar com os seus, frei João começou e acabou o officio mui devotamente, e baptisou El-Rei e aos seus, e El-Rei por amor d'El-Rei de Portugal houve nome D. João, e os seus houveram nome, o primeiro D. Francisco, o segundo, D. Gonçalo, o terceiro D. Jorge, o quarto, D. Lopo, o quinto D. Diogo, e o sexto D. Rodrigo, e El-Rei e seus fidalgos receberam a agoa do santo baptismo com tanta devoção e boas vontades, que parecia misterio de Deus.

E logo ao outro dia disseram missa com todas as cerimoniaes reaes, de que El-Rei recebia grande contentamento.

E foi isto feito com muito louvor e serviço de

Deos e exalçamento de sua santa fé catholica, e por honra, merecimentos e memoria d'El-Rei D. João o segundo de Portugal, dia da Santa Vera Cruz de Maio, de mil quatrocentos e noventa e um.

E neste dia depois de comer houve no terreiro dos paços muitas e mui grandes festas com gente sem numero, e El-Rei por si festejou ao seu modo maior de festa que tinha, tudo em louvor de Deos e por honra d'El-Rei de Portugal. E alli vieram ante elle todos os senhores e fidalgos que presentes eram uns entre outros, e todos lhe alegavam seus serviços e merecimentos, e se agravavam d'elle por lhe não fazer aquelle bem de serem logo christãos. E El-Rei com muito boas palavras respondeo a todos que não se aggravassem, que elle recebia muito contentamento em vêr suas vontades, e que tanto que a Rainha sua mulher e o Principe seu filho o fossem, que seria com a graça de Deos mui cedo, elles todos o seriam, do que todos ficaram muito contentes, e tocaram todos a terra, e a punham sobre seus rostos em signal de grande acatamento, e com grandes gritas se levantaram e fizeram muitas e grandes festas, que duraram até noite, com tanto contentamento que era cousa milagrosa.

E logo ao outro dia se lançou pregão geral, que todo o que aos christãos d'El-Rei seu irmão em seus reinos e terra bem parecesse e o quizessem tomar, lho dessem de graça, e que El-Rei o pagaria a seus donos. E assi mandou em geral queimar todos os idolos de seus reinos, e derribar suas casas e altares, e se cumprio inteiramente, e a quinta feira seguinte, cinco dias de maio, o capitão e frades tornaram a El-Rei, e como a egreja manda, a elle e aos seis que com elle foram christãos tiraram os capellos, e acabado El-Rei se assentou com os frades e capitão junto

com elle, e começando de fallar nas cousas da Fé, um dos fidalgos, que se chamava D. Jorge, disse a El-Rei:—Senhor quanta mercê tu e nós temos recebida de Deos não podemos merecer, e já agora fique não a outro bem nem a outra verdade senão ser christão, porque toda esta noute nunca me deixou uma mulher muito formosa, que com muito prazer me dizia que te dissesse, que agora eras tu e todo o teu reino ganhado, e deu-me por isso tanto esforço, que agora eu só me mataria com cem homens, e não lhes haveria medo. E por isso senhor faz christãos todos teus fidalgos e vassallos, e com elles sabe certo que em tudo será teu poder muito maior.

E acabando este com muitas graças que se deram a Deos e a nossa Senhora, começou outro fidalgo, que se chamava D. Diogo, irmão de D. João da Silva, que morreu no mar, e disse:—Senhor, por aquella mesma maneira, e com aquella mesma mulher me aconteceu a mi também, e já tinha cuidado de to contar como sonho, mas agora o tenho e creio por verdade, porque não podíamos ambos sonhar uma cousa. E mais em sahindo pela manhã de casa achei uma cousa santa de pedra que eu nunca vi, e é feita como aquella que os frades tinham quando fomos feitos christãos, e dizia-o pela cruz.

E El-Rei mandou-lhe que fosse por ella, e elle em pessoa a trouxe cuberta, e com muito acatamento a deu a El-Rei. E era uma cruz de pedra muito bem feita de dois palmos, e os braços lavrados em redondo, e muito lisos, e a pedra era preta, e sem nenhuma semelhança de pedra alguma que na terra houvesse, e El-Rei a tomou nas mãos, e disse aos christãos:

«Que vos parece isto?» E elles vendo-a com muitas lagrimas e devoção com as mãos levantadas aos ceos lhe disseram:

«Senhor, estas cousas são signaes da graça e salvação que Deos envia a ti e a teus reinos, e por isso lhe damos muitas graças, e tu tambem lh'as dá, porque estes milagres e revelações que aos teus se descobrem te debes agora d'haver pelo mais bemaventurado Rei do mundo, pois sobre tão poderoso como és nesta vida, Deos se lembrou de ti e te quer na morte dar outro reino para sempre, se neste proposito de seu serviço continuares».

E El-Rei com as lagrimas que nos christãos vio ficou em extremo mui alegre e muito confortado, e se levantou, e andou abraçando e alevantando os christãos nos braços, que é o maior signal de prazer que entre elles ha. E logo a cruz com solemne procissão e muita devoção foi levada á egreja onde estava por uma grande reliquia e notavel milagre, por honra da qual El-Rei mandou fazer muito grandes festas.

## CAPITULO CLXI

### *De como a Rainha foi feita christã*

**E** passados alguns dias antes da egreja se acabar, a Rainha em publico se veiu agravar a El-Rei, porque não dava logar que fosse christã, dando-lhe para isso muitas e mui boas razões fundadas no amor de Deus. E El-Rei se escusava com a egreja não ser acabada, e tambem por esperar por o Principe seu filho, que era longe, e o tinha mandado chamar.

E neste tempo se falleceu de doença Frei João, o principal dos frades, e com sua morte foi El-Rei mui

anojado, porque cria muito nelle. E receando de os frades morrerem, e desejando já da Rainha ser christã, porque os frades eram já todos doentes, perguntou a Frei Antonio, a quem o carregio ficou sobre os outros, se com toda a sua doença poderia sómente fazer a Rainha christã, por que elle estava de caminho para a guerra, e folgaria muito de deixar a Rainha christã, e sem isso lhe pareceria que não seria vencedor, nem tornaria de lá.

E Frei Antonio lhe disse, que com toda sua fraqueza, por serviço de Deus e seu o fazia, e concertado tudo como cumpria em muita perfeição, na mesma casa onde El-Rei o foi, e por aquella mesma maneira, sabado 4 do mez de Junho do dito anno, a Rainha com a graça de Deus, sendo El-Rei presente, foi feita christã com grande devoção e muito acatamento a Deus, e houve nome D. Lianor, por amor da Rainha D. Lianor.

E no mesmo dia em que a Rainha foi feita christã, porque El-Rei já ordenava de se ir á guerra, lhe entregaram o capitão e os frades a bandeira com a cruz que El-Rei de cá mandava, e lhe disseram as virtudes d'aquelle signal da cruz, e quantos com elle foram com poucos vencedores de muitos, e que El-Rei por isso lha mandava que a tivesse em grande honra e estima, e com estas palavras o dito Rei com os joelhos no chão e a cabeça descuberta, a tomou em suas mãos com muito acatamento, e de sua mão a entregou logo a D. Gonçalo, homem principal, e seu alferes-mór. E El-Rei e todos os senhores e fidalgos se foram com elle até sua casa, e por maior reverencia da bandeira iam alguns senhores com abanos abanando-a, que esta é a grande cerimonia e acatamento que se faz ao Rei.

E a segunda feira logo seguinte, seis dias de Ju-

nho, o capitão e frades foram ao paço da Rainha por seu mandado, para lhe tirarem o capello do oleo, e folgou muito com elles, e mui honradamente os agasalhou, e com grande tento lhe perguntou pelas cousas da Fé, rogando-lhe que mui declaradamente lhas dissessem para as cumprir inteiramente. E os frades lhe louvaram muito sua tenção e devoção, e lhe disseram aquellas cousas da Fé que então mais cumpriam, e ella assi como as elles diziam as punha no estrado por tentos de pedrinhas, que é a sua arte memorativa, dizendo que por alli lhe lembraria, e assi lhe esteve perguntando com muita prudencia e repouso pelas cousas d'estes reinos e por El-Rei e Rainha e seus estados, e depois de com verdade responderem a todo se despediram d'ella, e lhes mandou fazer mercê de muita soma de sua moeda, e de mantimentos, tudo com muita graça e nobreza.

E acabadas assi as ditas cousas, o capitão disse a El-Rei, que pois tinha mandado ajuntar suas gentes para a guerra, que lhe pedia por mercê, que por quanto a frota e gente d'ella o não serviram, e adoeciam, e morriam sem proveito no porto, se servisse de tudo com tempo. E El-Rei folgou muito com sua lembrança, e apressou sua partida, para ir fazer guerra a uns senhores seus vassallos que lhe desobedeciam em umas ilhas situadas no rio do Padrão.

Partiu El-Ei para a dita guerra, e levava diante a dita bandeira de Christo em mão do alferes-mór, e El-Rei e todos os seus iam a pé, e descalços, porque a terra é de tal qualidade que os pés não consentem calçado, nem os corpos vestidos, e o capitão se despediu d'elle e foi dar ordem ao porto como os navios e gente d'elle o viessem servir, como vieram. E depois d'algumas grandes e cruas pelejas que houveram com os das ilhas que desobedeciam a El-Rei,



em que morreu muita gente e boa parte dos christãos, o senhor principal da ilha vendo-se sem remédio, foi-lhe necessario pedir piedade a El-Rei, e pôr-se em suas mãos e obediencia, e El-Rei lhe deu a vida, e lhe tirou toda a honra, terras e rendas que d'elle tinha, e o desfez de fidalgo.

De maneira que com a ajuda d'El-Rei de Portugal, e por o dito Rei ser favorecido da bandeira da cruz que levava, elle houve a victoria de seus inimigos como desejava. E a gente de seu arrayal foi estimada em oitocentos mil homens, e segundo o parecer dos que o viram tomariam cinco legoas de terra.

E d'ahi despedio El-Rei o capitão e gente de Portugal com muita honra e mercês que a todos fez, e ficaram com elle quatro frades, e alguns outros christãos com todos os ornamentos da Egreja para lhe dizerem missa e fazerem christãos seus filhos, e todos os de sua côrte. E assim ficaram os officiaes fazendo a dita egreja, e os outros seus officios, e as mulheres. E ficou um negro christão natural da terra que sabia lêr e escrever, e começava já de ensinar os moços da côrte filhos dos grandes, que é uma grande memoria d'El-Rei, e assi ficaram outras pessoas de descrição ordenadas para irem por terra descobrir outras terras, com fundamento da India e Prestes João.

E o capitão e frota se tornaram a estes reinos, e acharam a El-Rei em Lisboa, no anno de quatrocentos e noventa e dois, e com sua vinda foi mui alegre, e recebeu muito contentamento, e deu a Deus muitas graças e louvores por as novas que ouvio da christandade d'El-Rei e da Rainha, e de todo o mais que lhe contaram.

## CAPITULO CLXII

*Do principio da doença d'El-Rei em Lisboa*

**E**L-REI depois da morte do Principe, pela muita tristeza e grande sentimento que por ella teve, ou por peçonha que lhe deram, como muitos suspeitaram, nunca mais foi bem são. E neste anno de noventa e dois, estando em Lisboa, no mez de Maio lhe vieram grandes accidentes e desmaios, de que em casa da Rainha sua mulher esteve muito mal e muito perigoso á morte, e d'ahi em diante nunca foi bem são, porque até então, que El-Rei havia trinta e sete annos, nunca bebera vinho, foi-lhe apertadamente pedido por todos os fisicos que por quanto suas paixões eram malenconizadas e tristes, que como mezinha mui necessaria para elle o bebesse. E El-Rei começou de o beber a dezasete do dito mez, e d'ahi por diante sempre o bebeu com grande temperança.

## CAPITULO CLXIII

*Da entrada dos judeus de Castella em Portugal*

**N**ESTE anno El-Rei D. Fernando e a Rainha D. Isabel de Castella como catholicos Principes lançaram de todos seus reinos fóra todos os judeus, para que sob pena de morte em certo termo assignado se sahisses fóra d'elles; dando-lhes licença que em mercadorias tirassem suas fazendas, não sendo em ouro nem em prata; isto fizeram por

o muito damno que faziam em nossa fé, como pela inquisição que fizeram se viu. Os quaes judeus desacorridos, e porém com sua dureza não se querendo tornar christãos, se soccorreram a El-Rei, e lhe mandaram pedir de mercê que os recolhesse por então em seus reinos, e nelles lhe desse nos seus portos do mar embarcação e passagem para em certo tempo se irem a outras partes, e que por isto lhe fariam serviço de muita somma de dinheiro.

E El-Rei porque seus desejos foram sempre passar em Africa, o que muito desejava, e não no podia fazer por estar sem dinheiro pelos muitos e grandes gastos que nas festas do casamento do Principe seu filho fizera, e assi em outras cousas que succederam, e por lhe parecer que com o dinheiro que dos ditos judeus houvesse poderia ordenar sua passagem a Africa, e fazer a Deos muito serviço, consentio nisso e lhe deu a licença, com tenção de passar com o dito dinheiro, como dito é, sem dar oppressão a seus povos, a que elle muito queria, e elles a elle, e isto com tal declaração que todolos judeus que viessem entrassem por certos portos dos lugares do estremo logo assignados, e que pagassem tanto por cabeça, de que tirariam certidões e recadações dos officiaes d'El-Rei para isso ordenados, de como tinham pago o que eram obrigados, e que os que entrassem sem pagar e sem as taes recadações, e fossem achados, se perdessem, e ficassem captivos para El-Rei, e que d'esta maneira poderiam entrar e estar nestes reinos oito mezes, nos quaes lhes daria embarcações por seus dinheiros em certos portos do mar que lhes logo para isso mandou nomear, e os judeus das ditas condições foram contentes, e entraram nestes reinos, e dentro no termo lhes deu El-Rei a todos embarcações, e se foram fóra de seus reinos, e El-Rei houve

uma grande somma de dinheiro, do qual nunca despendeu uma só peça, porque o tinha para a dita passagem, que com sua doença não pôde fazer, e por sua morte se achou todo o dinheiro junto assi como o houve, sem faltar nada.

E d'estes malaventurados judeus foram muitos mortos em Portugal de peste que comsigo traziam, e mortos com muito desamparo, por caminhos e terras despovoadas. E os que passaram em Fez foi nelles uma grande perseguição, que foram dos mouros roubados, deshonorados, e por força lhes dormiam com as mulheres e com as filhas e filhos, e a muitos matavam, cousa piedosa, e nunca tanta perseguição em lembrança de homens foi vista em nenhuma gente como nestes tristes judeus que de Castella sahiram se vio, e alguns depois destruidos, deshonorados e perdidos se tornavam a Castella a fazer christãos, e tambem outros se fizeram em Portugal e ficaram no reino.

#### CAPITULO CLXIV

*Da embaixada que El-Rei mandou a Roma com obediencia*

**E** no mez de Julho d'este anno de noventa e dois falleceu o Papa Innocencio oitavo, e succedeu em seu logar o Papa Alexandze sexto, que era Vice-canceller, de nação valenciano, e chamava-se D. Rodrigo Borja, do que El-Rei foi certificado em Cintra, a dezasete dias de Agosto. E mandou-lhe sua embaixada por D. Pedro da Silva, commendador-mór d'Avis, que ao dar d'ella se juntou em côrte de Roma com D. Fernando d'Almeida, Bispo de Ceuta,

seu irmão, e com D. Diogo de Sousa, Bispo do Porto que lá estava. E porém antes de lhe darem a dita obediencia estiveram por aviso d'El-Rei na cidade de Cena muitos dias esperando pela entrada d'El-Rei Carlos de França em Italia, a cuja parte e favor El-Rei fengidamente mostrava que se inclinava, porque era contrario a El-Rei de Castella, havendo-se d'elle por enganado no contracto da entrega de Perpinhão, em que ficara de o não impedir na requesta do reino de Napoles, e o impedia.

E porque neste tempo entre os Reis de Portugal e Castella houve causas e cousas que pareciam de quebra, El-Rei além das lianças que com França mostrava mandou no reino e fóra d'elle fazer grandes e dissimulados apercebimentos que para se segurar da guerra que desejava escusar, por causa de sua doença muito lhe aproveitaram. E os embaixadores depois da entrada d'El-Rei de França deram sua embaixada e obediencia, e foram com muita honra recebidos, e levava o dito embaixador mui honrada companhia.

## CAPITULO CLXV

### *De como se descobriram por Colombo as Antilhas de Castella*

No anno seguinte de mil e quatrocentos e noventa e tres, estando El-Rei no logar de Val de Paraizo, que é acima do mosteiro das Virtudes, por causa das grandes pestes que nos logares principaes d'aquella comarca havia, a seis dias de Março veio ter a Restello, em Lisboa, Christovão

Colombo, italiano, que vinha do descobrimento das ilhas de Cipango e Antilhas, que por mandado d'El-Rei e da Rainha de Castella tinha descoberto. Das quaes trazia comsigo as mostras das gentes e ouro, e outras cousas que nellas havia, e foi d'ellas feito Almirante. E sendo El-Rei d'isso avisado o mandou chamar e mostrou por isso receber nojo e sentimento, assi por crêr que o dito descobrimento era feito dentro dos mares e termos de seus senhórios de Guiné, como porque o dito Colombo por ser de sua condição alevantado, no modo do contar das cousas fazia isto em ouro e prata e riquezas muito maior do que era, e acusava El-Rei por se escusar d'este descobrimento, e não no querer mandar a isso, pois primeiro se lhe viera offerecer que aos Reis de Castella, e que fôra por lhe não dar credito. E El-Rei foi cometido que houvesse por bem de lho matarem ahi, porque com sua morte o deseubrimto não iria mais avante de Castella. E que dando Sua Alteza a isso consentimento, se poderia fazer sem suspeita, porque por elle ser descortez e alvoraçado podiam com elle travar de maneira que cada um d'estes seus defeitos parecesse a causa de sua morte. Mas El-Rei como era mui temente a Deos, não sómente o defendeo, mas ainda lhe fez honra e mercê, e com ella o despedio.

E cuidando El-Rei bem o negocio e peso d'este caso, se foi logo a Torres Vedras, onde logo sobre isso teve conselhos, em que foi determinado que armasse contra aquellas partes uma grande armada que logo mandou fazer com grande diligencia, e fez capitão-mór d'ella D. Francisco d'Almeida, que depois foi o primeiro Viso-rei da India, homem de muita confiança e muito bom cavalleiro, e sendo já a armada prestes chegou a El-Rei um mensageiro d'El-

Rei e da Rainha de Castella, os quaes por serem certificados que a dita armada ia contra outra sua que logo lá havia de tornar, mandaram requerer a El-Rei que a não mandasse até se vêr por direito em cujos mares e conquistas o dito descubrimento cabia, para o qual mandasse a elles seus embaixadores e procuradores com todas as cousas que fizessem por seu titulo, e segundo razão e justiça elles se justificariam e concertariam como fosse direito. Pelo qual El-Rei deixou de mandar a dita armada, e sobre isso mandou logo aos ditos Reis o doutor Pero Diaz e Ruy de Pina, que da verdade bem informados foram a elles, que estavam em Barcelona ao tempo que por El-Rei Carlos de França se fez a segunda concordia e entrega de Perpinhão e do condado de Roselhão em Catalunha. E os ditos procuradores não tomaram com os ditos Reis conclusão alguma, e a causa foi por lhe succederem assi prosperamente suas cousas com França, e principalmente porque antes de tomarem concerto sobre a dita conquista, ilhas e terras, quizeram outra vez ser certificados de toda a verdade d'ellas, e de tudo o que nellas havia, para que já tinham enviado seus navios, que ainda não eram tornados, porque segundo fosse a estima das ditas terras assi se concertariam, e para dilatarem este negocio, que não parecesse que o faziam por esperar a dita armada e passar este tempo sem se tomar conclusão, ordenaram de enviar a resposta a El-Rei por seus embaixadores, e assi lh'o mandaram dizer.

## CAPITULO CLXVI

*Da embaixada que El-Rei e a Rainha de Castella mandaram a El-Rei*

MANDARAM El-Rei e a Rainha de Castella a El-Rei por embaixadores um D. Pedro d'Ayala e D. Garcia do Carvajal, irmão do Cardeal Santa Cruz, e sobre o dito caso traziam procuração para concerto. Os quaes acharam El-Rei em Lisboa, e foram com muita honra recebidos, e elles traziam honrada companhia e grande aparato de negocio, tudo fingido, e depois de estarem com El-Rei taes cousas requereram e apontaram, e por taes meios e modos tão fóra de razão e conclusão, que bem claro se vio que vinham mais para dilatarem que para concerto algum, segundo suas razões e palavras eram mal concertadas, e El-Rei os despachou sem conclusão alguma, porque elles vinham sem ella.

E depois que os Reis de Castella foram sabedores de todo o das ditas ilhas e terras pelos navios que vieram, e de tudo bem certificados, El Rei lhe mandou sua embaixada: e os ditos embaixadores eram o D. Pedro d'Ayala muito manco de uma perna, e o D. Garcia do Carvajal muito vão, e El-Rei depois de estar com elles e os ouvir disse que aquella embaixada d'El-Rei e da Rainha seus primos não tinha pés nem cabeça: nas pessoas dos embaixadores, e na conclusão d'ella. E quando esta embaixada veio, era no tempo em que El-Rei mandara contar as mulas, e em entrando os embaixadores pela porta de S. Vicente, mandou El-Rei contar á porta quantos de cavallo sahiram de Lisboa, e achou-se que dois mi



## CAPITULO CLXVII

*Da embaixada que El-Rei mandou a El-Rei e Rainha de Castella*

**S**OBRE a concordia e concerto da dita conquista mandou El-Rei por seus embaixadores e procuradores aos ditos Reis Ruy de Sousa e D.

João de Sousa seu filho, e o licenciado Ayres d'Almada, Corregedor da Côrte, e Estevão Vaz por secretario, pessoas no reino de muito bom saber, grande confiança e muita autoridade, e com elles mui honrada, companhia, e foram com grande honra recebidos de toda a gente da côrte em Medina del Campo, onde os Reis estavam.

Deram suas embaixadas, e em nome d'El-Rei se concertaram com os ditos Reis sobre demarcação e repartição dos ditos mares, por certos rumos e linhas de polo a polo, por que as ditas ilhas e terras descobertas ficaram com os ditos Reis de Castella, com outra muita parte do mar e da terra, sem prejuizo da costa e ilhas da conquista de todo Guiné. De que se fizeram contractos assignados e jurados pelos ditos Reis, com grande seguridade, de que todos mostraram receber descanso e contentamento por se escusarem entre elles differenças e discordias que se já começavam a revolver, contrarias á sua paz e amizade. E com este assento concertado tornaram os ditos embaixadores no mez de Julho do dito anno a Setuvel onde El-Rei estava, que com sua vinda foi alegre, e os recebeu com muita honra e gasalhado, porque todos eram mui aceitos a elle.

## CAPITULO CLXVIII

*Dos avisos que El-Rei mandou aos ditos embaixadores*

**E**STANDO os ditos Ruy de Sousa, D. João, e Ayres d'Almada, embaixadores no dito negocio, e outros de muita importancia, muitas vezes por paradas que El-Rei tinha houveram carta em que lhes dizia:—tal dia vos hão de dizer El-Rei e a Rainha tal e tal cousa, a que respondereis tal e tal; e vindo o proprio dia lho diziam sem faltar palavra. De que os embaixadores eram muito espantados, e assim El-Rei e a Rainha por lhe responderem em proviso sem escreverem a El-Rei. Tanta parte tinha no conselho d'El-Rei e da Rainha de Castella, que tudo lhe logo era revelado antes de se fazer, e tinha maneira que ao duque do Infantado e a outros senhores mandava dadivas e mercês publicas, para os Reis de Castella se guardarem e não fiarem d'elles, porque sabia que não eram os do seu secreto, e aos de que mais se fiavam dava mercês tão grandes e tão secretas, que todos os conselhos e segredos lhe eram descubertos primeiro que nenhuma cousa se fizesse.

## CAPITULO CLXIX

*Da vinda de Monseor de Leão, francês, á côrte*

**N**o anno de mil e quatrocentos e noventa e tres, estando El-Rei em Torres Vedras, veio ahi um senhor de França, pessoa mui principal e de gran maneira, que se chamava

Monseor de Leão, o qual vinha grandemente acompanhado de muitos fidalgos, gentis homens e muito bem ataviados, e outra muita e limpa gente e muitos servidores, com grande aparato de sua mesa, e trazia muito boa capella de muitos e bons cantores, tudo como grande senhor.

Foi-lhe feito muito honrado recebimento, e El-Rei lhe fez muita honra, e a causa da sua vinda era de sua propria vontade, sem nenhuma obrigação, sómente pela grande fama que d'El-Rei pelo mundo corria de suas virtudes e grandezas desejou de o vêr e servir, e se lhe veio offerecer para com trezentas lanças o ir servir na guerra d'Africa. Sobre o qual lhe fez uma publica e bem ordenada falla em sala para isso ordenada, a que El-Rei respondeu como Príncipe mui prudente, e com muita honra e palavras de muito amor muito agradeceu sua vinda e tão bom offerecimento, e em signal de quanto com isso folgava o fez com muita honra e cerimonia conde de Gaza, que é em Africa, e lhe deu honrado assentamento, e fez outras grandes mercês de ginetes arreados, escravos e prata lavrada, e outras cousas. E assi aos fidalgos que com elle vinham, e lhe tomou pagens seus por moços fidalgos, a que fazia mui grande favor e mandava muito bem criar. E assi lhe ficaram cantores de sua capella, e d'ahi de Torres Vedras se despediu d'El-Rei com muito contentamento, e assi todos os de sua companhia, e elle com tenção de se fazer prestes para vir servir El-Rei como lhe tinha dito, e por as grandes guerras que logo succederam em França não pôde vir como levava determinado, e porém de França escrevia muitas vezes a El-Rei que o tivesse em lugar de seu criado, e que assi o teria sempre quando o seu serviço cumprisse.

E d'estes tinha El-Rei em muitas partes que secretamente recebiam d'elle muitas mercês, e de quem elle recebia muitos avisos bem necessarios a seu serviço e estado, e ao bem de seus reinos.

## CAPITULO CLXX

*Da embaixada e presentes d'El-Rei de Napoles*

AQUI em Torres Vedras veio a El-Rei um embaixador d'El-Rei de Napoles, com um mui grande e rico presente de cousas de muita estima, e o embaixador era muito grande de corpo, muito bem feito, e muito gentil homem, manhoso, avisado e de bom despejo, e o maior musico de cravo e orgãos que então se sabia, que El-Rei algumas vezes ouvio. O presente era os mais singulares arneses e cubertas de azeiro de cavallos, e outras cubertas de pintura, tudo o melhor que até então se vio, e assi outras muitas sortes de armas e arcos, e outras cousas de muita valia e grandissimas policias, que El-Rei muito estimou, e recebeu o presente em sala para isso concertada e com muita solemnidade, de que mostrou receber grande contentamento. E o embaixador foi grandemente recebido, e com muita honra d'El-Rei e de toda a côrte, e muitas vezes banqueteadado de alguns senhores por comprazerem a El-Rei. E d'ahi de Torres Vedras se partio, e El-Rei lhe fez muitas e liberaes mercês, de que elle foi mui contente e bem satisfeito.

cavalgava na rua Nova dos Mercadores, lhe fizesse algum favor para achar quem lhe emprestasse o dito dinheiro, e El-Rei disse que si. E ao domingo cavalgou, e na rua Nova chamou Ruy de Sousa, e só falando com elle deu tres voltas na rua Nova rindo ambos, e perguntou-lhe se abastaria; e Ruy de Sousa lhe disse que sobejava, e ao outro dia foi Ruy de Sousa á rua Nova, e a só dois mercadores que falou, lhe emprestaram os tres mil cruzados, e se vinte mil quizeram, tantos acharam, que tão estimados eram os homens que El-Rei favorecia.

E estando El-Rei em Evora, indo para se recolher depois de comer, lhe falou Ruy de Sousa em pé sobre uma cousa de justiça que El-Rei lhe não quiz fazer: e apertando Ruy de Sousa nisso soltou algumas palavras soltas com paixão: ás quaes lhe El-Rei respondeo aspero, e lhe mandou que se tirasse diante d'elle, e recolhido, por Ruy de Sousa ser pessoa principal, e velho que elle muito estimava, pesou-lhe do que lhe disse, e tanto que todos se recolheram mandou por uma mula, e cavalgou, e só com muito poucos se foi a casa de Ruy de Sousa, e mandou que lhe mandasse fazer uma camilha, queria hi ter a sesta, e mandou chamar D. João de Sousa seu filho, e com elles sós lhe disse:

«Ruy de Sousa, porque as palavras que hoje me disseses tocavam a Rei, vos respondi mal, que se tocaram a homem eu vo las soffrera como D. João que está hi, e com tudo como se eu fosse D. João vos peço que me perdoes, porque me pesa muito de vo-las ter ditas.»

E Ruy de Sousa e D. João lhe quizeram beijar a mão, e elle lha não quiz dar, e esteve com elles a sesta até a tarde, que acudiram os grandes e toda a côrte, e cavalgou e se tornou para os paços, trazendo

Ruy de Sousa e D. João comsigo, cada um de sua parte com muita honra e favor.

## CAPITULO CLXXIV

*Da mercê que El-Rei fez a Vasco Fernandes Cabral e a D. João Falcão, e a D. Martinho*

**Q**UANDO felleceu Fernão Cabral, fidalgo da casa d'El-Rei, e do seu conselho, Vasco Fernandes Cabral seu filho mandou pedir a El-Rei pelo conde de Marialva que lhe fizesse mercê de uma tença que ficara de seu pae, e El-Rei se escusou, e o conde disse a Vasco Fernandes que El-Rei lh'a não quizera dar. D'ahi a poucos dias passou Vasco Fernandes por ante El-Rei em uma sala, e elle o chamou e lhe perguntou cujo filho era, conhecendo-o muito bem; elle lhe disse que de Fernão Cabral; disse El-Rei:

«E vós viveis comigo, e soes para me servir no que vos eu mandar?» Respondeu-lhe, Senhor, si. E El-Rei tornou:—«Pois que soes para me servir, porque não soes para me pedir mercê do que ficou de vossa pae, e mo mandaes pedir por outrem, que cuidaes que pelo seu vo-la faço?» Ora mandae fazer o padrão da tença, que a vós que me haveis de servir faço a mercê, e não por respeito de ninguem».

E a João Falcão tinha-lhe El-Rei feito uma mercê, e por haver dias que não assignava houve o alvará á mão, e pedio por mercê ao capitão dos ginetes por ter com El-Rei muita valia, que lho assignasse lá dentro, e o capitão estando El-Rei assignando uns papéis lho deu, e pedio por mercê que assignasse, e El-

Rei o rompeu em pedaços, de que o capitão ficou mui agastado, e muito mais João Falcão quando o soube. E ao outro dia vio El-Rei João Falcão, e chamou-o, e disse-lhe: «Bem, a mercê que vos eu faço mandais vós assignar por ninguém. Ora hi a um escrivão que vos faça o despacho e mo dê logo, que a vós hei de assignar a mercê que vos faço, e não a outrem».

E D. Martinho de Tavora, filho de Ruy de Sousa, sendo mancebo pedio a El-Rei a alcaidaria-mór de Fronteira, que então vagara, e El-Rei lha deu, e elle acabado de lhe beijar a mão e sahido fóra da casa, topou com o conde de Farão, de que era muito amigo, e deu-lhe conta da mercê que lhe El-Rei fizera tão levemente e logo sem o remeter a official, indo mui contente. E o conde por folgar muito com isso entrou logo com El-Rei e lhe foi por isso beijar a mão, e El-Rei lhe disse: — Não me entendeu, que não lhe dei tal; — e quando o conde o disse a D. Martinho ficou morto, e tornou a El-Rei, e disse-lhe; — Senhor, não me fez Vossa Alteza agora mercê do castello de Fronteira? E El-Rei lhe tornou: — Si, mas homem que tão pouco sabe, que dá conta da mercê que lhe eu faço primeiro ao conde de Farão que a Ruy de Sousa seu pae, não é para ter fortaleza. E d'ahi a pouco vagou Sousel, e El-Rei o mandou chamar, e sem o elle saber nem pedir lhe fez mercê da fortaleza.

## CAPITULO CLXXV

*Da mercê que El-Rei fez a Nuno Fernandes, escrivão da camara de Lisboa*

**E**L-REI tinha Nuno Fernandes, cavalleiro de sua casa, em boa conta e fiava d'elle, e o mandava com um negocio a El-Rei de Fez para lá andar alguns dias, e o principal fundamento era para lhe vêr bem Fez, e os mouros e sitio, e quão forte era. E sendo lá vagou cá o escrivão da camara de Lisboa que rende quatrocentos mil réis, e pedindo-lho muitos El-Rei o não quiz dar.

E quando Nuno Fernandes veio e lhe beijou a mão, El-Rei lhe disse: — Bem achastes toda vossa casa, que eu tinha cuidado de mandar saber como estava, e emquanto lá andaste vagou cá o officio de escrivão da camara de Lisboa, que é honrado e de muito proveito, e por isso o guardei para vós; mandai fazer a carta d'elle. E d'esta maneira deu o officio de veador de sua fazenda a D. Alvaro de Castro sendo em Jerusalem. E ao Bispo do Algarve, que então era, deu o bispado de Lamego, e o officio de regedor da casa da Supplicação estando em Roma, e assi outros muitos d'esta maneira sem lhos pedirem nem saberem d'isso parte, que era cousa que muito contentamento dava aos homens, e grande desejo de o servirem, pois estando tão longe d'elle, e sem requerimentos lhe fazia mercês e honra, e isto fazia pelo livro das lembranças que tinha feito em segredo.



sabiam que haviam de haver fazendo o que não deviam.

## CAPITULO CLXXVIII

*Da mercê que El-Rei fazia a D. João de Atayde*

**E**L-Rei trabalhava quanto nelle era de buscar para os officios da justiça e de sua fazenda homens virtuosos, de boa tenção e bom saber.

E porque D. João de Athayde, filho mór do conde d'Atouguia, e herdeiro da casa, era muito virtuoso e amigo de Deus, como depois mostrou por obra, que se meteu frade e o têm por santo, e que fez milagres, El-Rei lhe dava e cometeo que fosse regedor da casa da Supplicação, sendo D. João homem mancebo, e apertando El-Rei com elle muitas vezes que o fosse, nunca o quiz acceitar, e por isso e pela muita honra que lhe El-Rei fazia, e assi a todos os homens religiosos e leigos que tinha por virtuosos, havia em sua vida muitos hypocritas, que todos queriam mostrar virtude, e muitos que então parecia que a tinham, depois da morte d'El-Rei se deram a conhecer, e mostraram bem quem eram.

## CAPITULO CLXXIX

*De como El-Rei mandou á ilha de S. Thomé os moços  
que foram judeus*

**N**o anno de quatrocentos e noventa e tres em Torres Vedras, deu El-Rei a Alvaro de Caminha, cavalleiro de sua casa, a capitania da ilha de S. Thomé de juro e de herdade, com cem mil réis de renda cada anno pagos na casa da Mina. E porque os judeus castelhanos, que de seus reinos se não sahiram nos termos limitados, os mandou tomar por captivos segundo a condição da entrada, e lhes tomou os filhos e filhas pequenos, que assi eram captivos e os mandou tornar todos christãos, e com o dito Alvaro de Caminha os mandou todos á dita ilha de S. Thomé, para que sendo apartados dos paes e suas doutrinas, e de quem lhes podesse falar na lei de Moisés, fossem bons christãos, e tambem para que crescendo e casando-se podesse com elles povoar a dita ilha, que por esta causa d'ahi em diante foi em crescimento.

## CAPITULO CLXXX

*Da doença da Rainha D. Lianor em Setuvel*

**V**INDO El-Rei de Santarem no anno de noventa e quatro de vêr a Excellente Senhora, em chegando a Alcochete lhe deram recado como a Rainha D. Lianor sua mulher, que em Setuvel ficara,

supitamente adoecera e estava muito perigosa. E El-Rei pelo grande bem que lhe queria, tanto que lhe a nova deram sem fazer detença alguma partio logo muito depressa, e muito só por mingoa de bestas, porque El-Rei partio de Benavente em uma barca, e por trazer bom vento e boa viagem veio em poucas horas, e cuidava repousar em Alcochete até as bestas virem por terra, e por isso foi nas bestas que achou no lugar, e só, e muitos fidalgos foram após elle em bestas de albarda por o seguirem.

Chegou a Sétuvel bem só muito noite, e achou a Rainha muito mal, e com pouca esperança de sua vida, de que ficou em extremo triste, e eu o vi chorar só muitas lagrimas com grandes soluços e suspiros, havendo-a já por morta, e ella foi sã, e viveu depois trinta annos, e este falleceu d'ahi a um.

E o duque e a duquesa irmãos da Rainha tanto que a nova souberam acudiram logo de Beja onde estavam, e foram em sua cura e visitasões continuos e diligentes, e a Rainha esteve de todo á morte com seu testamento feito, confessada, comungada e ungida, tudo como mui catholica Princesa. E de sua doença e perigo pesou muito a todo o reino, porque era muito bemquista de todos, e fizeram por ella em muitas partes procissões e muitas devoções, e prouve a Nosso Senhor de lhe dar vida, porém não inteira saude; porque vivendo depois mais de trinta annos sempre foi doente, e o mais do tempo em cama, no qual tempo depois da morte d'El-Rei viveu sempre mui honestamente como Princesa muito virtuosa, guardando mui inteiramente a honra d'El-Rei e a sua com muito grande honestidade, e fazendo a muitos muitas grandes mercês de grandes casamentos, e outros somenos, e muitas e mui continuas esmolas e obras mui virtuosas, e com grandes despesas suas fez

a egreja, dormitorios, enfermarias e botica das Caldas de Obidos, com totalas cousas em grande perfeição, e lhe deu muita renda para sempre se sustentar, obra mui santa e de muita misericordia, com que muitos são curados de graça. E assi fez o mosteiro da Madre de Deos, junto de Lisboa, casa de muita devoção e santa vida, e de muitos grandes cumprimentos e officinas, e muitas policias e refrigerios, tudo em muita perfeição, onde ella estava muita parte do tempo em honra dos paços que ahi fez para si, e aposentamentos outros, e assi fez outras muitas obras virtuosas dignas de memoria, como Rainha muito virtuosa, de muita bondade e honestidade, e mui amiga de Deos, e em estremo da honra e alma d'El-Rei seu marido que tão honradamente tinha seu corpo sendo morto, como o elle era em vida.

## CAPITULO CLXXXI

*De como El-Rei em Setuvel inventou e achou em cavallias e navios pequenos trazer bombardas grossas*

**P**ORQUE El-Rei sempre cuidava nas cousas que cumpriam a bem de seus reinos e a defensão e e guarda d'elles, e via que para guardar o estreito de navios de mouros e a costa de cossarios se despendia muito nas armadas de grandes nãos que para isso mandava armar: como era engenhoso em todos os officios e sabia muito em artelharias, cuidando muito nisso por melhor guardar sua costa com mais seguridade e menos despesas, aqui em Setuvel com muitos esprimentos que fez achou e orde-

nou em pequenas caravellas andarem muito grandes bombardas, e tirarem tão rásteiras que iam tocando na agoa, e elle foi o primeiro que isto inventou. E poucas caravellas d'estes grandes rios fazem amainar muitas naos grossas : porque até então não andavam no mar tiros grossos, e ellas com elles, e por serem muito ligeiras e pequenas, que as naos grossas lhe não podiam fazer nojo com os seus tiros, foram tão temidas no mar as caravellas de Portugal muito tempo, que nenhuns navios por grandes que fossem as ousaram esperar, até que se soube a maneira em que traziam os ditos tiros, e se trouxeram depois como agora trazem geralmente em todas as partes, o que d'antes não era, e El-Rei foi o primeiro que o inventou.

E assi mandou fazer então a torre de Cascaes com sua cava, com tanta e tão grossa artelharia que defendia o porto : e assi outra torre e baluarte de Caparica defronte de Belem, em que estava muita e grande artelharia, e tinha ordenado de fazer uma forte fortaleza onde ora está a formosa Torre de Belem, que El-Rei D. Manuel, que santa gloria haja, mandou fazer, para que a fortaleza de uma parte e a torre da outra tolhessem a entrada do rio. A qual fortaleza eu por seu mandado debuxei, e com elle ordenei á sua vontade, e elle tinha já dada a capitania d'ella a Alvaro da Cunha, seu estribeiro mór e pessoa de que muito confiava, e porque El-Rei logo falleceu não houve tempo para se fazer, e a sua não grande que foi a maior, mais forte e mais armada que se nunca vio, mais a fez para guarda do rio que para navegar. Que posta sobre ancora no meio do rio, e ella só o defendera, quanto mais a fortaleza e torre, porque era a maior e mais forte e armada não que se nunca vio.

## CAPITULO CLXXXII

*Partida d'El-Rei para Evora e do que ahi fez*

**E** porque a doença d'El-Rei assentou em mortal idropesia no verãe d'este anno, e a villa de Setuvel por ser humida era contraria á sua saude, elle com a Rainha se foram á cidade de Evora na entrada do inverno. Onde por descarrego de sua consciencia mandou pelo reino Alvaro Pacheco, cavalleiro de sua casa, e com elle Estevão Barradas com muito dinheiro para pagarem alguma parte da prata das egrejas e dinheiro dos orphãos que se tomou para as guerras de Castella em tempo d'El-Rei D. Affonso seu pae, que ainda não era acabada de pagar, e então se pagou tudo. E aqui em Evora no inverno se achou algum tanto melhor, e ia muitas vezes á caça, e no verãe lhe correram muitos touros na praça e no terreiro dos paços, e houve muitos galantes a cavallo que andaram a elles, e dia de S. de João andando já bem fraco e descorado, por não perder seu costume jogou as canas no terreiro dos paços e na praça com muita galanteria e invenções, e acabadas na sotea dos paços deu a todos um muito abastado e perfeito almoço, o que tudo fazia por seu muito esforço, não tendo já forças, só por dar contentamento aos de seu reino, que por caso de sua doença andavam todos muito tristes.

## CAPITULO CLXXXIII

*De como El-Rei ordenou officiaes para despacharem*

**E**L-Rei porque em sua saude se gastava com papeis e petições, na doença entendia nelles de peor vontade, e porém sempre despachava e fazia o que era obrigado, ainda que fosse com paixão, e porque era muito justo e muito virtuoso, e pelas grandes paixões e agastamentos de sua grande doença não podendo bem despachar, doendo-se das partes a que não podia acudir como desejava, ordenou certos letrados que com alguns do concelho entendessem em todas as cousas do reino, e com justiça as despachassem, ficando somente algumas que El-Rei havia de despachar por si, e a elle se havia de requerer. E porque se houvesse de assignar tudo o que se despachasse lhe faria muito damno á sua enfermidade, mandou fazer dois signaes o grande e pequeno, entalhados em ouro, para que como lettra de fôrma assignassem tudo, e quando assi vinham os despachos, com as vistas postas nelles El-Rei dava o signal, e por qualquer official que presente era se assignava tudo diante d'elle com muito resguardo, e eu o fiz muitas vezes diante d'elle por seu mandado.

## CAPITULO CLXXXIV

*Do que El-Rei disse a Ruy de Sande*

NESTE tempo estando El-Rei em Evora, um Nuno Antunes, cavalleiro de sua casa, veio da Mina por capitão de sua caravella, e trazia trinta mil pesos d'ouro, e porque morriam de peste em Lisboa sahio em Setuvel, e trouxe o ouro todo a El-Rei para o vêr por ser muito, antes de se levar a moeda, e vinha feito em muitas cousas diversas de muitas feições, e parecia isso muito mais. El-Rei estando com poucos, sómente algumas pessoas com que folgava, mandou estender o ouro todo em uma alcatifa, e estando-o assi vendo, disse Ruy de Sande manso a Diogo da Silveira: — Bem contente e descansado estaria quem tivesse todo aquelle ouro. El-Rei ouviu o que disse, e virou-se a elle, e disse-lhe: — Certifico-vos Ruy de Sande que vo-lo dera todo se o já não fizera a El-Rei D. Affonso de Napoles.

## CAPITULO CLXXXV

*Do que El-Rei disse a João Fogaça vindo da Sitima*


Foi El-Rei um sabbado caçar e jantar a Sitima como muitas vezes fazia, e porque El-Rei tinha mandado que sempre em sua ucharia houvesse em muita abundança todos os pescados bons e chacinhas, para que quando faltasse ás pessoas principaes podessem lá mandar por tudo, e assi era sempre em



tanta abastança, que o que se lançava a longe podre e se levava em despesa ao uchão era muito grande cousa. E porque então não fez tempo para poder vir pescado de Setuvel e Lisboa, d'onde sempre vinha, e o veador João Fogaça vio que os que iam com El-Rei não tinham muito de comer como sempre comiam em muita perfeição. Por escusar alguma paixão, pedio a Diogo Pires de Sequeira que servisse por elle, e não foi com El-Rei, e vendo El-Rei que nas outras mesas não havia tanta abastança de pescados bons como sohia, pesou-lhe muito, e quando veio para a cidade e João Fogaça o veio esperar á porta e levava a barba rapada d'aquelle dia, El-Rei como o viu disse-lhe alto perante todos:—Veador, vós vindes com a vossa barba rapada, e eu com a minha muito cheia de vergonha por quão mal nos hoje destes de comer.» E com quanto o veador não tinha culpa, porque fôra pelo forte tempo que passara, lhe pedio por mercê que lhe perdoasse, e que tal não passaria mais.

## CAPITULO CLXXXVI

*Do que El-Rei fez ao Bispo de Evora vindo de Viana*

 Bispo de Evora D. Affonso, filho do marquez de Valença e primo com irmão da Infanta D. Breatiz, era de sua condição isento e livre. E por alguns descontentamentos que El-Rei d'elle houve o mandou sair fóra de Evora até sua mercê, o que o Bispo logo cumprio e se foi a Viana da par de Alvito, onde esteve muitos dias. E indo El-Rei um dia a Viana o Bispo mui acompanhado dos seus e dos da villa o veio receber ao caminho, e El-Rei lhe fez muito

grandes honras e muito gosalhado, e á mesa com muita graça fallou sempre com elle, e assi na festa com muito despejo, por onde o Bispo ficou tão contente que lhe pareceu que El-Rei de todo era fóra da paixão que d'elle tivera, e que indo com elle o deixaria entrar em Evora sem mais requerimentos, e cometeu de o fazer. E no caminho á vinda, vindo El-Rei falando com o Bispo com muito prazer, vio passar umas azemolas do Bispo e conheceu suas devisas e armas, e entendeo a tenção do Bispo, e fez que não via nada, e vendo que o Bispo por dissimulações queria entrar em Evora sem lho pedir, foi sempre falando com elle até Santo André, que é perto dos muros, onde já chegou muito noite, e alli lhe disse El-Rei:—«Bispo será bem que vos torneis embora, que é já tarde»; e assim o despedio, e o Bispo corrido, e com seu fato já em Evora, e o fundamento desfeito se tornou a Viana, onde chegou ás duas horas depois de meia noite bem enfadado e cansado, e porém d'ahi a poucos dias o mandou El-Rei vir para a cidade sem requerimento algum.

## CAPITULO CLXXXVII

*Do que El-Rei disse a D. Martinho sobre seu irmão*

**S**AINDO El-Rei um dia dos paços para cavalgar, decendo pelas escadas vinha-lhe fallando D. Martinho, veador da fazenda, em um requerimento de D. Pedro seu irmão, e El-Rei vendo ante si muitas partes que esperavam e requeriam despachos, disse alto a D. Martinho que o ouviram todos: — «Melhor seria falardes-me vós no despacho d'estas partes que aqui andam por despachar, que no despa-

cho de vosso irmão a que não ha de fallecer tempo ; de que D. Martinho ficou corrido, e as partes muito contentes. E como El-Rei veio entendeu em seus despachos e os despachou todos.

## CAPITULO CLXXXVIII

*Do piloto e marinheiros que El-Rei mandou matar*

**U**M piloto e dois marinheiros fugiram para Castella com dinheiro da Mina furtado, e com intenção de servirem a El-Rei, que tanto que o soube teve tal maneira que dentro em Castella os houve logo á mão. E trazendo-lh'os todos, foi sabido das irmandades que por muitas partes espalhados vieram após elles. E os que os traziam sentindo os que vinham, e vendo que os não podiam trazer todos sem muito risco de suas pessoas, se embrenharem em uma grande mata, e mataram os cavallos por não rincharrem, e aos dois marinheiros cortaram as cabeças, que trouxeram, e ao piloto depois da terra segura, e as irmandades idas, trouxeram andando de noite com anzolos na boca por não fallar, e vieram com elle a Evora, onde logo foi esquartejado, por onde nenhum ousava de ir como não devia, porque não sabiam onde podessem escapar a El-Rei, e com mandar ás vezes matar poucos escusava a morte de muitos, e outras perdas e damnos que aos Reis fazem quando não tem medo nem receio, que quanto bem os bons fazem por amor, tanto mal os maos deixam de fazer com temor.

## CAPÍTULO CLXXXIX

*Do que se fez em Evora á entrada de uma porta da sala*

NESTE tempo foi El-Rei um domingo ouvir missa á Sé, e com sua doença se achou lá muito mal e agastado, e mandou ao veador que tivesse a mesa posta em uma sala grande, e que a tivesse de todo despejada, e o veador o fez assi e lha teve sem pessoa alguma, muito augoada e enramada de canas e ramos verdes. Vindo El-Rei entrando pela porta sem entrar ninguem diante a mandou fechar; muitas pessoas principaes não sabendo o que elle tinha mandado, e por ser em sala quizeram entrar, e punham força nas portas, e por serem muito grandes, e o veador e porteiros as não poderem fechar, disseram alto: Senhores, tende-vos que manda El-Rei que não entre pessoa alguma. E elle em ouvindo o rumor virou atraz, e disse alto:—Abri essas portas. Em se abrindo, os que por força queriam entrar e houveram de cair por diante, em vindo El-Rei caíram todos por detrás uns sobre os outros, que tanta força pozeram por El-Rei não vêr os que queriam forçar a porta, e não se vio algum á porta, e El-Rei as mandou ficar abertas, e enquanto comeu não pareceu pessoa alguma em toda a varanda, que d'esta maneira era temido e acatado andando já para morrer.

## CAPITULO CXC

*Do que El-Rei disse um dia a D. Martinho*

VINDO El-Rei um dia da missa da capella d'Evo-  
ra pela varanda, vinha falando com elle D.  
Martinho, veador da fazenda, em uma cousa  
sua d'El-Rei, e em chegando á sala, estando muitos fi-  
dalgos e cavalleiros juntos de uma parte e da outra,  
El-Rei lhe respondeu alto fóra do proposito em que  
falavam, e disse:— Não hei de dar isso a esse ho-  
mem, porque não sabe ter uma lança na mão, nem  
trazer uma espada na cinta. Que não só era contente  
de fazer honra e mercê aos valentes homens e bons  
cavalleiros, mas ainda dava a entender que a não ha-  
via de fazer aos que taes não fossem. Por onde to-  
dos trabalhavam de o ser, ou ao menos de o parecer.

## CAPITULO CXCI

*De como El-Rei ordenou que em sua capella rezassem  
as oras canonicas como egreja cathedral, e do que  
passou com o Adaião*

TODOS Reis passados, e assi El-Rei, porque até  
este tempo em suas capellas não se fazia mais  
que dizerem-lhe missas e vesporas quando ahi  
as queriam ouvir, e os capellães diziam missas nas  
egrejas onde queriam e as oras rezavam em suas pou-  
sadas, e ás vezes nas estrebarias vendo curar suas  
mulas, e El-Rei como era catholico, e muito devoto e

amigo de Deus, por se os officios divinos fazerem com mais perfeição e acatamento, e em muita perfeição, estando aqui em Evora neste anno, ordenou e fez que todos seus capellães cantores, e moços da capella rezassem as oras solemnemente em sua capella cantadas como em egreja cathedral, e assi mandou logo para isso fazer seus côros e assentos, e muitos ornamentos, e todalas cousas necessarias mui perfeitas e em grande abundança, e porque folgassem de o fazer, e com melhor vontade ir servir Nosso Senhor, deu-lhe logo rendas de que houvessem cotidianas distribuições, e a poz na ordem e regimento em que ora está, que é a melhor servida capella que Rei christão tem. E estando El-Rei ouvindo missa, rezava com elle Diogo de Sousa, Adaião de sua capella, que depois foi Arcebispo de Braga, e em se El-Rei levantando ao Evangelho se lhe tirou um pantufo do pé, e querendo tomal-o, o Adaião se abaixou rijo e tomou o pantufo, e em joelhos lh'o quizerá metter no pé. E El-Rei houve menencoria, e disse-lhe aspero:—Tirai-vos di. Isso haveis vós de fazer? O homem que toma o Sacramento nas mãos as ha-de pôr no meu pantufo? Ora por esse mau ensino que fizestes, tanto que acabarem a missa vos hi logo para a pousada, e não saiaes d'ella até o eu mandar; e o teve por isso um mez em casa, que d'esta maneira acatava e honrava e reverenciava o culto divino.

## CAPITULO CXCI

*De como El-Rei fez e ordenou meirinho do paço*

**O** Prior do Crato D. Diogo de Almeida, e D. João de Sousa, houve entre elles differença, e em ausencia vieram a dizer muitas más palavras um do outro, e a tanta quebra que cada dia se esperava que viessem a rompimento e ás cutiladas onde se topassem, e aqui em Evora acertaram ambos a ter todas suas valias, que eram tamanhas e tão nobre gente que não havia homem na côrte que não fosse de uma parte ou da outra, e elles valentes cavalleiros, e porque se viessem a romper ambos fôra gran união e fizera-se muito mal, porque andavam muito acompanhados de seus parentes e criados, e se fôra no paço, ou no terreiro fôra já muito pior, e El-Rei não podera deixar de dar os grandes castigos que em tal caso mereciam; por evitar isto ordenou então e fez meirinho do paço um Estevão Fernandes, cavalleiro de sua casa, valente homem de sua pessoa, e deu-lhe doze homens da guarda escolheitos e buscados para isso, homens de coração e bem despostos, muito bem vestidos das côres d'El-Rei, que com alabardas nas mãos estavam sempre á porta do paço em assentos que lhe ahi pozeram, e mandou El-Rei ao meirinho e a elles que qualquer pessoa que no paço ou no terreiro tirasse espada, que o matassem sem haver hi prisão nem outra cousa, e assi o mandou notificar por escriptos postos ás portas do paço, e com este mandado d'El-Rei que todos tinham por mui certo, houveram tamanho receio, que os bandos se desfizeram por si, sem mais haver ajuntamento. E este foi o

primeiro meirinho do paço que em Portugal houve, e por ser officio tão necessario ficou sempre de então para cá.

## CAPITULO CXCIH

*Do que El-Rei fez sobre dois moços fidalgos que houveram brigas no paço*

**D**ois moços fidalgos já grandes, e porém andavam ainda em pelotes, houveram rasões no paço e vieram aos cabellos. Soube-o El-Rei, e mandou-os logo chamar ambos para os castigar como moços, e não virem a mais, e ficarem em brigas e pendenças. Veio um d'elles a que logo mandou açoutar por Antão de Faria, e os parentes do outro quando o souberam, esconderam-no, e não no quizeram mandar, e como El-Rei vio que não vinha mandou chamar o Corregedor, e sahio com uma sentença em que o degradava por dez annos para Ceuta. Os parentes se vieram agravar de tão aspera sentença, e El-Rei lhe disse:—Pois não quizestes que o castigasse como moço, castiguei-o como homem. Houveram elles seu conselho, e depois de havido, trouxeram todos juntos o moço a El-Rei para que o castigasse á sua vontade. El-Rei como vio o ajuntamento, perante todos pedio um pão, e andando muito doente o tomou pelos cabellos e o espancou bem. E cansado se recolheu a outra casa, e disse a D. João de Menezes, e a Ayres da Silva: Não dei aquelle moço senão pelas dar aquelles necios que vinham juntos a fazer caso no bem que eu queria fazer, e quiçá se ficaram em brigas não se ajuntarão para isso como agora vinham juntos, e eu por aqui lhas atalhei.



## CAPITULO CXCV

*Do que El-Rei disse ao Comendador mór sobre Gonçalo d'Afonseca*

**G**ONÇALO d'Afonseca, homem fidalgo e mui bom cavalleiro, era pequeno de corpo, e El-Rei o favorecia e lhe fazia honra e mercê, e um dia estando em pratica com certos senhores e fidalgos vieram a fallar nelle, e o Comendador mór D. Pedro da Silva disse: Gonçalinho d'Afonseca, e El-Rei lhe disse logo: Gonçalinho lhe chamais, não sei se vós vos tomardes com elle Gonçalão vos parecera. Isto disse El-Rei pelo máo ensino que foi em lhe chamar perante elle Gonçalinho.

## CAPITULO CXCV

*Do que El-Rei disse ao Mordomo mór sobre o aposentador*

**M**ordomo mór D. João de Menezes sobre umas pousadas disse más palavras a Alvaro Rodrigues, aposentador, que foi logo fazer queixume a El-Rei, que o mandou logo chamar, e estando-lhe perguntando por o caso, e reprehendo-o muito d'isso, o Mordomo mór lhe disse: Vossa Alteza. não quer crêr a mi, e dá credito a Alvaro Rodrigues que é muito grande sandeu. E El-Rei lhe respondeu: Mais sandeu sereis vós se outra vez disserdes tal palavra perante mi. De que D. João lhe pedio logo perdão em joelhos, e lhe beijou a mão pelo ensino.

## CAPITULO CXCVI

*Do que El-Rei disse ao conde de Borba em um conselho*

**C**onde de Borba D. Vasco Coutinho, de sua condição falava sempre muito alto, e ás vezes quando se queria frautar falava muito baixo, e um dia estando El-Rei em um conselho, quando veio o conde a dizer seu parecer falava tão baixo que se não ouvia, e El-Rei lhe disse:—conde, os vossos baixos são tão baixos que vos não ouve ninguém, e os altos tão altos que se não houve ninguém com-vosco.

## CAPITULO CXCVII

*Do que El-Rei disse sobre as espadas*

**E**STANDO certos senhores e fidalgos um dia perante El-Rei em pratica sobre qual era melhor espada, se a comprida ou a curta, os mais eram que a comprida, e elle disse:—Muito melhor espada é a curta, porque o verdadeiro portuguez não ha de ferir senão com os terços.

do pelote, que menos mal é que trazer lenço lavrado como mulher. E em vida d'El-Rei nunca ninguém perante elle trouxe luvas untadas, nem lenços lavrados, nem barbas tintas, nem unturas, e os homens que com necessidade traziam cabelleiras, que eram muito poucos, havia-se por tacha. Que nos porquês pozeram: porque traz Nuno Pereira cabeleira sobre velho, e elle seria homem de quarenta annos.

## CAPITULO CCI

### *De algumas coisas que El-Rei disse a Garcia de Resende*

**Q**UANDO El-Rei deu casa ao Principe D. Affonso seu filho, antes das festas me passou a elle, e eu pezando-me muito lhe pedi por mercê com algumas lagrimas que me não desse ao Principe, porque nenhuma pessoa desejava servir senão a Sua Alteza, e mais que era muito moço, e me agasalhava com meu tio, e passando-me ao Principe ficava desagasalhado; e El-Rei me disse: — Eu quando dei casa a meu filho dei-lhe os meus livros da cosinha para que elle á sua vontade escolhesse nelles os moradores que quizesse, entre os quaes elle escolheu a ti. Ora como queres tu que lhe tire eu nenhum d'aquelles que elle por meu mandado escolheu? E mais por essa vontade e lagrimas que te vejo me lembrarei sempre de ti, e servindo tu a meu filho serves a mi, e o impedimento de teu tio é nenhum, porque meu filho não no hei de apartar de mi, e mais é melhor para vós outros, porque teu tio requerá a mi por ti, e tu a meu filho por elle.

Tão humano era El-Rei para os baixos, que a um moço como eu estava assi confortando e dizendo taes palavras, e sempre em vida do Principe me fazia favor. E depois da morte do Principe quando tornei para elle me fez logo mercê da sua escrevaninha que ficára de Ruy de Sande quando fôra acrescentado, e havia perto de um anno que a não dava a ninguem, e era então a melhor cousa que havia entre os moços da camara, porque El-Rei sempre escrevia com a sua escrevaninha, e nunca molhava a pena quando escrevia, sómente eu lh'a tinha na mão molhada e limpa, e como a com que elle escrevia gastava a tinta, elle m'a dava e tomava a outra, e sempre tinha na mão uma pena concertada com tinta, e via tudo o que elle escrevia, e um dia estando elle escrevendo para El-Rei de Castella, e eu só com elle no escriptorio, por eu vêr ser cousa de muita substancia estava com o rosto virado para outra parte, e elle querendo a pena, quando me viu estar virado disse: — Vira-te para cá, que se me não fiasse de ti não te mandaria estar ahi, e porém isto não te dê presumpção, senão vontade para melhor servir e ser melhor ensinado. E eu lhe beijei a mão, de que elle mostrou folgar, e dava a outros e a mi tantos e bons ensinios, que nunca houve pae que os taes dêsse, e elle me ensinou as horas pelo norte, e assi outras cousas que por lhas eu então não merecer quiz Deos que agora lhas servisse em escrever sua vida, e contar suas virtudes.

Eu debuxava muito bem, e elle folgava muito com isso, e me ocupava sempre, e muitas vezes o fazia perante elle em cousas que me elle mandava fazer, e porque eu levasse gosto em o fazer me disse um dia perante muitos, que me prezasse muito d'isso, porque era tão boa manha que elle desejava muito de a saber, e que o Imperador Maxemiliano seu primo

era grã debuxador, e folgava muito de o saber e fazer.

E porque eu começava de tanger bem me mandava ensinar, e me ouvia muitas vezes na sesta, e de noite na cama, e me gabava tanto e tantas vezes, que eu não cuidava em outra cousa senão em servir e aprender.

E estando uma noite na cama já despejado, me perguntou se sabia as trovas de D. Jorge Manrique, que começam: — *Recorde el alma dormida*: e eu lhe disse que si; fez-mas dizer de cór, e depois de ditas me disse que folgava muito de mas vêr saber, e que tão necessario era a um homem sabe-las como saber o Pater noster, e gabou muito o trovar de muito singular manha, e isto porque eu fiz uma trova que elle vio, e a gabou muito por me dar vontade de o aprender e saber fazer.

Quando El-Rei ia para o Algarve no tempo de seu fallecimento, diziam-lhe os fisicos que se guardasse de dormir de dia, e elle por não dormir jogava sempre na sesta o enxadrez, e no caminho já na serra do Algarve foi jantar a um ribeiro de muito boa agoa debaixo de umas soveiras grandes, e depois de comer quizera jogar o enxadrez como sempre fazia por não dormir, e a bolsa com os trebelhos estava ahi, e o taboleiro era diante com a cama por esquecimento, e elle houve d'isso desprazer, e disse muitas más palavras ao moço da guarda roupa, e bem agastado, e eu vendo como estava assi apaixonado, ajuntei duas folhas de papel, e com tinta debuxei nellas um taboleiro, e com uma pouca de cera vermelha fui logo e disse-lhe: — Senhor, aqui trago taboleiro, e apeguei-lho na mesa com a cera. Ficou tão ledo e folgou tanto, como se fôra uma grande cousa, e fez-me muito favor, gabando-me muito, e disse perante todos: —

Para que é trazer taboleiro, nem trazer nenhuma cousa, senão trazer sómente Resende! Que d'esta maneira era agardecido de qualquer cousa por pequena que fosse.

## CAPITULO CCII

*Do que El-Rei fez em Evora sobre a vinda do pão*

**E**STANDO El-Rei em Evora começou de haver necessidade de pão havendo muito na cidade em poder de alguns fidalgos e cidadãos que o não queriam vender, esperando que o haviam de vender a como quizessem. Mandou-lhes El-Rei rogar a todos que vendessem seu trigo a trinta réis o alqueire, que lhe parecia preço honesto para elles ganharem, e o povo ser provido, pois havia annos que o não venderam tão caro, e que nisso lhe fariam prazer, e que se o não quizessem vender, que soubessem certo que depois lho não deixaria vender emquanto na cidade estivesse.

Escusaram-se todos, esperando por maior valia, salvo um João Mendes Cecioso, cidadão honrado, que mandou logo levar á praça uns quarenta moios que tinha, e mandou dizer a El-Rei se queria Sua Alteza que o puzesse a vinte réis que assi se venderia. Aguardeceu-lhe El-Rei, e quiz que a trinta se vendesse, e fez-lhe logo por isso mercê de dois escravos. E mandou logo ao Mestrado de Santiago em Castella dizer que lhe aprazia dar licença para poderem vir a Evora vender seu pão, como lhe requeriam havia dias e El-Rei não queria por lhe não levarem o dinheiro do reino, e tanto que teve recado que estava muito pão para vir, mandou logo apregoar pela cidade que qual-

quer homem d'ella que vendesse trigo emquanto elle ahi estivesse, que perdesse por isso sua fazenda, e mandou pôr sobre isso tanta guarda que se não vendeu alqueire.

Acudiu logo de Castella tanto que valia a vinte réis o alqueire. E o anno seguinte valeu em Evora a quatorze réis o alqueire. Por onde todos os que tinham pão o perderam quasi todo.

E El-Rei sem castigo os castigou bem, e deu grande perda aos cubiçosos, e muito proveito a sua côrte e a todo o povo, de que sempre tinha muito grande cuidado. E quando sahio de Evora para as Alcaçovas mandou dizer aos que o não quizeram servir, que agora que se elle ia da cidade poderiam vender seu pão, em que os ainda tornou a envergonhar.

## CAPITULO CCIII

### *Partida d'El-Rei de Évora para as Alcaçovas*

**E**STEVE El-Rei com sua côrte até o mez de Julho de mil e quatrocentos e noventa e cinco em Evora, onde muito folgava, e mandava muito nobrecer os paços e a cidade em que havia então quatro mil e quinhentos moradores, em que entravam muitos fidalgos honrados e dos principaes do reino; havia na cidade trezentos de cavallo, e de então para cá foi sempre minguando, e tinha já El-Rei ordenado de fazer vir a ella agua da fonte da Prata, onde já tinha muitas fontes compradas, e feitas de aboboda, e concertadas, e medida a agua que á cidade podia vir, que era muita, e estando assi sobrevieram á cidade rebates de peste, e taes que esteve muitos dias encer-

rado, com os paços fechados para vêr se os podia remedear, e vendo que iam em crescimento se partio para as Alcaçovas com a Rainha, o duque, e o senhor D. Jorge mui aforrados com certos escolhidos e logo nomeados, e nas Alcaçovas foi a doença d'El-Rei em grande crescimento para mal, que se gastava e sumia, e enfraquecia muito, e perdia o gosto de comer, e era tão malenconizado que lhe aborrecia já vêr gente, e não folgava com cousa alguma.

## CAPITULO CCIV

*De como determinaram que El-Rei entrasse em banhos*

No fim do mez de Setembro os principaes fisicos que no reino havia e ahi eram com El-Rei tiveram muitos conselhos sobre sua cura, e pelos mais se acordou que era bem entrar em caldas, nas de Monchique ou nas de Obidos, e porque as aguas d'ellas eram desviadas, em alguma maneira foi acordado de buscarem doentes da doença d'El-Rei para mandarem a ambas as caldas, e verem as que faziam mais proveito, o que logo se fez, e buscaram muitos idropicos que logo ás ditas caldas foram levados por pessoas que El-Rei com elles mandou.

El-Rei tinha determinado ir invernar a Santarem, onde já de Evora tinha mandado parte de sua casa, e no fim de Setembro foi El-Rei folgar a Villa Nova de Alvito, e a Rainha no mesmo dia se foi vêr com a Infanta sua mãe e com a duquesa sua irmã a Vianna, as quaes por comprazerem a El-Rei trabalhavam com ella que quizesse vêr o senhor D. Jorge e servir-se d'elle, que por o a Rainha o não querer fazer (como



atrás se disse) foi El-Rei alli nas Alcaçovas em grande desavença com ella: e esperou-se que da vinda da Rainha ás Alcaçovas a que logo El-Rei e ella vieram, o senhor D. Jorge saísse a recebe-la e beijar-lhe as mãos: mas não se fez porque houve para isso dilação para se tomar conclusão.

## CAPITULO CCV

### *Da embaixada que ás Alcaçovas veio d'El-Rei e da Rainha de Castella*

Foi El-Rei d'aqui das Alcaçovas a Viana, e vindo de lá o mandou Ruy de Sousa avisar ao caminho como ia a elle um embaixador de Castella, que se chamava D. Alonso da Silva, pessoa principal e de muito bom saber, irmão do conde de Cifontes, e vinha bem acompanhado. O qual sem querer recebimento, nem no mandar dizer a El-Rei o foi tomar ao caminho de Viana. E porque El-Rei era já avisado da vinda do embaixador, e que vinha para a meude avisar os Reis de Castella de sua doença e disposição, depois de lhe o embaixador beijar a mão lançou um ginete em que vinha tres ou quatro vezes, e alçou o braço, e disse alto: — Ainda este braço está para dar um par de batalhas, e d'ahi a pouco disse a mouros. E logo nas Alcaçovas ouviu o dito embaixador, e querendo despacha-lo, quando lhe disse que vinha para andar na côrte devagar, o mandou ir a Estremoz, por El-Rei estar para partir para as caldas, e ahi em Estremoz o teve com cavalleiros em que confiava que o guardavam e tinham como preso, e não

mandava carta a Castella que lhe não fosse tomada e mandada logo a El-Rei.

## CAPITULO CCVI

*Da armada que El-Rei tinha prestes para o descobrimento da India*

**P**ELos grandes desejos que El-Rei sempre teve do descobrimento da India, no que muito tinha feito e descoberto até além do Cabo de Boa Esperança, tinha concertada e prestes a armada para descobrir-la com os regimentos feitos, e por capitão-mór d'ella Vasco da Gama, fidalgo da sua casa, e por fallecimento d'El-Rei a dita armada não partiu. E El-Rei D. Manuel, que santa gloria haja, tanto que reinou mandou partir a dita armada assi como estava prestes, pela mesma ordenança, e os mesmos regimentos que estavam feitos, e por capitão-mór o mesmo Vasco da Gama, que depois foi conde da Vidigueira, e almirante das Indias, que com a ajuda de Deos e seu esforço como valente cavalleiro, com grandes perigos e trabalhos a descubrio.

## CAPITULO CCVI

*De como El-Rei determinou de ir ás Caldas do Algarve*

**E**STANDO uma noite El-Rei ceando lhe trouxeram um moço do doutor Pero Diaz que vinha das Caldas do Algarve, onde fôra mandado doente

de idropesia, e era d'aquelles que El-Rei mandara para experimentar às Caldas, e porque de todo veio são, cresceu a vontade a El-Rei de ir, e assi o determinou, e porque era já tarde, no mez de Outubro, houve nos fisicos contradições em alguns. Principalmente em um mestre Leão, judeu, muito bom fisico, que o contradisse, e requereu a El-Rei que não fosse lá, e elle não quiz ir com elle, e houve outros que lhe disseram que fosse. E logo ao outro dia mandou El-Rei partir João Fogaça diante a Monchique a lhe concertar as Caldas e seu aposentamento, e tudo o que fosse necessario para logo ir após elle.

## CAPITULO CCVII

### *De como El-Rei fez seu testamento*

**P**ORQUE Nosso Senhor Jesu Christo no tempo da necessidade nunca desempara os catholicos e virtuosos, e os devotos seus; mas então acode com sua graça e misericordia, como sabia que o tempo da morte d'El-Rei se chegava, e que fôra El-Rei justo e muito temente a elle, lhe quiz em tal tempo acudir com sua ajuda e piedade, e porque foi muito devoto da sua morte e paixão, lhe deu graça para que antes que morresse fizesse todas as cousas que cumpriam a salvação de sua alma, como fez inteiramente como catholico Principe que era. E mandou chamar logo frei João da Povia, frade observante da ordem de S. Francisco, homem muito virtuoso e de santa vida, que era seu confessor, e a elle se confessou logo mui perfeitamente, e com muita devoção de suas mãos tomou o Sacramento, e acabado isto

com elle fez seu justo e verdadeiro testamento, estando ambos sós assentados, e foi escripto com as minhas penas e meus aparos, e eu estava á porta de fóra, e acudia quando chamava.

E estando El-Rei assi fazendo o dito testamento, chegou o duque á porta, e perguntou-me que fazia El-Rei, e eu lh'o disse, e perguntei se queria sua senhoria que dissesse a El-Rei como elle ahi estava, e disse que não, e se assentou na casa de fóra, que estava de todo despejada com só Ayres da Silva e Antão de Faria, e El Rei sentio que viera alguém, chamou, e perguntou-me quem era, e eu lhe disse que o duque, e que me perguntara que fazia Sua Alteza, e eu lh'o dissera, e perguntara-lhe se queria que dissesse a Sua Alteza como elle estava ahi, e elle me dissera que não, e se fôra assentar; e El-Rei me respondeu: — Bem fez, e bem fizeste.

E assi estiveram até bem noite, e acabaram o testamento de todo, e d'esta confissão e testamento foi alli em muita amizade e amor com a Rainha sua mulher, e de todo fóra de algumas paixões em que andavam. E neste proprio tempo que o duque chegou á porta, bem longe de cuidar o que se fazia, o deixou El-Rei e declarou no dito testamento por só e legítimo herdeiro d'estes reinos e senhorios, e deixou-lhe o senhor D. Jorge seu filho encomendado como vassalo seu. O qual testamento foi assi verdadeiro e virtuoso, que Deus foi com elle servido, e todolos do reino mui contentes.

## CAPITULO CCIX

*De como El-Rei partiu para o Algarve e aprovou seu testamento*

**E**L-REI assentou em ir ao Algarve aforrado e levar comsigo o sr. D. Jorge seu filho, e que a Rainha e o duque se fossem logo a Alcacer do Sal, e ahi o esperassem, para na vinda a Rainha por ser mal desposta ir a Setuval por agua, e d'ahi a Al-cochete, e pelo rio acima ir a Santarem, e El-Rei por terra correndo montes, os quaes caminhos se não fizeram, porque Deus ordenou outra cousa.

E no proprio dia que El-Rei partio das Alcaçovas na entrada do mez de Outubro, pela manhã antes que partisse aprovou publicamente seu testamento, em que assignaram sete pessoas mais principaes que ahi estavam, entre os quaes foi o duque e o senhor D. Jorge, e acabada a aprovação, em uma quarta feira pela manhã partio, e foi dormir a Ferreira, e ao outro dia partio alegre e bem disposto, e por Messagena e Panozas, e os Colos foi suas jornadas até o sabbado que chegou a Monchique e esteve o domingo, onde sentio frio, e ahi folgou o dia, e vio luctas dos da terra e da côrte, com que folgou, e fez luctar Ayres Teles (que ora é frade) que era grande luctador, e ganhou alli as fogaças, com que El-Rei recebia prazer. E a segunda feira por a frialdade da terra ser já muita, foi El Rei aconselhado que não entrasse nas Caldas, e elle por se achar em boa disposição todavia foi aquelle dia dormir ás Caldas, e entrou nellas, e ao outro dia terça feira tambem entrou nas Caldas pela manhã e á noite, muito contente de si, e dizendo que se achava

melhor, e assi entrou a quarta feira pela manhã, e á tarde porque ahi perto estavam porcos emprazados para monte, perguntou aos fisicos se poderia lá ir, e disseram-lhe que si, e bem forrado para o frio, e coberto para o ar, embuçado com touca e um chapeu por ordem dos fisicos, foi lá em cavallo muito manso em que vinha no caminho, e sendo lá, ou pelos quatro banhos que tinha tomados, ou pelo abalo que fez se achou mal, e veio com muito grande dôr de estomago, e com fruxo que o logo muito apertou, com que ficou muito agastado e triste, porque por se achar os dias d'antes bem, tinha muita esperança de sua saude, e com este fruxo ficou duvidoso d'ella, e por não poder mais esteve nas Caldas a noite de quarta feira, e a quinta, e a sexta feira com grandes agastamentos.

## CAPITULO CCX

*Partida d'El-Rei das Caldas para Alvor*

**A**o sabbado pela manhã o melhor que pôde El-Rei cavalgou a cavallo bem fraco, e foi jantar a uma quinta de bons pomares e casas que estava no caminho, e d'ahi dormir a Alvor onde chegou tarde com muita fraqueza, e pousou nas casas de Alvaro de Atayde, e o senhor D. Jorge com muita gente da d'El-Rei por seu mandado se foi a Villa Nova de Portimão, onde foi de D. Martinho, senhor da villa, que depois foi conde d'ella, servido com muitos grandes banquetes, e El-Rei esteve em Alvor alguns dias que se levantava, e vinha de uma camara onde jazia a uma casa de baixo : e deitado vestido em uma camilla ouvia missa na salla, e isso fez algu n

dias até que veio a tanta fraqueza que se não podia levantar, e lá na camara lhe diziam missa, e da cama via Deus.

E indo El-Rei cada vez para peor, o senhor D. Jorge o veio vêr duas vezes, e no mais e sempre d'ambas tornou dormir a Villa Nova, e logo pareceu a muitos que El-Rei tinha o duque seu primo declarado por Rei, pelo verem ficar em Alcacer tão afastado, e El-Rei vêr tão poucas vezes o filho, e indo El-Rei achando-se cada vez peor desejou muito vêr a Rainha sua mulher e o duque seu primo, e por a Rainha ser mal desposta lhe pareceu que não poderia vir, e escreveu ao duque e lhe rogou muito que o viesse vêr com tenção de lhe declarar como o deixava por Rei, e encommendar-lhe seu filho, e porque o duque tardava lhe mandou El-Rei outro recado por Antonio de Miranda, e depois outro por D. Martinho de Noronha, e o duque vindo já para Alvor, e estando no lugar dos Colos, foi aconselhado que não fosse mais adiante, e com recados e cartas que disse receber da Rainha, em que o mandava chamar á pressa para vir vêr El-Rei se tornou a Alcacer, e por o capitão Fernão Martins Mascarenhas mandou dizer a El-Rei que elle tornara por mandado da Rainha, porque ella a grande pressa o queria ir vêr, o qual recado foi dado a El-Rei a sexta feira pela manhã quando elle se achou bem, e folgou muito com isso, e logo começou de ordenar onde a Rainha e o duque haviam de pousar, e porque o fruxo d'El-Rei ia em muito grande crescimento os fisicos ordenaram de lho estancar, e com remedios que para isso fizeram lho estancaram, e porque o humor era já muito corrupto por todo o corpo, como não tivesse lugar de sair, saltou com elle letargia tão grande, que o não deixava acordar nem abrir os olhos senão fóra dos seus sentidos dor-

mir sempre, e com muito trabalho o acordavam, e acordado dizia a todos com grande efficacia que por amor de Deus o acordassem, e o não deixassem morrer como besta.

Falavam-lhe muito alto, bolliam com elle, esfregavam-lhe os pés, e vendo que com nada acordava, o Prior do Crato D. Diogo d'Almeida, que nesta doença, elle e Ayres da Silva o serviram grandemente, e tanto que se El-Rei vivera lhes houvera de fazer grandes mereês, e quiçá outros o não esperaram, tomou El-Rei pela barba e bradou rijo:—'Senhor acordai, e elle acordou muito inteiro, e disse:—Prior, essa mão mais honesta fôra posta em outro lugar, que pés havia ahi; estando morto não consentia cousa mal feita. E com esta paixão de dormir esteve até quinta feira bem noite, vinte e dois de Outubro, em que os fisicos tomaram por remedio dar-lhe mezinhas para tornar ao fruxo, para com elle retornar a seus sentidos.

E neste dia de quinta feira os de seu conselho que presentes eram sem o elle saber mandaram uma caravella a Lisboa para de lá trazer panos de dô, tochas e veludo preto, e outras cousas. E com isto que se logo soube dizem que o duque se tornou, e no reino houve alguns alvoroços, e como El-Rei torvou a sair, á sexta feira pela manhã cedo alivou, e sem ter os accidentes que tinha ficou alegre com mostranças de são, que claramente cuidou que era. De que na villa houve grande alvoroço e muito prazer e alegria, e veio a gente toda ao paço, que havia dias que o não viram, e o tinham por morto. E elle ouvindo o rumor perguntou que era, e quando lhe disseram que era com prazer de sua saude mandou abrir a porta e disse: — Deixai entrar essa gente que folga de me vêr, e eu a elles.

Entraram todos com elle, poucos e poucos, e com



muito prazer e alegria e muitas lagrimas .lhe beijavam a mão e logo se tornavam a sahir, e elle rindo fazia a todos muito agasalhado. E aquelle dia se fizeram muitas festas e alegrias, e El-Rei fez logo escrever cartas para a Rainha e para o duque, e para as cidades principaes do reino, e asai a muitas villas, dando-lhe conta do seu accidente passado de que estivera mal, e que já estava bem com esperança de vida, encomendando a todos que lhe rogassem a Deus por ella, e não fizessem alvoroços alguns, e em algumas partes encomendou que lhe fizessem procissões a casas devotas. As quaes cartas foram logo feitas, e sendo muitas as assignou todas per si, e com muita pressa foram dadas em todo o reino. E muitos as tiveram por não verdadeiras e cuidaram que eram falsas, e que El Rei era morto. E a sexta feira pela manhã cedo mandou chamar o senhor D. Jorge seu filho a Villa Nova, onde estava, e o veio logo vêr acompanhado de muitos fidalgos, que com muito grande prazer e alegria vieram vêr El-Rei, que muito folgou com o filho e com elles, e logo depois de comer o fez tornar com todos os que com elle vieram.

## CAPITULO CCXI

*De como El-Rei conheceu sua morte, e se quiz nisso certificar dos fisicos e dos que com elle eram, e como lhe foi descoberto, e o que sobre isso fez*

**E**STEVE El-Rei assi a sexta feira até a tarde, em que logo se achou mal, e foi em todos a maior tristeza que podia ser, porque o haviam já por são, segundo pela manhã até depois de comer estive-

ra, e estava já fóra do nojo e receio passado. E assi El-Rei ficou muito triste e mui cortado, e toda aquella noite deu muitos suspiros com muita paixão, porque aquelle dia se dera por são, o qual prazer lhe durou tão pouco.

E ao sabbado se achou já muito pior, e se lhe dobrou o fruxo, com que lhe vieram desmaios e mortais accidentes, pelos quaes El-Rei conheceo sua morte. E como Principe prudente e muito devoto, e bom christão, pelos fisicos e pessoas principaes que com elle era o quiz saber, e ser da verdrde desenganado. E os chamou todos juntos, e com muita segurança e esforço lhe disse os signaes que em si sentia, por onde lhe parecia que se chegava sua morte, e porque com suas dôres e paixões poderia ser imaginação, queria saber a verdade d'elles, a qual pela obrigação que a Deos e a elle tinham lhe não encobrissem, pois sabiam quanto nisso ia para sua vida ou salvação de sua alma. E elles lhe disseram que praticariam sobre isso, e a resposta trariam a Sua Alteza, e depois de todos praticarem e terem por muito certo a morte d'El-Rei, escolheram para lhe darem o triste e mortal desgano o Bispo de Tangere D. Diogo Ortiz, e o Prior do Crato D. Diogo d'Almeida, que não lho podendo dizer com muitas lagrimas e saluços lhe disseram que os fisicos eram já desesperados de sua saude, e que sua morte senão escusava senão fosse por milagre de Deus. E o Bispo como grande letrado e o Prior como esforçado cavalleiro lhe disseram então o que para sua alma e corpo cumpria, e El-Rei muito em si, e com o rosto mui seguro como muito esforçado e valente Principe lhes respondeu:

—Essa embaixada que me ambos dais é bem triste e de muita desconsolação para o corpo, mas com ella dou muitas graças a Deos, e pois elle d'isso é servido,

sei que para salvação de minha alma é mui necessaria, e pois me fez tanta mercê que me deu conhecimento de minha morte, espero da sua misericórdia que pelos merecimentos de sua santa morte e paixão, e não pelo eu merecer se lembrará de minha alma; e logo com muita segurança mandou desarmar a casa e armar nella altar com a cruz, e um retavulo de Nosso Senhor Jesu Christo crucificado, e Nossa Senhora, e S. João, e mandou tirar a arquelha e desfazer a cama alta e fazel-a no sobrado, tudo com tanto tento e socego, como se fôra para partir para mais perto. E logo com muita devoção e lagrimas se confessou e commungou, e á noite com Ayres da Silva camareiro-mór fez uma cedula além do testamento que nas Alcaçovas fizera e ficara em poder de Antão de Faria, o qual era ahi já trazido, e assi com grande cuidado começou de entender nas cousas de descargo de sua alma. E porque em tal tempo o não importunassem com desordenados requerimentos, quizera vêr pelos livros de seus moradores as pessoas a que tinha mais obrigação de acrescentar e satisfazer, e fazer mercê, e assi tambem perdoar, e a isto dos livros da cozinha não deu logar a brevidade do tempo e os muitos e sobejos requerimentos das pessoas que com elle eram

E porque o camareiro mór Ayres da Silva sabia já certo pela cedula que escrevera como El-Rei deixava o duque por seu herdeiro e successor, lhe pediu por mercê que com a tal nova o mandasse ao duque, porque por ella lhe fizesse honra e mercê, e que tambem elle melhor que outrem requereria as cousas do Senhor D. Jorge seu filho, que El-Rei na cedula muito encomendava ao duque. E a El-Rei aprouve que Ayres da Silva e D. Alvaro de Crasto veador de sua fazenda fossem ambos, por serem cunhados e muito

amigos, com a dita nova ao duque. E ao sabado bem noite El-Rei só com Ayres da Silva acabou a dita cedula e assignou, e cerrou Ayres da Silva, e pôs o sinete: e tambem foi escripta com meus aparos e penas como o testamento; e beijou a mão a El-Rei com muitas lagrimas, e logo elle e o dito D. Alvaro partiram com ella de Alvor bem noite caminho de Alcacer, onde o duque estava com a Rainha.

## CAPITULO CCXII

*Dos perdões que El-Rei pedio e satisfações e mercês que fez, e como foi sua morte, e das cousas que fez e disse*

**A**o domingo pela manhã cedo El-Rei mui devotamente ouvio missa, e com muitas lagrimas e grande contricção e arrependimento de seus pecados tornou a comungar outra vez e mandou com muita pressa a Lagos pelo oleo da santa unção com o qual veio o prior da dita villa com todalas cousas necessarias. E logo com os Bispos e capellães que eram presentes com muita devoção e lembrança de Deos tomou a derradeira unção tão inteiro na fé e com tanta accusação de si mesmo, que a todos fazia inveja. E ao jantar comeo um meolo de pão molhado em sumo de lombo de vaca assado, e alguns bocados de outras cousas, tendo já tamanho soluço, que cada vez que lhe vinha parecia que já lhe sahia a alma, e por escripto mandou pedir perdão á Rainha sua mulher, e á Iufanta D. Breatiz sua sogra, e ao Cardeal D. Jorge da Costa com palavras de muita humildade e verdadeira contricção.

E assi por palavra pedio perdão á clerezia, cavalleiros e povos de Portugal, com conhecimento de algumas cousas que fizera como não devia, e a muitos homens fez com muita temperança muitas mercês de tenças e quitas, officios e beneficios, satisfações em dinheiro, segundo cada um o merecia, e os padrões e alvarás assignava por sua mão, tendo já a alma na boca, e ao duque seu primo como a herdeiro e successor encomendava já que as cumprisse inteiramente segundo se nellas continha, e tudo dava e deu com tanta temperança, peso e medida, e tão justamente, que a nenhuma se pôs duvida.

E neste tempo de tão poucas horas de vida a algumas pessoas se escusou El-Rei de cousas que lhe requeriam, com tanta razão e honestas palavras, que ganhou muito mais louvor na temperança que teve em as não dar, do que ganhara em as dando. Porque assi repartia as satisfações e mercês com tal tento e igualdade como se estivera para viver outros quarenta annos. E disse a D. Martinho, veador da fazenda, sendo homem que elle sempre muito estimou e mui aceito a elle, pedindo-lhe Villa Nova para seu filho D. Martinho:—Eu verdadeiramente estou já tal e de maneira, que dando-vos agora isso pareceria que dava o alheio, porém vós sois tal que não virá nenhum após mim que vos não faça muita honra e muita mercê.

E neste tempo de seu fallecimento não quiz El-Rei que estivesse com elle o senhor D. Jorge seu filho, nem que viesse ahi, e mandou que quando Deus fosse servido de o levar, logo seu testamento fosse aberto; nelle achariam o que depois de sua morte haviam de fazer, e que depois de visto o levassem logo tres do seu conselho ao duque seu primo, e porque nelle tinha mandado que o enterrassem na egreja de Lagos,

onde fôra enterrado o Infante D. Anrique seu tio, tornou a mandar que o levassem á cidade de Silves, e lançassem seu corpo na Sé, e depois levassem d'ahi sua ossada ao mosteiro da Batalha, como levaram depois por El-Rei D. Manuel com muito grande honra e muita solemnidade, como em seu lugar se dirá.

E estando El-Rei tirando com muita pena, o Bispo de Tangere lhe lembrava alto muitas cousas santas e muito necessarias em tal tempo, entre as quaes tocou algumas da Biblia; elle lhe disse:— Bispo não me lembreis nenhuma cousa da lei velha.

O Bispo do Algarve D. João Camelo que com elle estava, sendo muito bom homem, mui liberal e gastador, era havido por máo clérigo, e nunca dizia missa nem entendia em officios divinos: e El-Rei o tinha d'isso reprehendido algumas vezes, e era d'elle por isso descontente, e estando nesta derradeira hora lhe disse:— Bispo eu vou mui carregado de vós; por amor de mim vivei d'aqui adiante bem e a serviço de Deus, e dá-me vossa fé de o fazeres assi: e o Bispo lha deu, e elle lhe tomou a mão de o cumprir.

E dando-lhe a assignar um padrão de certa renda que deixou a D. Anna de Mendoça, mãe do senhor D. Jorge seu filho, tendo a pena na mão para o assignar a deixou cahir, e começou de chorar muito, e porque o confortavam disse:— Não me conforteis que eu fui tão máo bicho que nunca me acenaram que não mordesse; e com muitas lagrimas o assignou. E porque lhe falavam por Alteza como soiam, disse:— Não me chameis Alteza, que não sou senão um saco de terra e de bichos.

Um Francisco da Cunha, das Ilhas Terceiras chegou a elle, e disse-lhe que pelas cinco chagas de Jesu Christo lhe fizesse alguma mercê, que era fidalgo e muito pobre; El-Rei lhe mandou com muita pressa

fazer um padrão de trinta mil réis de tença, e o assingnou, e disse-lhe que tomasse a prata que na casa estava, que não tinha já que lhe dar, e em o outro se saindo disse El-Rei: — Já posso agora isto descobrir: nunca em minha vida me pediram cousa á honra das cinco chagas que não fizesse.

Mandou saber em que ponto estava a maré, e dando-lhe a resposta disse: — D'aqui a duas horas me finirei, e assi foi. E estando assi com muita pena tirando, com grandes e mortaes soluços que lhe acudiam de quando em quando, disse: — Tenho tamanho amargor na boca que se não pôde soffrer. Disse-lhe o Bispo de Coimbra: Senhor lembre-vos o vinagre e azedo que deram a beber a Nosso Senhor Jesu Christo estando na cruz, e não vos amargará a boca, e El-Rei lhe respondeu: — Oh! Bispo, quanto vos agradeço isso, porque esse passo só me esquecia da paixão. E estando assi veio-lhe um muito grande accidente antes de lhe sahir a alma que o trespassou, e cuidando todos que era finado, o Bispo de Tangere lhe fechou os olhos e a boca, e elle o sentio, e tornou a si, e disse: Bispo ainda não vem a hora. E fallando sempre palavras santas, e encommendando a todos que não chorassem então por lhe não fazerem torvação, beijando muitas vezes o vulto de Nosso Senhor e a Cruz com os olhos postos nelle, e a candêa na mão, com todo seu perfeito saber e os sentidos mui espertos e a vista toda inteira sem fazer geito nenhum, rezando sempre com os Bispos verso por verso, e na derradeira com o nome de Jesus na boca, com grandissima devoção dizendo: — *Agnus Dei, qui tollis peccata mundi miserere mei*, lhe sahio a alma da carne domingo em se querendo pôr o sol, vinte e cinco dias de Outubro do anno de Nosso Senhor Jesu Christo de mil e quatrocentos e noventa e cinco, em idade de quarenta annos e seis mezes,

dos quaes foi casado com a Rainha D. Lianor sua mulher vinte e cinco e reinou quatorze annos e dois mezes, e sendo muito virtuoso na vida acabou d'esta maneira, que é muito para haver inveja.

## CAPITULO CCXIII

*Das pessoas que com El-Rei eram ao tempo de sua morte*

Com El-Rei eram ao tempo de seu fallecimento estes senhores e pessoas principaes do conselho e fidalgos, s. o Bispo de Coimbra D. Jorge de Almeida, o Bispo de Tangere D. Diogo Ortiz, capelão mór, e o Bispo do Algarve D. João Camello. O conde de Penella D. João de Vasconcellos, o Prior do Crato D. Diogo d'Almeida, D. Martinho, veador da fazenda, D. João de Sousa, Ayres da Silva, camareiro mór, Fernão Martins Mascarenhas, capitão dos ginetes, D. Alvaro de Castro, D. Diogo Lobo, Lopo da Cunha, trinchante, D. Francisco d'Eça, D. Pedro de Castro, D. Anrique de Sousa, João Fogaça, veador, Alvaro de Atayde, Nuno Fernandes de Atayde, Affonso de Albuquerque, Diogo Lopes de Sequeira, Pero Corrêa, D. Duarte de Menezes, Ayres Telles, Antonio de Mendoça, Fernão de Albuquerque, Pero de Mello, João Freire, D. Martinho de Noronha, D. Manuel de Menezes, Antonio de Miranda, Alonso Anriques, Vasco de Foes, Ruy de Pina e outros fidalgos, cavalleiros, officiaes e capelães, que foi por rol aforrado. E os que com El-Rei sempre estavam e o curavam, e faziam todo serviço, eram sómente o Prior do Crato e Ayres da Silva, o doutor mestre Rodrigo, fi-



sico mór, e o doutor de Lucena físico da Infanta, e mestre Josepe, e Affonso Fernandes Montaroyo, thesoureiro da casa, e Antão de Figueiredo, moço da guarda roupa, e eu Garcia de Resende, que a este se não tinha porta e os outros entravam ao comer e quando El-Rei o mandava.

E na casa onde El-Rei falleceu eram presentes estas pessoas, s. o Bispo de Coimbra com a cruz nas mãos, o Bispo de Tangere com o vulto de Nosso Senhor, o Bispo do Algarve com a agua benta, e Diogo Fernandes Cabral, todos rezando com elle verso por verso, e o conde de Penella, que lhe teve a candeia na mão, e o Prior do Crato, e o capitão Fernão Martins, e D. Francisco d'Eça, e Affonso Fernandes Montaroyo, e Antão de Figueiredo, e eu Garcia de Resende que a tudo fui presente por dormir em sua camara e nunca sair d'ahi.

## CAPITULO CCXIV

### *Do que se fez depois da morte d'El-Rei*

**E**STEVE assi morto com o rosto descuberto mais de uma hora até de todo ser frio, e emquanto o concertavam e amortalhavam muito limpamente para o meterem na tumba, os principaes que ahi estavam tiraram de um cofre o seu testamento que logo abriram, e Ruy de Pina o leu perante todos, e se achou nelle que deixava ao duque seu primo por verdadeiro herdeiro d'estes réinos e senhorios, e o declarou por Rei d'elles, encomendando-lhe muito com palavras de grande amor e muita obrigação o senhor D. Jorge seu filho, a que deixou feito duque de Coimbra

e senhor de Montemor-o-Velho, com as villas que tinha o Infante D. Pedro seu visavô. E mais encomendava ao duque que lhe desse todalas cousas que elle em duque tinha, em que entrava o mestrado de Christus e a ilha da Madeira.

E o titulo de duque com algumas cousas d'estas lhe deu El-Rei D. Manoel depois de reinar, e de outras se escusou porque o reino o não poderia consentir, e mais aquelle tempo não era para tamanhas cousas se darem a uma pessoa, tendo já os mestrados d'Aviz e Santiago. E mais sendo El-Rei mancebo e solteiro, com esperança de logo casar e haver muitos filhos, como houve, que não poderia com elles tanto partir tendo o senhor D. Jorge tres mestrados. E acabado de lêr o testamento, os senhores e os do conselho fizeram sua cerimonia devida e costumada, em que logo declararam e houveram o duque por seu Rei e senhor, e assi lhe escreveram e mandaram logo o testamento por tres honradas pessoas do conselho.

E á meia noite foi o corpo d'El-Rei levado em uma tumba, cuberto de veludo preto, e em cima uma cruz de damasco branco, posto em cima de uma azemola cuberta com um grande reposteiro de veludo preto, com muitas tochas á Sé de Silves, com muita tristeza e muito grandes prantos dos senhores e fidalgos, cavalleiros e povos que ali eram e acompanhavam. E foi enterrado na Igreja Maior, onde jouve com esperança de milagres que Nosso Senhor por elle fazia, e d'ahi foi depois levado ao mosteiro da Batalha por El-Rei D. Manuel que santa gloria haja, com muita infinda honra e acatamento e solemnidade, onde ora jaz seu corpo, onde teem muitos que tem feitos muitos milagres, e em seu corpo por uma buraca que tem na sepultura se tocam muitas cousas e se levam por reliquias de santo. E a nova certa do fallecimento

d'El-Rei foi dada á Rainha e ao duque em Alcacer logo ao outro dia segunda feira. E a terça feira logo seguinte vinte e sete dias de Outuhro do dito anno de mil e quatrocentos e noventa e cinco, o duque foi solemnemente alevantado e obedecido por Rei em Alcacer do Sal, e assi logo em todo seu reino com muita paz e concordia de todos.

## CAPITULO CCXV

### *Do que se achou em uma boeta d'El-Rei*

**D**EPOIS do fallecimento d'El-Rei o Bispo de Tangere e o Prior do Crato, secretamente, e sós, com a casa despejada por os outros senhores serem idos a suas pousadas ordenar sua partida para Silves, como ambos eram feituraz d'El-Rei e mui acceitos a elle, abriram uma sua boeta, de que elle sempre trouxe a chave, por ouvirem dizer e haver entre alguns suspeita que El-Rei trazia ali peçonha com que mandara matar o Bispo D. Garcia, para que sendo assi a deitassem no mar e não se soubesse tamanha vergonha, e abrindo a boeta com esta boa e leal tenção de bons criados, acharam nella um confessorio e umas disciplinas, e um aspero celicio, que era bem desviado do que cuidavam, e tornaram a fechar a boeta.

E quando El-Rei foi enterrado lhe lançaram dentro no ataude tres alcofas de cal virgem para ser comido mais cedo, e quando o desenterraram cuidando achar sómente os ossos o acharam todo inteiro, que se conhecia como em vivo, e com um muito suave cheiro não sabido, que cheirava muito bem, de que

foi mui grande espanto, e assi inteiro jaz ainda agora, e as cousas que em seu corpo tocam prestam para muitas enfermidades, e tem feito muitos milagres, como dito é.

## CAPITULO CCXVI

*De como o senhor D. Jorge veio a El-Rei D. Manuel*

**E**M Silves acabado o enterramento do corpo d'El-Rei, os que com elle foram se tornaram para o senhor D. Jorge, que estava em Villa Nova, principalmente o Prior do Crato, que era seu aio, d'onde logo partio acompanhado de muitos senhores e honrados fidalgos, e veio ter o dia de Todos os Santos a Messagena no campo d'Ourique, onde chegou a elle Anrique Corrêa, irmão de sua mãe, com as primeiras cartas d'El-Rei escriptas de sua mão, com palavras de confortos e muita esperança, que ahi em Messagena lhe deu, e d'ahi partio o senhor D. Jorge caminho de Montemor-o-Novo onde El-Rei já estava, e de caminho foi decer ao paço cuberto de burel, elle e todos os que com elle vinham, e foi beijar a mão a El-Rei que o recebeu com muito grande agasalhado e mostranças de muito amor e com lembrança da morte d'El-Rei, com que alli se não podera escusar muitas lagrimas e tristeza. E o Prior do Crato seu aio, por lho assi ter mandado El-Rei seu pae, tomou o senhor D. Jorge pela mão, e ambos com os joelhos em terra o entregou a El-Rei seu tio, e sobre isto fez uma falla alta a El-Rei em que com palavras de muita prudencia e grandes obrigações pedio a El-Rei mercê e acrescentamento para o senhor D. Jorge, e a elle com outras muitas aconselhou que sempre muito bem e leal-

mente o servisse e amasse, como a seu verdadeiro Rei e senhor, e logo então El-Rei recolheu em sua casa o senhor D. Jorge e o tratou e honrava como era razão.

## CAPITULO CCXVII

*De Garcia de Resende, em que diz como El-Rei fallecendo foi sua morte mui sentida, e como Nosso Senhor sempre dá seus galardões conforme aos serviços que lhe fizeram*

**F**ALLECEU El-Rei sem pae nem mãe, sem fillo nem filha, sem irmão nem irmã, e ainda com muito poucos fóra de Portugal, no reino do Algarve, em Alvor, muito pequeno logar. E seudo assi na côrte tão só, foi de todos tão sentido, tão chorado, com tamanhos doridos e publicos prantos que mais não podera ser, sendo mui acompanhado, e todo o reino foi vestido de burel, almafega e vaso, com tamanho nojo e tristeza, que a cidade de Lisboa além dos grandes e solemnes sahimentos que pela sua alma fez, mandou apregoar que nenhum barbeiro fizesse barba nem cabellos d'ahi a seis mezes, sob mui graves penas, e assi se cumprio mui inteiramente, o que nunca se vio nem leu que por outro Rei se fizesse, e tambem em outras cidades se fez isto muito bem com mui grande sentimento, que ainda que El-Rei fosse só de parentes o acompanhavam muitas e grandes virtudes, grandezas e grande esforço, e muitas perfeições que nelle havia, e por que Nosso Senhor Jesu Christo sempre dá seus galardões e grandissimas mercês e acostumadas misericordias, conformes aos serviços que lhe fizeram, e aos corações, vontades e tenções com que

forem feitos, manifestamente o quiz agora manifestar nesta morte d'El-Rei, como elle em sua vida por desejo, por divisa, e por obras manifestava. E porque sempre seus pensamentos e cuidados eram em servir a Deus e cumprir seus mandamentos com grande fervor de fé, esperança e caridade, e em amar muito seus povos, que pela lei e pelos seus dizia que derramaria seu sangue como Pelicano por seus filhos, Jesu Christo Nosso Senhor, verdadeiro Pelicano lho quiz altamente pagar nesta mesma moeda, que pela grande devoção e contricção que El-Rei tinha se lembrou tanto de sua alma á hora de sua morte, que acabou tão santamente que é havido por santo, e pelo muito grande bem que a seus povos queria ficou a todos em geral um tão grandissimo amor á sua alma e sua memoria, sua vida e seus feitos, que para sempre será desejado, louvado, muito bemquisto e de mui honrada fama, que d'esta maneira sabe Nosso Senhor pagar os serviços que lhe fazem, e a outros que o servem por cousas vãs d'este mundo nelle lhe dá prosperidades, senhorios e riquezas, honras, poderes e mandos, saude, muitos prazeres e muita pompa mundana, e por isso veja cada um da maneira que o serve, que da sorte que servir d'essa lhe pagará. Porque dá aos que deve, perdoa a quem tem razão, reparte muito por muitos, dá sempre sem lhe mingoar, por conhecer bem a todos não pôde ser enganado, aos bons dá galardão, aos máos castigos e penna, não olha altos nem baixos senão quem tem mals virtudes. Como qualquer peccador brada por elle lhe acode, está com os braços abertos para todos recolher. Cheio de misericordia, de verdade, de justiça, de constancia, sem mudar-se de fazer bem, e não mal, de graça, consolação, de piedade, humildade, de saude, de conselho, de amor, de caridade, de castidade e de paz, de verdadeira espe-

rança e da gloria para sempre, e tambem pena eternal.

## LAUS DEO

---

*Tresladação do corpo do mui catholico e magnanimo e esforçado Rei D. João, o segundo d'este nome, da Sé da cidade de Silves para o mosteiro da Batalha, por o mui serenissimo e esclarecido Senhor El-Rei D. Manuel seu sucessor e herdeiro nestes reinos e senhorios de Portugal*

**A**SSI como o virtuoso e esclarecido Rei acabou seus dias (como fica dito) e levado á Sé de Silves com aquella honra que a tal Rei pertencia, metido em seu ataude com muita cal dentro nelle para se o corpo comer mais cedo, e sepultado na dita Sé, esteve assi até o anno de mil e quatrocentos e noventa e nove annos, em o qual tempo o muito poderoso e excellente Rei D. Manuel no mez de Outubro foi por elle com todolos grandes de seus reinos, Arcebispos e Bispos e clerezia, e o mandou levar ao mosteiro da Batalha da maneira seguinte:

Mandou ao Bispo de Silves e ao Bispo de Tangere, e a D. Francisco d'Eça, e a João Fogaça que o tirassem da sepultura; os quaes quando o tiraram acharam as taboas do ataude em que o corpo estava quasi queimadas da cal, e assi uma alcatifa e lençal, e o corpo do glorioso Rei são e inteiro, com um cheiro singular,

com suas barbas e cabellos na cabeça e nos peitos e pernas, e braços, e o estomago testo como se fôra vivo, e d'ali com grande acatamento, como corpo santo que era, por experiencia de milagres que já tinha feito, o pozeram em outro ataude, cuberto de brocado cramesim, e emburilhado em um leuçol de Olanda, e o ataude em que jazia foi todo desfeito em rachas, e levado por reliquias.

E metido no ataude (como fica dito) meteram o ataude em umas andas cubertas de brocado, e assi os cavalloos que as levavam com suas guarnições de brocado, e dois pajes que iam em cima dos cavalloos vestidos de velludo preto. E os Arcebispos e Bispos com elle, e oitenta capelães e cantores com capas ricas, cada um com sua tocha acesa na mão de uma parte e da outra, todos a cavallo, e diante muitas trombetas, charamelas, sacabuxas e atambores, e diante do santo corpo uma cruz da capella e muitos condes e senhores e fidalgos, e gente honrada que acompanhavam o santo corpo, que El-Rei vinha sempre uma jornada atrás.

E como o santo corpo chegava a algum lugar era recebido com procissão, e posto na igreja principal em seu estrado, que vinha de engenho em azemolas, cuberto de brocado, com seus bancos cheios de muitas tochas, e assi estava até o outro dia que o Bispo de Tangere dizia missa e deixava na igreja onde o santo corpo estivera uma vestimenta de seda e um caleç de prata, e d'esta maneira e ordem foi seguindo suas jornadas.

E a noite que o santo corpo chegou a Alcanede, que foi uma sexta feira a vinte dias do mez de Outubro do dito anno de noventa e nove, El-Rei foi dormir a Rio Maior, e ao sabado foi jantar a Alcobaça, e d'ali se foi aguardar o santo corpo a S. Jorge da



Victoria, o qual trouxeram pela serra da Mendiga e pela serra Ventosa, e sobre o Porto de Mós, té chegarem á egreja de S. Jorge onde El Rei o estava aguardando: e com elle o mestre de Santiago e d'Avis, duque de Coimbra, e o duque de Bragança, e o senhor D. Alvaro e outros muitos senhores, e assi foi com o santo corpo até o mosteiro da Batalha, e á entrada da rua estava a cruz da capella e a da Sé da cidade de Evora, e a de Santa Cruz de Coimbra, e a de Alcobaça, e a do dito mosteiro da Batalha, e os Bispos da Guarda, de Vizeu, e de Lamego, e de Tangere, que com o santo corpo vinha o Bispo de Fez com outros muitos prelados e dignidades, monges e frades, e juntos em procissão, que seriam quatrocentos religiosos, cada um com sua tocha acesa na mão, e capas ricas, e muitos cantores, chegaram á porta do mosteiro.

Ali foi o santo corpo tirado das andas em o ataudado cuberto de brocado como vinha, o qual tomaram ás costas o senhor D. Alvaro e o marquez de Villa Real, e o conde de Marialva, e o conde de Penella, e o conde de Abrantes, e o conde de Portalegre, Ayres da Silva, regedor, e Fernão de Albuquerque, e Pero da Silva rele, e na derradeira iam os duques de Bragança e Coimbra, e El-Rei com todos os outros senhores atrás, e o Prior de Santa Cruz, filho do marquez revestido em pontifical, e o conde Prior ia diante do santo corpo, que assi veio sempre com elle desde Silves té o dito mosteiro, tendo carregado de mandar concertar o estrado em que o santo Rei era posto com seus bancos de tochas, e não deixava chegar ninguem ao santo corpo.

Tanto que foi pelos ditos senhores tomado foi evado com esta solemne procissão, com muitas trombetas, charamellas, sacabuxas e cantores dentro do di-

to mosteiro da Batalha, o qual estava todo armado de mui rica tapeçaria, e no cruzeiro estava um cada-falso que tomava toda a nave do corpo do mosteiro, o qual tinha treze degraos cubertos, os sete que deciam da tumba para baixo, de brocado de pelo, irmão do com que vinha cuberto o santo corpo, e os seis debaixo cubertos de mui rico brocado raso até rastrar pelo chão, em cima do qual pozeram o santo corpo com uma cruz d'ouro em cima da tumba, e uma bandeira quadrada das armas reaes atravessada no ar junto da cruz d'ouro em cima da tumba, que não tocava nella, mas ficava pequeno espaço, e fizeram-se as mais solemnes obsequias que até ali foram feitas, e estavam ao redor do cadafalso umas grades altas negras, e nellas cem tochas acesas, e d'ali té a porta principal ao longo de uma parte e da outra estavam todos os Bispos já ditos, e dignidades de Lisboa, Evora, Coimbra, Porto, Braga, Silves, Lamego, Vizeu, Guarda e todas outras cidades e outros muitos lugares, e muitos capellães, cantores, e monges d'Alcobaça, frades do dito mosteiro, e conegos de Santa Cruz; e disse a missa em pontifical o Prior de Santa Cruz, e toda esta clerezia tinha tochas acesas nas mãos, e dentro nas grades no primeiro degrao do cadafalso estavam postas todas as cruces, e os que as tinham todos revestidos de almaticas de brocado, e assi se acabaram por aquelle dia as obsequias, e recolheu-se El-Rei com tanta gente que não cabia a decima parte no mosteiro.

E ao domingo seguinte que foram vinte e sete dias do dito mez foram concertados no cruzeiro sete altares todos armados de cortinas e frontaes de brocado rico, cada um com dois castiças de prata grandes com suas vellas grossas acesas, e no chão outros castiças muito grandes de prata em cima de alcatifas

ao pé de todos os altares, cada um com sua tocha acesa, e no altar mór um retabolo e frontal de prata mui ricos com o guarda pó e corrediças de seda, e a bandeira das armas reaes, e o escudo e elmo com que o santo Rei justou em Evora nas festas que fez ao casamento do Principe seu filho, e a cotta de armas e lança e espada com que pelejou na batalha de Touro sendo Principe, e ficou no campo como vencedor, tudo pendurado na capella, e El-Rei estava no côro logo á entrada, da parte do Evangelho, e a egreja cheia de grades. Começou a missa em pontifical o dito Prior de Santa Cruz, e prégou o Bispo de Tangere, e contou as grandes virtudes do catholico Rei, e as grandezas e esmolos e mercês que fizera sendo vivo, e quantas ajudas dera para casamentos de suas filhas a muitos fidalgos e cavalleiros, escudeiros e donas, viuvras e orfãs, e grandes esmolos a muitas egrejas e mosteiros, até a casa Santa de Jerusalem, e dera grandes ajudas e dadivas a Reis christãos e a grandes de seus reinos, e que fôra Rei mui penitente, e que nunca se arrependera das grandes dadivas e mercês que fizera.

E disse mais como era santo, em caso que por a egreja o não ter canonizado o não podesse dizer, e porém que bem podiamos dizer santo, pois fôra Rei tão catholico e penitente, e que estava inteiro seu santo corpo com cabellos na cabeça e barba e peitos, dizendo mais como lhe deitaram no ataude muita cal que comera o ataude e lençol e alcatifa que estava debaixo, sem tocar no santo corpo, alegando que na lenda de S. Marcos diz que o houveram por santo porque sendo tresladado o acharam inteiro com cabellos e barbas como estava o corpo do santo Rei, e disse muitas cousas mui catholicas que o santo Rei a hora de sua morte dissera, e tanto que a pregação foi

acabada veio o Prior de Santa Cruz á offerta, á qual El-Rei mandou offerter as cousas seguintes:

Uma cruz de prata grande dourada e esmaltada de finagrana muito bem obrada com muitas pedras, que foi avaliada em mil cruzados, e um tribolo de prata mui grande, e uma caldeira grande com seu hysopo, tudo de prata dourada, e uma capa com suas almatricas de brocado rico que fôra do pontifical do santo Rei, que toda a offerta juntamente foi avaliada em dez mil cruzados.

E como a missa foi acabada vieram todos os Bispos e dignidades e toda a outra clerezia e cantores com capas ricas, e cada um com sua tocha acesa, e pozeram-se em duas azes de procissão desde a porta de S. Christovão ao longo do cruzeiro até a porta travessa, e vieram todas as cruzes com a que se deu á offerta, e pozeram-nas todas no segundo degrau da eça; e logo veio o dito Prior de Santa Cruz em pontifical e começaram os cantores e clerezia o responso, e o dito Prior as orações, tudo mui divinamente, e a missa foi tangida com órgãos, charamelas e sacabuxas, e logo foi tirado da eça onde estava e levado pelos Bispos e dignidades ao pescoço para a capella de Nossa Senhora do Pranto, onde se o santo Rei mandara lançar, e tanto que deceram o primeiro degrau da eça começaram os cantores o cantico de Zacharias: *Benedictus Dominus Deus Israel*, com tantas vozes e estromentos e devoção, que não havia pessoa que não chorasse, e d'esta maneira foi levado á capella onde estava outra tumba de dez degraus, cuberto tudo de veludo, e na tumba uma cruz de damasco branco, a qual foi logo tirada, e o santo corpo posto na de brocado em que viera, com tres alampadas de prata muito grandes acesas, e acompanhou o santo corpo té ser alli posto El-Rei e os duques de Bragança e de Coimbra,

e o Senhor D. Alvaro, e o marquez com todos os outros senhores já nomeados, e como assi foi posto se sahio El-Rei com todos os senhores e prelados e se recolheu, e tanto que foi noite, já depois de ceia, deu El-Rei boas noites e foi-se com alguns ao mosteiro, e meteu-se dentro na capella onde o santo Rei jazia, e com o Provincial e outros frades mandou abrir o ataude em que o corpo estava e vio que tinha muito pó da cal, e mandou aos frades que com canudos de cana lha assoprassem, e elle mesmo lha alimpava, e beijou-lhe as mãos e os pés muitas vezes, e achou o santo corpo inteiro com cabellos e barba, e cabellos nos peitos e nas pernas, alvo que parecia vivo, e depois que o esteve olhando, com muitas lagrimas sempre, com o barrete na mão, o mandou emburilhar em Olanda muito fina, e tornaram-no ao ataude, e todos os que alli estavam tocaram o santo corpo com muitas cousas para reliquias, e cerraram o moimento, e como foi cerrado, assi em cima dos dez degraos mandou El-Rei antes que de alli sahisse cobrir todo o assento e degraos em que o santo corpo estava de muito rico brocado de pelo até o chão, e tiraram o veludo, e mandou pôr no altar umas cortinas e frontal de pano d'ouro muito rico, e mandou armar toda a capella de panos de Rás, e pozeram na dita capella a cota d'armas e o seu escudo e elmo, e a lança e a espada que estiveram á missa na capella mór, com a bandeira das armas reaes que sobre a eça estava no cruzeiro, e a cruz d'ouro sobre o santo corpo.

E tudo isto feito recolheu-se e esteve no mosteiro a segunda feira, que foi dia de S. Simão e Judas, e ao outro dia se partio. E assi jaz o santo Rei, onde Nosso Senhor por elle faz muitos milagres.

LAUS DEO

*A entrada d'El-Rei D. Manuel em Castella*

**Q**UANDO El-Rei D. Manuel nosso Senhor casou com a Rainha D. Isabel nossa senhora, nos proprios dias que a recebeu em Valença d'Alcantara, e se as vodas celebraram, morreu em Salamanca o Principe D. João seu irmão, por onde ella ficou herdeira de Castella. E acabados oito dias que em Castello da Vide estiveram com a morte do Principe encuberta, por se não perderem e mostrarem os muitos gastos que os senhores e fidalgos de Portugal tinham feitos para o dito casamento, partiram d'ahi para a cidade de Evora já com grande dó, e d'ahi a pouco tempo estando em Lisboa, El-Rei D. Fernando e a Rainha D. Isabel escreveram a El-Rei nosso Senhor e á Rainha sua filha, e com muita instancia lhe pediram que elles fossem logo a Castella para lá serem jurados por Principes herdeiros de todos seus reinos e senhorios.

Sobre esta ida teve El-Rei nosso Senhor muitos e grandes conselhos com todalas pessoas que presentes eram e outros muitos que pelo reino para isso mandou chamar. E tambem com os procuradores de villas notaveis que em Lisboa eram ajuntados para côrtes que ahi então fazia. Nos quaes conselhos houve muitos pareceres desviados uns dos outros. Que a uns parecia bem elle não deixar seus reinos, nem sair fóra d'elles por cousa nenhuma, e isto por casos que podiam sobrevir a Rei fóra de seus reinos, em reino alheio em poder d'outro Rei, como algumas vezes aconteceu. Outros haviam isto por ccusa mui leve, e lhes parecia que elle em nenhuma mânia não devia deixar de ir, pois ia a tamanha cousa como era a ser

jurado por Principe de Castella e de tamanhos reinos e senhorios, e mais tendo com El-Rei e com a Rainha tão grande liança e tão grande parentesco, e tão verdadeira amizade. E por os diferentes pareceres que houve os conselhos duraram muito, e em fim El-Rei nosso Senhor determinou de ir, e assi o pôs por obra e com consentimento e prazer de todos, deixando tudo ordenado como cumpria a serviço de Deus e seu, e a bem de seus reinos e naturaes.

Partiram El-Rei e a Rainha da cidade de Lisboa no mez de Março do anno de mil e quatrocentos e noventa e oito annos. Deixou a governança do reino á Rainha D. Lianor sua irmã, e com ella ficou o duque de Bragança seu sobrinho, e o marquez de Villa Real, e muitos senhores e pessoas principaes do conselho, e os outros officiaes môres da justiça e fazenda, com quem juntamente tudo se fazia.

Vieram ter á cidade de Evora, e d'ahi a Estremoz e a Elvas, d'onde entraram em Castella: primeiramente na cidade de Badajoz. Levava pouca gente, por El-Rei e a Rainha de Castella lho mandarem assi pedir, e tambem por se escusarem brigas e debates entre portuguezes e Castelhanos. Porém era gente mui nobre e mui apurada; eram trezcntas em cavalgaduras mui concertadas, e muitas e boas azemolas mui ataviadas com muitos concertos de casa. Iam com elle alguns senhores e pessoas mui principaes, das quaes nomearei algumas, porque nomeando todas seria prolixidade.

Ia o senhor D. Jorge, filho d'El-Rei D. João, que era mestre de Santiago e d'Avis, e duque de Coimbra, etc. E o senhor D. Diniz sobrinho d'El-Rei e irmão do duque de Bragança, e o senhor D. Alvaro seu tio, e o conde de Portalegre D. Diogo da Silva, e o Bispo da Guarda, e o Bispo de Tangere, e o mor-

domo-mór D. João de Menezes, que depois foi conde de Tarouca e Prior do Crato, e D. Francisco, filho do Bispo de Evora D. Affonso, que foi depois conde do Vimioso e veador da fazenda, e D. Martinho de Castelbranco veador da fazenda, que depois foi conde de Villa Nova, e o capitão Fernão Martins Mascarenhas, e D. João de Menezes, e D. Anrique, e D. Diogo, filhos do marquez de Villa Real, e Ruy de Sousa, que lá morreu em Toledo, e D. João de Sousa, senhor de Nisa e Sagres, D. Manuel de Sousa, e D. Francisco d'Almeida, que depois foi visor-ei, D. Rodrigo de Monsanto e o camareiro-mór D. João Manuel, e D. Nuno Manuel, almotacel-mór, e D. Duarte de Menezes, e D. Garcia de Menezes, e D. João da Silva que foi depois Regedor, e D. Affonso de Atayde senhor d'Atouguia, e o Commendador mór D. Pedro da Silva, e Nuno Fernandes de Atayde, e D. Gastão Coutinho, e o Marichal D. Fernando Coutinho, e Gonçalo da Silva, Tristão da Cunha, Febos Moniz e João Fogaça, que iam por mestres sallas; e o veador Côrte Real; D. Antonio d'Almeida, D. Manuel de Menezes, e Jorge Barreto, pajes de lança d'El Rei; Simão de Miranda, Anriques, João Lopes de Sequeira e Pero Corrêa que ia por estribeiro mór, e D. Rodrigo de Sande, Jorge Furtado, Anrique Corrêa e Antonio de Mendoza, e D. Duarte d'Almeida; Ruy de Mello, Nuno Vaz de Castelbranco e Diogo de Mello, Lourenço de Brito, copeiro mór, Manuel de Goyos, Fernão d'Albuquerque e Francisco d'Albuquerque, e Manuel de Noronha, D. Gonçalo Coutinho e D. Anrique Coutinho, Anrique de Sousa e João Rodrigues Pereira, o Marrama, que ia com El-Rei duas ou tres jornadas bem doente para acabar um requerimento, e a Rainha folgou tanto com elle, que El-Rei lhe deu dinheiro para a ida, e o levou assi comsigo. E outros



muitos nobres fidalgos e cavalleiros e officiaes da casa, e mui singular capella de muitos e bons cantores, e mui ricos ornamentos, e todos muito concertados e para isto escolhidos, e as melhores bestas de ginetes e mulas que podiam ser, e assi os atavios muito ricos para o tempo que era, porque iam todos vestidos de negro pela morte do Principe de Castella.

E partindo da cidade de Elvas pouco mais de meia legoa, os veio receber o duque de Medina Cidonia, mui acompanhado de senhores seus parentes e amigos, e muitos e mui nobres fidalgos, e com' muito ricos concertos de casa; trazia passante de trezentos em cavalgaduras todos de dó, e trinta e oito caçadores de falcão todos de sua libré com tão singulares aves, que não parecia cousa pelo caminho que não tomassem. E dezaseis trombetas, e oito atambores, tudo de prata, e tres mil marcos de prata lavrados, e seiscientos marcos d'ouro de serviço de sua mesa, que comia em ouro, e outras muitas grandes policias e abastanças.

E em chegando, as trombetas e atambores tangeram, e as d'El-Rei não, e junto d'El-Rei quasi um tiro de pedra se deceo, e todos os nobres que com elle vinham, e depois de feitas tres medidas com o joelho no chão e o barrete na mão foi beijar a mão a El-Rei nosso Senhor e á Rainha, e após elle todos por esta maneira. E a cortesia que lhe El-Rei fez foi pôr a mão no sombreiro, e alevanta-lo mui pouco sem o tirar. E acabado cavalgou o duque e os de sua companhia, e a cavallo foi falar ao senhor D. Jorge, e se abraçaram, e assi os outros senhores, e El-Rei começou andar.

E logo adiante veio o duque d'Alva, e conde de Feria, e toda a casa d'Alva com muitos senhores e honrados fidalgos com perto de trezentas em cavalga-

duras muito bem concertadas, e suas trombetas e atambores, e pela mesma maneira beijaram a mão a El-Rei e á Rainha, e El-Rei lhe fez a mesma cortesia. E por todo o caminho até chegarem a Badajoz vieram muitos senhores e principaes pessoas a recebe-lo e lhe beijar a mão, os quaes deixo de nomear por serem muitos.

Chegou El-Rei á cidade de Badajoz, onde foi mui bem recebido com paleo de brocado, e muita gente e cerimonia. Foi decer á egreja maior, e feita oração tornou logo a cavalgar, e foi comer e dormir a um pequeno lugar d'ahi a tres legoas, que se chama Talaveraoila, e d'ahi por diante as trombetas e atambores d'El-Rei e dos senhores não tangeram mais.

Ao outro dia El-Rei e a Rainha com todos partiram caminho de Nossa Senhora de Aguadalupe, no qual caminho o veio receber o mestre de Alcantara e outros senhores, os quaes se logo tornaram, sómente os duques de Medina e d'Alva, que sempre foram com El-Rei até se vêr com El-Rei D. Fernando, e o aguardavam continuamente com mui grande acatamento e ceremonias, e lhe mandavam cada dia serviços de cousas de comer, assi á Rainha e ás damas, e convidavam sempre muitos senhores e fidalgos que continuamente com elles comiam, e tinham nisso muito grande abastança e singular concerto, principalmente o duque de Medina Cidonia, que fez nisso grandes larguezas. E porque iam<sup>3</sup> por terra, longe do mar e de poucos pescados, e em quaresma, todolos dias e noites mandava a El-Rei e á Rainha todolos singulares pescados frescos e de conservas que se podiam nomear, e assi ás damas e a todolos senhores e pessoas principaes que com elle não comiam, e trazia nisso tantas azemolas em paradas, tantos servidores, ordem e abastança, que era muito grande cousa.

Foi El-Rei dormir a Merida, onde esteve o domingo de Ramos, e d'ahi por suas jornadas sem fazer detença até quarta feira das trevas, que chegou ao mosteiro de Nossa Senhora de Aguadalupe, onde teve as Endoenças, Pascoa e oitavas. Foi recebido dos frades com solemne procissão, todos com ricas capas, e as cruces e reliquias do mosteiro, e ahi ouviu os officios das Endoenças e Pascoa, e ao mosteiro fez muito grandes esmolos.

Ahi o veio vêr e beijar a mão o conde de Benalcacer, e outros senhores que se logo tornaram para suas casas.

E depois de passada a Pascoa, quinta feira seguinte se partiram El-Rei e a Rainha e todos os que com elle vinham caminho da cidade de Toledo, onde El-Rei D. Fernando e a Rainha D. Isabel com muitos grandes e senhores estavam esperando por elles. Foram pela ponte do Arcebispo e Talavera de la Reina e outros lugares té chegarem a uma aldêa quatro legoas de Toledo onde estiveram tres dias até se ordenar sua entrada, e estando ahi veio nova como El-Rei Carlos de França era fallecido de sua doença, e ahi se encerrou El-Rei por elle, e por todo este caminho sempre foi recebido de senhores que lhe vinham beijar a mão. E na ponte do Arcebispo passou isto: A ponte é de um só arco tamanho, que passa o Tejo por elle, e dois arcos pequenos que estão em seco para quando enche: e tem duas grandes torres á entrada e sahida da ponte muito fortes, e armadas com portas d'alçapões, e nellas seus alcaides môres, s. um d'El-Rei e outro do Arcebispo de Toledo cujo o lugar é, e em chegando á torre a porta estava fechada e abriu-se, e o alcaide môr veio a beijar a mão a El-Rei e á Rainha, e entregou-lhe as chaves da torre; e indo pela ponte a outra torre estava tambem fechada

e abriu-se, e fez o alcaide mór a mesma cerimonia, que por me parecer cousa nova o escrevi.

E á quinta feira da Pascoela El-Rei e a Rainha e todos se levantaram cedo e ouviram missa, e comeram, e acabado de comer partiram da dita aldêa caminho de Toledo, onde o mesmo dia entraram na maneira que se segue :

Antes de chegar á cidade a cerca de uma legoa mandou El-Rei nosso Senhor o senhor D. Jorge, o senhor D. Alvaro, o senhor D. Diniz, o conde de Portalegre, os filhos do marquez, o mordomo mór D. Francisco, Ruy de Sousa, D. João de Sousa, o capitão dos ginetes, o camareiro mór e outros muitos nobres fidalgos a receberem El-Rei D. Fernando que vinha já fóra da cidade a receber El-Rei e a Rainha. E dois ou tres tiros de bésta da cidade chegaram todos juntos a El-Rei e se deceram todos a pé, e El-Rei esteve quedo, e o senhor D. Jorge tirou o sombreiro que levava em cima de uma touca, e indo para El-Rei fez tres mesuras, sem El-Rei fazer nada : e em chegando a elle o Mordomo mór e o capitão dos ginetes o tomaram nos braços e levantaram até beijar a mão a El-Rei, e elle lha deu, e depois de lha ter dado perguntou quem era, e elles lhe disseram : Senhor é filho d'El-Rei D. João. El-Rei tirou então muito rijo o sombreiro fóra e disse-lhe : — Perdoae-me que não vos conhecia, que se vos conhecera eu me decera ; e então o fez logo cavalgar com grandes cortesias, e pôs á sua mão direita, e sempre lá precedeu todos os senhores. E então o senhor D. Alvaro, o senhor, D. Diniz e todos os outros senhores e fidalgos portuguezes beijaram a mão a El-Rei, aos quaes fez muita honra e agasalhado, e a D. João de Sousa mostrou muito amor, porque o teve um espaço abraçado,

e acabado El-Rei com todos começou de andar para onde El-Rei nosso senhor vinha.

E assi mesmo da parte d'El-Rei D. Fernando se adiantaram muitos senhores e quasi todas as pessoas principaes a beijar a mão a El-Rei nosso senhor e á Rainha, o primeiro foi D. Anrique, tio d'El-Rei, e o comendador mór Cardenes, e muitos prelados e senhores, e todos a pé com a mesma cerimonia atrás dita lhe beijaram a mão. E d'ahi a pouco chegaram o Condestable e o marquez de Vilhena, e outros duques, e fizeram outro tanto. E foi tanta a gente nobre que vinha a beijar a mão a El-Rei e á Rainha, que em espaço de um tiro de bésta os Reis um do outro, estiveram bem tres horas sem se poderem vêr.

El-Rei D. Fernando vinha mui acompanhado de grandes e prelados, e muitos senhores. e trinta mil em cavalgaduras, todos de loubas e capellos: e diante d'elle seus mestres sallas e porteiros de maça, reis d'armas, e suas trombetas e atambores: e vinha com elle um embaixador de Veneza.

E El-Rei nosso Senhor com todos seus officiaes, mordomo-mór, mestres salas, porteiro-mór, reis d'armas, porteiros, apresentador, com seus cavallos a destro com telizes, e suas trombetas e atambores, os quaes não tangeram depois de entrar na cidade. E a gente era tanta, que todos os officiaes e porteiros d'ambolos Reis com muito trabalho fizeram logar para se poderem vêr. E tanto que se viram estando quedos tiraram ambos juntamente os sombreiros que levavam na cabeça, e abalaram um para o outro, e em chegando El-Rei D. Fernando tirou o barrete na mão, e tornando-o a pôr na cabeça foi abraçar a El-Rei nosso Senhor: o qual levava uma touca posta á mourisca, e um capuz de contrai, e ia em um ginete grande, russo queimado, á gineta: assi com a touca na cabe-

ça, sem pôr a mão nella se abraçaram ambos pelos pescoços, com muito contentamento. E por El-Rei nosso Senhor ir em cavallo grande, e á gineta, e El-Rei D. Fernando em uma mula pequena, para se egualarem e abraçarem El-Rei nosso Senhor se abaixou muito, e neste ponto as trombetas d'El-Rei D. Fernando tangeram um pouco. A Rainha foi para beijar a mão a El-Rei seu pae, e elle lha não quiz dar, e lhe deitou sua benção, e se passou logo á sua mão esquerda, e fez pôr El-Rei nosso Senhor á mão direita, e a Rainha sua filha no meio, e assi começaram logo a andar caminho da cidade, que seria q'ahi a meia legoa, e o caminho era todo cheio de homens e mulheres que vinham a vêr.

E chegando á cidade foram á porta grandemente recebidos com paleo de muito rico brocado, o qual levavam pessoas mui principaes que tinham casas e fazendas na cidade como cidadãos. No qual paleo os Reis assi como vinham entraram debaixo d'elle, e em alguns passos estreitos El-Rei D. Fernando se sahia do paleo fóra e depois tornava a entrar. A cidade era mui formosa, e cousa para vêr a muita gente que nella havia que de muitas partes ahi viera a vêr este dia, e as ruas muitas d'ellas estavam toldadas de muitos panos ricos, e pelas paredes armadas de rica tapeçaria e muitos panos de brocado e veludo, e outras muitas sedas sem ahi entrar outra cousa. As mulheres formosas eram tantas que não sabia homem onde pozesse os olhos, que além das toledanas serem gaba-das de muito formosas eram muitas vindas d'outras partes, e verdadeiramente nunca em nenhuma parte tantas gentis mulheres vi.

Foram assi El-Rei nosso senhor á mão direita, e El-Rei D. Fernando á esquerda, e a Rainha no meio até á egreja maior, onde se deceram a fazer oração. e

foram recebidos á porta com muito grande e riquíssima procissão, que esta é uma das boas egrejas e grande arcebispado que no mundo ha, e quando já chegaram á egreja foi quasi noite e com tochas.

E acabadas as orações tornaram a cavalgar na mesma ordem debaixo do paleo até os paços, onde a Rainha com as Infantas suas filhas e a Princesa sua nora, e muitas senhoras e damas, e muitos senhores os estavam esperando.

Chegaram assi aos paços, onde todos juntos pou-saram, que eram as casas de Garci Lasso de la Vega e de Pero Lopez de Padilha, que partiram umas com as outras, e se abriram. E em entrando por uma porta estreita, os Reis se rogaram muito á entrada, e El-Rei nosso senhor entrou diante, e d'ali até que foi jurado por Principe sempre lhe El Rei D. Fernando dava todalas honras; e posto que se rogasse sempre lhas fazia tomar, e depois que foi jurado e lhe ficou em lugar de filho nunca mais se rogou com elle; e em todalas cerimoniaes em publico e em secreto elle precedia El-Rei nosso senhor.

A Rainha os veio esperar a uma varanda terrea á entrada dos paços, muito longe de seu aposentamento, e o commendador mór Cardenes, que era grande seu privado, e contador mór, e tinha dezaseis contos de renda e muitas villas, e trazia de braço de uma parte e da outra D. João de Sousa, que ella chamou por lhe fazer honra, que o conhecia, e para lhe dar a conhecer as pessoas que com El-Rei nosso senhor iam: às quaes antes de se El-Rei vêr com ella lhe foram diante beijar a mão, e D. João lhos dava todos a conhecer, e passou nisso alguns passos em que foi louvado por cortesão, e em chegando os Reis, como El-Rei nosso senhor vio a Rainha se foi a ella, e ella abalou para elle e se abraçaram, e abaixaram ambos

tanto que pozeram os joelhos no chão, e El-Rei foi abraçar as Infantas, e a Rainha nossa senhora foi para beijar a mão á mãe, e ella lha'não quiz dar, e a abraçou e deitou sua benção, e tambem não quiz dar a mão ao senhor D. Jorge, e lhe fez muita honra.

E acabando se foram todos juntos ao aposentamento da Rainha e Princesa, e ahi estiveram em serão mais de uma hora praticando todos com muito contentamento, e El-Rei e a Rainha de Castella e as Infantas com todos se recolheram para seus aposentamentos, e deixaram El-Rei nosso senhor e a Rainha nos seus.

Este serão e casa foi cousa bem para vêr, porque nella estavam taes dois Reis e taes duas Rainhas, e a Princesa viuva, mulher que foi do Principe, e filha do Imperador, e duas Infantas filhas d'El-Rei e da Rainha, e dois Infantes filhos d'El-Rei de Granada, e o filho d'El-Rei D. João de Portugal, e outra filha d'El-Rei D. Fernando, e as principaes duquezas e senhoras de Castella, e muitas e nobres damas, o Patriarca, o Arcbispo de Toledo e muitos prelados, o Condestable, o duque de Medina, o duque d'Alva, o marquez de Vilhena, o duque de Villa Formosa, o conde de Faria, o senhor D. Alvaro e o senhor D. Denis; o grão comendador mór Cardenes e D. Pedro Porto Carreiro, e muitos marquezes e condes, e tantos senhores que não escrevo, que verdadeiramente poucas vezes se veria outra tal cousa no mundo.

E logo ao domingo seguinte, que foram vinte dias d'Abril, juraram El-Rei nosso senhor por Principe na Sé com muito grande solemnidade. Alevantaram-se cedo elle e a Rainha sua mulher, e foram-se ao aposentamento d'El-Rei D. Fernando e da Rainha D. Isabel, e ajuntados todos cavalgaram logo acompanhados de todos os grandes e prelados, e se-



nhores, e grandes senhoras e nobres damas, e diante d'elles todos seus officiaes, mordomos môres, mestres salas e porteiros môres, reis d'armas e porteiros de maça, muitas charamelas, trombetas e atambores com muito grande triunfo e estrondo, e como foram a cavallo, o duque de Medina Cidonia e o conde de Faria tomaram ambos a pé as redeas do cavallo d'El-Rei nosso senhor cada um sua parte, o duque á mão direita, e o conde á esquerda. E o Condestable e o duque d'Alva tomaram as redeas da mula da Rainha nossa senhora, o Condestable á mão direita, e o duque á esquerda. E assi foram os Reis e Rainhas com mui grande estado á egreja maior, onde ouviram missa em pontifical dita pelo Arcebispo de Toledo, todos juntos em uma grande cortina de muito rico brocado, e depois da missa acabada os juraram nesta maneira:

Na capella maior junto com a cortina estava um grande estrado alto com dorsel de brocado e cadeiras d'estado ricamente concertado e alcatifado, em que os Reis e Rainhas se foram assentar. E na mesma capella da outra parte grandes bancos para os procuradores, em que estavam assentados segundo suas precedencias, e os grandes e pessoas principaes assentados nos degraos do altar môr, que tudo estava muito bem alcatifado, e muitas e ricas almofadas para os grandes, os quaes não estavam em ordem porque por entre alguns haver differenças na precedencia dos lugares, El-Rei e a Rainha lhes rogaram muito que por aquella vez não curassem d'isso, e estivessem como se acertassem, e assi ao beijar da mão fosse cada um como quizesse, sem nisso haver ordem, pela necessidade que havia de tamanha cerimonia se acabar, e elles o houveram por bem, e assi se fez.

E como todos foram assentados e os officiaes fize-

ram calar a gente, levantou-se um doutor, e em pé fez a todos uma grande pratica em nome d'El-Rei D. Fernando e Rainha D. Isabel, na qual a substancia era :—Que pois a Nosso Senhor aprovera de lhe levar para si o Principe D. João seu filho, e por sua morte a Rainha D. Isabel sua filha e El-Rei de Portugal que presentes estavam ficarem por Principes herdeiros de todos seus reinos e senhorios, que por isto, e por El-Rei ser tão excellente, tão singular e virtuoso Rei, elles o mandaram chamar a seus reinos e pedir muito que elle e a Rainha sua filha quizessem vir a ser jurados por Principes, aos quaes aprouve de vir e estavam presentes, como todos viam, e eram taes e de tantas virtudes, que elles grandes e o povo o deviam ter em muito boa ventura, e portanto lhes encomendavam que os quizessem jurar. E elles todos responderam que lhes aprazia com muito verdadeira e mui leal vontade. Dizendo tambem o mesmo doutor a El-Rei e Rainha nossos senhores por parte dos grandes e povo que lhe pediam todos por mercê que elles o fizessem bem e directamente a serviço de Deus e bem commum, e que seus privilegios lhes confirmassem e guardassem. E El-Rei e a Rainha disseram que assi o fariam.

Levantou-se então o Patriarca e tomou um livro missal aberto, e em cima d'elle uma grande cruz d'ouro, e nelle deu juramento a El-Rei e Rainha de assi tudo cumprirem : os quaes assi o juraram pondo suas mãos em cima da cruz e do livro, e tanto que juraram o Condestable se levantou e tomou o mesmo livro nas mãos e nelle deu juramento a todos os grandes e pessoas principaes e procuradores do reino : os quaes todos juraram por Principes herdeiros de todos os reinos e senhorios que El-Rei e a Rainha seu pae e mãe tinham. E como juraram o mesmo Condesta-

ble por parte d'El-Rei nosso senhor tomou a todos as menajens, as quaes lhe todos deram, e acabadas de dar foram todos a beijar a mão a El-Rei e á Rainha por seus Principes, os grandes primeiro, e após elles os procuradores das cidades, e depois todos os outros por ordem.

A egreja estava a mais formosa cousa que se podia dizer, riquissimamente armada, e muitas bandeiras reaes, e a gente era tanta que não cabia, e tantos órgãos, charamelas, sacabuxas, trombetas, atambores e outros muitos estromentos que quando acabaram de jurar juntamente tangeram, e os sinos repicavam, que neste ponto não havia homem que nada ouvisse nem entendesse, e acabada esta grande cerimonia, que durou muito, os Reis e Rainhas foram todos comer ás casas do Arcebispo de Toledo, que são pegadas com a Sé, onde os Reis comeram em uma parte, e as Rainhas em outra. E indo todos a pé para casa do Arcebispo, na crasta da Sé vieram os procuradores e regedores de Toledo beijar a mão a El-Rei nosso senhor e á Rainha, e não lhas beijaram com os outros procuradores porque os da cidade de Burgos os precediam e haviam de beijar diante d'elles, e por esta causa o fizeram depois por si sós.

Estiveram os Reis em Toledo dezoito dias, e neste tempo despediram de si muitos grandes e prelados, e procuradores, que muita parte de gente nobre do Reino era ahi junta. E acabados os dezoito dias partiram com suas casas ordenadas e alguns grandes aforrados caminho de Zaragoça, do reino de Aragão cidade principal, para nelle serem jurados dos Aragonezes. E d'ahi era determinado irem a Valencia e Barcelona e tornarem a Granada e a Sevilha, os quaes caminhos senão fizeram porque Deos ordenou outra cousa.

Partiram de Toledo e foram por suas jornadas ter a Chinchon, uma villa do marquez de Moy, que era thesoureiro mór d'El-Rei, e a marquesa era a Bova-dilha muito nomeada, e grande privada da Rainha, e sua collaça. Na qual villa tem uma grande e mui forte fortaleza que de novo tinham feita, e umas muito boas casas de prazer de grandes aguas e pescarias, aposentamentos e policias. E ahi estiveram os Reis quatro dias, onde foram melhor agasalhados e com mais ricos e abastados concertos para elle e todos os grandes que nunca vi, e me parece que um Rei não podia mais fazer. Que tinha nestas casas de prazer, e nas suas casas da villa trinta e tres camas armadas e aparentadas de pano d'ouro, brocado e mui ricas sedas, sem d'aqui abaixar. E algumas das camas, as mesmas camaras eram armadas todas do mesmo pano d'ouro, brocados, sedas, e tão galantes borladas e entretalhadas, e tantas alcatifas entretalhadas e borladas d'ouro, e assi almofadas, que era cousa de muito grande espanto para um tão pequeno senhor, que verdadeiramente os feitos valiam tanto que o não ousaria escrever, e as outras casas somenos armadas de rica tapeçaria, tantas baixellas, banquetes, e outras policias, que seria muito escrever-se pelo meudo, e era tanto e tão ricas cousas, que se dizia que não podia ser se não que fossem da Rainha.

De Chinchon foram os Reis a Alcalá de Enares, uma villa do arcebispado de Toledo, e ahi vieram jurar El-Rei nosso senhor e a Rainha o duque de Naraje, e um irmão do duque de Medina Celi, com uma sua procuração por estar tão doente que não podia vir, e assi o juraram outros senhores que ahi vieram, e o juramento foi uma noite em casa da Rainha nossa senhora.

Partiram os Reis e Rainhas de Alcalá e foram a

Guadalajara, onde o duque do Infantado tem seu assento, e as mais ricas casas de Hespanha. Foram muito bem recebidos com paleo e festas, e ahi estiveram tres dias, e pousaram todos em outras singulares casas do duque, que foram do Cardeal D. Pero Gonçalvez de Mendoça seu irmão, e estavam muito bem concertadas, e os Reis e Rainhas foram todos um dia vêr o duque a sua casa, que estava doente em cama, e ahi na cama jurou El-Rei nosso senhor e a Rainha.

E de Guadalajara foram a Calatau, primeira cidade de Aragão, e ahi foi El-Rei nosso senhor e a Rainha sua mulher mui bem recebidos com mui bom paleo, e no meio d'elle as armas de Castella e Portugal borladas, e muitas festas, e d'esta cidade foram a Çaragoça, onde foi feito grande recebimento a El-Rei e á Rainha nossos senhores. Porque El-Rei e a Rainha de Castella nos lugares onde havia recebimento entravam sempre diante sem festa por trazerem ainda dó pela morte do Principe, e todos os recebimentos eram feitos a El-Rei nosso senhor e á Rainha.

Nesta cidade houve um grande arruido, os da côrte com os da cidade, em que houve muitos homens feridos e mortos, e foi tamanho que El-Rei D. Fernando veio em pessoa a estremar, porque suas justiças nem as d'El-Rei nosso senhor o não podiam fazer, nem se fizera sem muita perda se El-Rei não viera em pessoa, que tanto que o viram tudo foi pacificado, e ninguém não bolio mais.

Chegaram á cidade de Çaragoça o primeiro dia de Junho do mesmo anno, e El-Rei e a Rainha de Castella entraram na cidade pela manhã sem festa nenhuma, e El-Rei nosso senhor e a Rainha vieram pousar em uns singulares paços e casas de prazer que El-Rei ahi tem fóra da cidade, a que chamam Aljoufa-

ria, e ahí comeram, e no mesmo dia á tarde entraram na cidade na maneira seguinte:

Antes de sahirem de casa veio o Arcebispo de Çaragoça, que era filho d'El-Rei D. Fernando e não tinha ordens, e alguns diziam que com presumpção de ser inda Rei de Aragão, o qual era Viso-rei em Çaragoça. E com elle vieram os governadores e jurados, e toda a nobre gente da cidade, e elle beijou a mão a El-Rei nosso senhor e á Rainha, e após elle todos que com elle vinham. E acabado El-Rei e a Rainha cavalgaram grandemente acompanhados, e todos seus officiaes e cavallos a destro diante, tudo muito bem ordenado, e assi abalaram para a cidade, e logo sahiram fóra todalas bandeiras do reino, e da cidade e dos officios, que eram muitas e muito boas, e com ellas muitas trombetas e atambores, e outros estromentos, e muita infinda gente do povo muito limpa e bem vestida, e á porta da cidade estavam já os principaes e seus regedores a pé com um paleo de rico brocado, e pelas bordas as armas do reino borladas, e suas ricas franjas e torçaes, e as varas douradas. E El-Rei vinha vestido de contrai com um rico collar de pedraria, e em um cavallo á brida, e a Rainha também de contrai por dó, e outro rico collar de pedraria, e em uma mulla guarnecida de veludo preto, e em chegando á porta da cidade lhe beijaram todos as mãos, e elles se meteram debaixo do paleo e começaram a andar, e diante todos os seus officiaes e ministros, e os d'El-Rei e Rainha de Castela e outros muitos.

E diante d'El-Rei iam o Arcebispo de Çaragoça e o Senhor D. Jorge, os Infantes de Granada, o duque de Naraje, o duque de Villa Formosa, o senhor D. Alvaro, o senhor D. Diniz e outros muitos senhores castelhanos e portuguezes, e com muito grande triumpho foram assi pelas ruas principaes, que estavam rica-

mente armadas e muita gente, até chegarem á praça da cidade.

E em chegando as bandeiras se deixaram ficar todas atrás, e El-Rei e a Rainha passaram diante. Na praça estava feito um grande cadafalso toldado, e armado de rica tapeçaria, e um dorsel de brocado no meio, e duas cadeiras d'estado, e muito bem alcatifado, e como a elle chegaram, El-Rei e a Rainha se deceram e todos os grandes, e subiram ao cadafalso que era bem alto e de muitos degraos. E como El-Rei e a Rainha foram assentados, as bandeiras lhe vieram obedecer. Veio logo a bandeira do reino muito grande e rica, e homens que com cordeis de seda a traziam de quatro partes direita, e tanto que chegou a El-Rei se abaixou tres vezes até dar no chão.

E após ella veio a bandeira da cidade da mesma maneira, e fez outro tanto: e depois todalas outras por ordem que pareceu muito boa cerimonia e tardou muito, e acabado tornaram a cavalgar já com tochas, e na mesma ordem foram decer á egreja maior, que é pegada com os paços, e á porta estava toda a clerezia em uma grande procissão, ricamente vestidos, com suas cruzes, e um Bispo em pontifical com as reliquias na mão, e em El-Rei e a Rainha decendo, em entrando pela porta da Sé assi debaixo do paleo, os conegos e clerigos remeteram ao paleo que os principaes da cidade levavam para lho tomar, e elles lho não quizeram dar, e os clerigos pozeram nisso tanta força que quebraram as varas e lho tomaram das mãos, e foi tamanha revolta que derribaram o duque de Nájare e o Arcebispo, e outros muitos, e houveram de derribar El-Rei e a Rainha, cousa muito feia e que a todos pareceu muito mal, e passou sem castigo por se não scandalizar a cidade, por amor do requerimento que logo se havia de fazer. E a razão que davam era que

melhor seria o paleo para a egreja, que para o estribeiro mór. Fizeram oração e tornaram a cavalgar sem paleo, e foram decer nos paços, que eram pegados com a Sé e casas do Arcebispo, d'onde os Reis e Rainhas todos pousavam, e se corriam umas casas com outras.

El-Rei D. Fernando quizera que logo ao outro dia que era domingo juraram El-Rei e a Rainha, e assi o cometeu aos aragonezes, os quaes não quizeram e lhe responderam em camara que primeiro fariam côrtes e seria todo o reino ajuntado a elles, s. os lugares principaes, e querendo todos que então jurariam. E logo se as côrtes começaram, e El-Rei D. Fernando foi a ellas tres vezes, e de cada vez lhe deu espaço de quatro dias para nelles virem com sua resposta, e o derradeiro dia do prazo, que foi dia de Corpo de Deus lhe responderam que pois Valencia e Barcelona não vinham que elles não jurariam sem lhes El-Rei primeiro tornar e confirmar alguns privilegios que lhe tinha quebrados. As quaes cousas lhe El-Rei não quiz conceder, nem elles não quizeram jurar, e nisso passaram algumas vezes palavras asperas e muitos conselhos, de maneira que El-Rei se achava algum tanto desobedecido d'elles, e em um conselho lhe disse a Rainha sua filha, que para que queria Sua Alteza temporizar tanto com elles, que seria melhor sair-se fóra de Aragão e torna-lo a tomar de novo, e então pôr e fazer as leis a sua vontade. Isto souberam os aragonezes, e por temerem alguma revolta em duas noites meteram secretamente na cidade oito mil corpos d'armas e se fizeram mui fortes, e nestes debates e porfias, escusas e delongas andaram sem se tomar conclusão, até que Nosso Senhor a deu com a morte da Rainha e Princesa, por onde tudo cessou.

A Rainha nossa senhora andava em dias de parir,



e bem pejada, e por sua má disposição andava mui temORIZADA de morrer, e como mulher tão prudente, virtuosa, tão devota e tão amiga de Deus como ella era, e pelo receio que trazia tinha seu testamento feito e mui virtuosamente ordenado, e estava de pouco confessada e comungada, e todalas cousas feitas tão perfeitamente quanto a sua singular pessoa pertencia, e a vinte e quatro dias de Agosto do mesmo anno de noventa e oito, dia de S. Bartolomeo pela manhã a tomaram as dôres grandes, e com muito trabalho pario um filho a que chamaram D. Miguel, Principe herdeiro dos reinos de Portugal e Castella, sendo presentes El-Rei nosso senhor e El-Rei seu pae, e a Rainha sua mãe, e muitas outras nobres possoas, e foi o praser tão grande em todos, que El-Rei D. Fernando sahio logo fóra a dizer alto aos grandes e senhores e pessoas principaes que na casa de fóra estavam esperando pela nova: — Alegrai-vos todos, que filho temos. Foi a alegria tamanha, e tanto alvoroço e prazer que com a nova tiveram que mais não podia ser, e logo foi sabido por toda a cidade, e as festas eram tantas, e tantos repiques da Sé e de todalas egrejas e mosteiros que não havia pessoa que em outra cousa falasse nem entendesse, dando em todos os mosteiros e egrejas muitas graças a Deus Nosso Senhor, revestidos com suas cruces e capas em procissão dentro nas casas cãtando *Te Deum laudamus* e outras muitas devotas orações.

A Rainha acabado de parir ficou muito fraca e mui debilitada, e os espiritos derribados, e tanto que El-Rei D. Fernando seu pae acudio e a tomou nos braços, e vendo que se finava bolia muito com ella e bradava-lhe muito alto, dizendo: — Filha, lembrai-vos a morte e paixão de Nosso Senhor Jesu Christo; filha chamai por Elle e pela Virgem Nossa Senhora, que

seja comvosco nesta hora, e outras muitas santas palavras mui necessarias em tal tempo, isto com muita devoção, e tão alto que os que estavam de fóra o ouviam, e tão inteiro e sem lagrimas como senão fôra sua filha que elle tanto amava; e a Rainha assi nos braços do pae se finou e deu a alma a Deus, que verdadeiramente de tão virtuosa pessoa não se deve menos esperar; morreu assi vestida como estava perante todos, que foi a maior tristeza que podia ser.

A Rainha sua mãe vendo assi supito diante de si morrer uma tal filha tamanha Rainha e Senhora, tão virtuosa e prudente, tão obediente, e a primeira que ella parira e que sobre todos tanto amava e prezava, com a grande dôr e tristeza de seu coração cahio logo sem fala como morta no chão.

E El-Rei D. Fernando a tomou logo nos braços, e a levou á sua camara, e a deixou deitada como morta, e tornou mui prestes a El-Rei nosso senhor que estava mui cortado e triste em grande maneira, e o tomou pela mão e o levou a seu aposentamento, confortando-o muito com muitas e prudentes palavras, dizendo-lhe que desse graças a Deos, pois Elle d'isso fôra servido, e como o deixou tornou logo á filha e a deitou sobre umas almofadas de veludo, e ella vestida em um habito de veludo avelutado preto, e a cabeça alta com o rosto descuberto, com um véo muito delgado por cima, que a viam todos, esteve assi no meio da casa até a noite, que lhe fizeram seus officios, e como El-Rei isto fez e deixou ordenado o que se havia de fazer se recolheu para seu aposentamento sem lagrimas e com tanta segurança como se nada não fôra, e como lá foi começou de chorar a filha que tanto amava, e nos braços lhe morrera, dizendo palavras de lastima, e tanto que foi sentido que elle chorava começou-se logo tão

grande pranto em todos os paços e tamanhos gritos, que parecia que se vinham a terra, e não havia pessoa que se não carpisasse e chorasse tão bravamente como se a perda fôra sua. E a Sé que estava pegada com os paços começou logo dobrar todos os sinos, e fazer triste signal, e todos os mosteiros e egrejas repicavam e a cidade toda em muito grande alvoroço e festas. De maneira que em um momento e por uma pessoa se faziam em uma cidade juntamente em uma parte muito grandes e tristes prantos e na outra festas e alegrias.

Esteve assi na casa descuberta á vista de todos até á noite que lhe fizeram mui devotamente e com muitas lagrimas seus officios os Prelados que presentes eram, e a meteram em uma tumba cuberta de veludo preto com uma cruz de damasco branco, e em cima uma cruz e uma vella. E acabado isto despejaram todos a casa e ella ficou assi só até a meia noite que a tiraram secretamente, e só com doze frades de S. Jeronymo de um mosteiro fôra da cidade que por ella vieram com uma pequena cruz e duas alanternas a levaram só com oito ou dez criados seus, os mais portuguezes: e assi foi levada por casas sós, e tirada por uma porta escusa junto com a ponte por onde passaram, e foi enterrada tão pobremente no mesmo mosteiro no chão, que mais não podia ser nenhuma pessoa por pobre e baixa que fosse. E isto se fez d'esta maneira por ella o ter assi tudo mandado em seu testamento.

E verdadeiramente quem a vio naquelle dia tão alta Rainha, tão grande Princesa e senhora, mulher tão acabada e de tão perfeita idade, tão bem casada, entre seu marido e seu pae e mãe tamanhos senhores, e suas irmãs, e com tanto prazer e contentamento por ter diante si filho herdeiro de tamanhos reino

e senhorios, que ella tanto desejava vêr nacido: e com tudo isto d'ahi a meia hora a vio morta e a mesma noite tão pobremente enterrada, foi cousa muito para se homem lembrar de Deus, e dar bem pouco pelas cousas d'este mundo, pois em tão pouco espaço tão grandes mudanças faz!

Deixou em seu testamento que por ella se não tomasse burel como sempre até ahi de antigo tempo atraz se fazia em Portugal e Castella pelos Reis e Rainhas e por outros senhores, e que não trouxessem lobs grandes e capellos, sómente lobs e becas como agora se cá costumam, e de então para cá nunca mais em Portugal houve dô de burel nem lobs grandes, sómente as que se agora trazem, e este costume nos ficou por seu fallecimento: porque d'ahi a pouco tempo fez El-Rei nosso senhor a ordenança do dô.

Deixau por seu testamenteiro El-Rei nosso senhor, o qual nisso o fez tão virtuosamente que mais não podia ser, e depois de sua morte até elle partir para Portugal de dia nem de noite nunca em outra cousa entendeu, e tanto fez nisso que antes de se vir o cumprio de todo tão inteiramente, que alguns casamentos que ella deixou a mulheres para quando casassem, elle quiz que não ficasse nada por fazer, e todo o dinheiro que nisto montava deixou logo pago e depositado em mãos de pessoas abonadas para lho darem como fossem casadas. E fez nisso tantas finezas que foi de todos mui louvado, sendo em tempo que elle se achou com mui pouco dinheiro por as grandes mercês e gastos que tinha feitos.

Nesta morte da Rainha, que santa gloria haja, aconteceu uma grande cousa em Lisboa em casa da Rainha D. Lianor, que uma sua criada castelhana, que se chamava Velazquita, que muitas vezes era fóra de seu siso, diz que disse á Rainha perante mui-

tas pessoas o mesmo dia de S. Bartolomeu e á mesma hora : — «Senhora, agora pario a Rainha um filho em Çaragoça, e a Rainha se finou logo». A Rainha D. Lianor parecendo-lhe isto misterio mandou logo visitar El-Rei e a Rainha, e escreveu o mesmo caso a El-Rei, e o mensageiro achou já El-Rei no caminho vindo para Portugal, por onde se affirmou ser verdade.

El-Rei nosso senhor ficou muito triste e mui anojado pela perda de tal mulher e tão grande senhorio como juntamente perdeu : e todos os portuguezes muito tristes, e alguns receosos d'El-Rei de Castella querer fazer alguma novidade com El-Rei nosso senhor, pois o tinha em seu poder, ou dilatar sua vinda para que não viesse tão cedo a Portugal. El-Rei D. Fernando o fez tão virtuosamente quanto se podia fazer, e cada dia o visitava e confortava muitas vezes, e lhe mostrou em tudo tanto amor como se fôra seu proprio filho, e assi a Rainha. E enquanto El-Rei D. Fernando viveu nunca tirou a El-Rei nosso senhor o titulo de Principe de Castella.

E nos dias que El-Rei esteve occupado nas cousas do testamento mandou a seus officiaes fazer prestes tudo o que para sua vinda cumpria, porque tinha determinado tanto que o testamento acabasse se partir, e assi o fez, que acabado de cumprir ao outro dia ante manhã se partio para seus reinos, despediu d'El-Rei e da Rainha, da Princesa e das Infantas com muito grande amor, e não com poucas lagrimas que choravam. Sahio de Çaragoça a oito dias do mesmo anno de mil e quatrocentos e noventa e oito annos. Vieram com elle té Portugal o Patriarca e outros senhores, e pelos lugares por onde vinha era servido e acatado como se fôra Rei de Castella. E em Aranda do Douro estavam o Condestable e o duque d'Alva, que no reino ficaram por Viso-reis : os quaes vieram

receber El-Rei nosso senhor muito fôra da villa com muita gente, e cheios de tamanho dó e tanta tristeza, assi elles como todos seus, e tantas lagrimas, que verdadeiramente a todos doeu o coração, e em chegando a El-Rei se deceram a pé, e com todas suas cerimoniaes acostumadas lhe beijaram a mão, e El-Rei lhes fez muita honra. E d'ahi até Portugal veio o duque d'Alva com El-Rei, e fez com elle que viesse pela sua Villa d'Alva onde esteve um sabbado e um domingo, e o agasalhou grandemente e com mais abastança, concerto e policia, que se podia fazer, e assi a El-Rei como a todos quantos com elle vinham, portuguezes e castelhanos, cousa tão bem feita que mais não podia ser, em que o duque gastou muito. E mandou apregoar que nenhuma cousa se vendesse, e que tudo se desse de graça, e assi se fazia; e os ferradores ferravam de graça: andavam pela villa muitos mordomos com muitas carretas e bestas carregadas de mantimentos, e como chegavam ás pou-sadas, segundo eram as pessoas, assi lhe deitavam dentro muita soma de vaca, carneiros, galinhas, per-dizes, patos, coelhos, cabritos e muitas outras sortes de aves e caças; muito pão cozido e muitas frutas de muitas maneiras, muitos e bons vinhos: muitos pescados e muita cevada e palha: muitas tochas novas, e muitas vellas grandes e pequenas, e todas as outras cousas em tanta abastança que não podem alembrear; e tudo muito perfeito e tão sobejo, que aos hospedes ficava muito para muitos dias, e os portuguezes e castelhanos iam carregados de cera e de singulares vinhos e d'outras muitas cousas quanto podiam levar. De maneira que em nenhuma parte vi tanta abastança nem cousa d'esta sorte tão bem feita.

E d'Alva partio El-Rei por suas jornadas ordenadas sem fazer detença até entrar em Portugal: e em

Ciudad Rodrigo mandou a D. Garcia de Toledo, filho maior do duque d'Alva dois singulares ginetes arreitados com arreios d'ouro que valiam muito, e o duque muito estimou. Vieram todos com El-Rei até a villa d'Almeida, primeiro lugar de Portugal, onde entrou e despedio o duque d'Alva e o Patriarca, e outros senhores que com elle vinham. E d'Almeida partio logo e veio por Lamego e Coimbra, e outros lugares, até chegar á cidade de Lisboa onde a Rainha D. Lianor estava, e foi recebido d'ella e de todos grandes, fidalgos e cavalleiros, e todo o povo com muito grande prazer e contentamento pelo verem em seus reinos, d'onde havia seis mezes que era fóra.

## LAUS DEO

---

### *Ida da Infanta D. Breatrix para Saboya*

No anno de mil e quinhentos e dezaseis, estando o muito alto e muito poderoso Rei D. Manuel nosso senhor, e a Serenissima senhora Rainha D. Maria sua mulher e o muito alto e muito excellente Principe D. João nosso senhor, e os muito excellentes senhores Infantes seus irmãos na muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa: o illustrissimo e muito excellente D. Carlos duque de Saboia, etc., por seus embaixadores mandou requerer e cometer a Sua Alteza casamento com a muito excellente senhora In-

fanta D. Breatriz sua segunda filha. Os quaes embaixadores que se chamavam um Monseor de Confinhã e outro Pero Caes, andaram na côrte muitos dias em seu requerimento e foram-se sem tomarem conclusão alguma.

E d'ahi por diante nunca o senhor duque deixou por seus mensageiros e cartas d'apertar e falar no dito casamento como homem que em extremo desejava de se acabar.

Neste tempo falleceu a Serenissima e muito virtuosa senhora Rainha D. Maria, que santa gloria haja, e depois de seu fallecimento El-Rei nosso senhor casou com a Serenissima e excellente Princesa a Rainha D. Lianor nossa Senhora, irmã do Imperador Carlos Rei de Castella e de Aragão, e Napoles, e de Granada, de Cecilia, e Navarra, etc.

Estando Suas Altezas e o Principe nosso senhor e Infantes seus irmãos na muito nobre e sempre leal cidade de Evora, o anno de quinhentos e vinte, o senhor duque lhe tornou a mandar por embaixador Monseor de Brosiseu, camareiro, pessoa principal e mui aceito a elle, e Chatel por secretario, com boa companhia, e foi recebido por os muito magnificos condes, o conde de Tentugal e o conde de Vimioso com mil e quinhentos em cavalgaduras. Deu sua embaixada, e andou na côrte tantos dias, e apertou tanto e por tantas vezes o negocio, assi por si como por pessoas principaes que nisso metia, que houve d'El-Rei nosso senhor boa palavra, e com ella se partio com muito contentamento por lhe parecer que tinha aberto caminho para se poder esperar o que o duque seu senhor sobre tudo tanto desejava.

E tornando outra vez a estar Sua Alteza e a Rainha e Principe e os Infantes na cidade de Lisboa, o senhor duque lhe mandou outra embaixada no anno



de vinte e um, em que vieram por embaixadores Monseor de Balsisam tres vezes barão e seu camareiro mór, e Jafredo Passerio, doutor em leis, e seu desembargador do paço, e por secretario Chatel, e com elles mui boa companhia. Os quaes foram grandemente recebidos de todos os grandes e Prelados, e pessoas principaes, e nobre fidalguia e cavallaria da côrte de sua Alteza. Deram sua embaixada com toda honra e cerimonia que podia ser, e por muitas vezes falaram a Sua Alteza e apertaram e trabalharam tanto nisso, que se veio o dito casamento a consertar, e fazerem seus contratos. Para os quaes El-Rei nosso senhor tomou por seus procuradores D. Alvaro da Costa, do seu consêlho, seu camareiro e armador, pessoa de que muito confiava: e o doutor Diogo Pacheco, do seu desembargo, homem nas letras e em tudo mui estimado, e por parte do senhor duque elles embaixadores que para isso traziam abastante procuração; e o concerto que todos fizeram foi este:

Que Sua Alteza dava á senhora Infanta sua filha em dote de seu casamento cento e cincoenta mil cruzados, s. cem mil cruzados em ouro e os cincoenta mil em joias d'ouro, pedraria, perlas, aljofar e prata de serviço de sua mesa e camara, capella, guarda roupa e estrebaria, e em corrigimentos de sua casa e camara e ornamentos, tapeçaria, e outras cousas. E mais a mandaria até á cidade de Niça ou porto de Villa Franca á sua propria custa e despesa como cumpria a seu estado, no que Sua Alteza gastou mais d'outros cento e cincoenta mil cruzados, segundo na grande armada e grossas despesas que fez se verá.

E o illustríssimo senhor duque dava á muito excellente senhora Infanta duqueza para sustentar seu estado todas as cidades, villas, fortalezas e lugares que tinha a illustrissima Madama Branca, que foi duqueza de

Saboya, com todas suas jurdições, mero e misto imperio nellas quinze mil cruzados de renda em cada um anno, e se mais rendessem fosse para a senhora Infanta, e se menos que o senhor duque lho perfizesse, e lhe dava para fazer mercês, esmolas, e o que lhe bem viesse cinco mil cruzados, que são por todos vinte mil: e mais lhe daria todolos vestidos de sua pessoa em sua vida como cumpre a seu estado, e que fallecendo elle duque primeiro que ella, que lhe ficasse tudo livremente para sempre, e mais lhe dava de arras os cento e cincoenta mil cruzados que houve de seu dote, e todalas joias e cousas que tiver, e outras muito grandes cousas que no contrato vão declaradas.

Os contratos acabados domingo de Pascoela sete dias do mez d'Abril, que receberam á Senhora Infanta duqueza com o embaixador Monseor de Balcisam, o Principe nosso senhor cavalgou, e com elle o Infante D. Luiz seu primeiro irmão, e toda a côrte, e se foi para casa dos embaixadores, os quaes vinham já por caminho, e com elles o marquez de Villa Real e o Arcebispo de Lisboa com muito nobre companhia, e se toparam á porta principal da Sé, e d'ahi os trouxe Sua Alteza consigo com muitas e grandes honras até uma grande salla armada toda de rica tapeçaria d'ouro e alcatifada, em que El-Rei nosso senhor e a senhora Rainha estavam em um grande e alto estrado alcatifado, com um dorsel de rico brocado: e as cadeiras cubertas com um grande pano d'ouro, e os Infantes seus filhos e as senhoras Infantas D. Isabel e D. Breatriz todos no estrado assentados em almofadas de brocado rico: e todalas damas assentadas na salla de uma parte e da outra em alcatifas, e com ellas muitos senhores e nobres fidalgos: e a salla toda cheia de muitos e muito grandes castiçaes

de prata com tochas, e todos os ministros que se podiam nomear.

E como o Principe nosso senhor e o senhor Infante chegaram com os embaixadores já perto da noite, se foram logo onde Suas Altezas estavam, e no estrado estando todos em pé, o muito reverendo D. Martinho, Arcebispo de Lisboa, recebeu a Illustrissima e Excellente Senhora Infanta D. Beatriz com o nobre embaixador Monseor de Balcisam em nome do duque seu senhor por palavras de presente, como manda a santa madre egreja de Roma, porque o embaixador trazia para isso e para tudo sufficiente e abastante procuração.

Acabado o recebimento o Principe nosso senhor e todos seus irmãos beijaram a mão a El-Rei e á Rainha por o casamento da senhora Infanta: e após elles todos os grandes de Portugal que na casa estavam. E acabando, El-Rei e a Rainha, Príncipes e Infantes se assentaram: e El-Rei mandou pôr a um cabo do estrado um escabello cuberto com uma alcatifa, em que mandou assentar os embaixadores.

Começou-se logo um grande serão em que El-Rei e a Rainha com o Principe e as senhoras Infantas D. Isabel e D. Beatriz, e o Infante D. Luiz dançaram todos.

E assi todos os grandes e fidalgos da côrte, que durou o serão muitas horas, em que houve muitas damas, muitos galantes ricamente vestidos.

Logo do outro dia por diante El-Rei nosso senhor começou de mandar ordenar todas as cousas necessarias para a ida da senhora Infanta, e dizer ás pessoas que com ella haviam de ir que se apercebessem, e mandou fazer prestes e concertar todas as naus grossas, galés e galeões: e outras naus e caravellas para sua embarcação, que foram por todas dezoito vellas,

s. quatro náos grossas, quatro galés, dois galeões, cinco náos, duas caravellas e uma fusta: todalas melhores que podiam ser e para isso muito escolheitaz de fortes, novas, grandes e veleiras, e iam tão grandemente armadas, que era cousa de espanto: porque além da artelharia que tinham e soham de trazer, levavam mais do almazem d'El-Rei quinhentos e trinta e sete tiros, todos de metaes, muito singular artelharia, s. cento e duas peças de bombardas grossas, muito grandes, muito fortes, e muito furiosas, e trinta e cinco peças de falcões, e cincoenta peças de lagartixas, e trezentos e cincoenta berços, tudo de metal, repartidos por todas quanto cada uma podia levar, e a não em que a senhora Infanta ia era de oitocentos toneis, e a do Arcebispo de seiscentos e cincoenta, a de D. Francisco de Castelbranco de trezentos e cincoenta, e a de D. Francisco da Gama de trezentos, e o galeão em que Fernão Perez ia de duzentos e cincoenta toneis, e o galeão d'Affonso d'Albuquerque de duzentos e trinta, e as galés eram reaes e mui grandes, e ia por capitão mór d'ellas D. Pedro Mascarenhas. E os capitães das outras eram Francisco de Mello e Luiz Machado, e Gonçalo de Campos, e na fusta Alvaro do Couto.

E a não em que o Marichal ia era de cem toneis, e a de Christovão de Brito d'outros cento, e a de Alonso Peres passava d'elles, e a de D. Fernando de Abranches da mesma grandura, e tres caravellas mui grandes. Em uma D. Luiz Coutinho, e na outra Ruy Mendes de Vasconcellos, e a outra ia com aves e caça, e mais uma grande não dos embaixadores.

Em companhia da senhora Infanta mandou o muito reverendissimo senhor D. Martinho da Costa, Arcebispo de Lisboa, Prelado mui principal e de muita autoridade, e o muito magnifico D. Martinho de Castel-

branco, conde de Villa Nova e camareiro mór do Principe nosso senhor, que ia por capitão mór e governador de toda a frota, a quem El-Rei entregou a Senhora Infanta e a levou até a entregar ao senhor duque seu marido, homem que El-Rei tinha em grande estima e a que mostrava muito amor e confiança e a quem sempre deu parte de todas as suas cousas e segredos, e outra muita e muito nobre companhia e mui principaes pessoas, as quaes são estas, s. o Bispo de Targa, que ia por capellão da Senhora Infanta, e D. Francisco de Castelbranco, filho maior do dito conde de Villa Nova, e D. João, D. Antonio e D. Affonso, tambem seus filhos, e D. Francisco da Gama filho herdeiro do conde almirante, e D. Estevão seu irmão, e D. Luiz Coutinho, e D. Fernando de Castro, filho maior do governador de Lisboa; e Nuno da Cunha, veador da fazenda do Principe nosso senhor; Affonso d'Albuquerque, o Craveiro D. Diogo de Menezes, D. Pedro d'Almeida e D. Alvaro Coutinho, marichal; e João Lopes de Sequeira mordomo mór da Infanta, João Rodrigues de Sá, e D. Pedro Mascarenhas, João da Silveira, D. Fernando de Monroy, D. Jorge Anriques, reposteiro mór do Principe nosso senhor; Affonso Perez Pantoja, Christovão de Tavora, Ruy de Sousa e Pedro Moniz da Silva, D. Fernando de Lima, D. Duarte da Costa, Gaspar de Brito e Fernão de Miranda, Ruy Mendes de Vasconcellos, Antonio de Moura, João de Mello Pereira, D. Fernando de Abranches, D. Fernando de Noronha, Christovão de Brito, Lionel de Brito, e Pedro Affonso de Aguiar, Pero Gomes da Grã, Fernão Perez de Andrade, Pero de Affonseca, e Pero de Mendanha, D. Jeronymo de Moura e Lourenço de Sousa, filho de Ruy de Sousa; Simão Corrêa, veador da Infanta, Jeronymo Corrêa, estribeiro mór, e seu irmão Pero Pantoja, e Martim Vaz, filhos

de Alonso Perez, Antonio Pereira, Diogo Brandão, Francisco de Mello e Gonçalo Coelho, D. Jorge, filho do conde do Demira, e D. Braz Anriques, filho de D. Fernando Anriques pajes da Infanta, Antonio Reaes, Luiz Machado, Gonçalo de Campos, Alvaro do Couto e Diogo Ferreira, feitor da armada, Francisco Coelho, Alvaro do Tojaes thesoureiro da Infanta, Gaspar de Sequeira, uchão, João de Lousado mantieiro e Francisco Homem copeiro: Affonso Munhoz thesoureiro da capella, dezoito moços da camara, seis moços da capella, seis homens da camara e seus guardas das damas, quatro porteiros de maça, oito moços de estribeira e oito reposteiros seus cozinheiros, e homens dos officios, seis charamellas, tres violas d'arco, uma citra, oito trombetas e seis atambores, e sua capella ordenada, e muitos ricos ornamentos, e todas as cousas de casa tão perfeitas e abastantes, que valia o movel que levou cincoenta mil cruzados (como atrás fica dito.)

E as mulheres que com ella foram são estas, s. D. Lianor da Silva, que ia por camareira mór, e D. Me-  
cia, filha de D. Diniz, irmão do duque de Bragança, D. Maria, filha do conde de Farão, e D. Maria de Menezes, D. Izabel Anriquez, D. Ignez de Mello, D. Joana de Menezes, D. Breatriz Mascarenhas e D. Francisca de la Cerda, e D. Ignez de Brito, Guiomar Cardosa, Francisca Tavares, e Ignez d'Aguileira, e moças de guarda roupa, moças da camara, guarda das damas e escravas brancas. E a todas El-Rei deu ricamente de vestir, e foram estas senhoras e damas com tantos, tão ricos e galantes vestidos que mais não podiam ser, e assi todas as cousas necessarias.

E mandou Sua Alteza que fossem prestes para poderem embarcar até dia de Santiago, vinte e cinco dias de Julho, e pelo mui grande desejo que todos ti-

nham de o servir, posto que o tempo fosse muito breve para tamanhos gastos e tantas cousas se haverem de fazer, se concertaram asinha, que antes do termo posto poderam partir senão acontecera que a Senhora Infanta duqueza adoeceu de febres, e com os grandes remedios que lhe fizeram foi sã d'ahi a quinze dias.

E domingo, quatro dias d'Agosto foi El-Rei nosso senhor e a Rainha, Principe e Infantes todos com a senhora Infanta duqueza á Sé, e d'ahi a casa da serenissima Senhora Rainha D. Lianor sua tia a despedir-se d'ella, e neste dia se vestiram e deram mostra todolos que com a senhora Infanta iam, que foi cousa bem para vêr e adiante se dirá.

El-Rei com todo o estado real (como acima fica dito) sahio do paço ás quatro horas depois de meio dia, todos mui riquissimamente vestidos, e as bestas muito arreadas. El-Rei nosso senhor vestido á framenga, em um cavallo de brida, e a Rainha nossa senhora em umas andas cubertas de pano d'ouro, e os cavallos que as levavam guarnecidos de brocado rico de pello, e com ella dentro a Senhora Infanta duqueza e o Principe nosso senhor vestido de capa aberta e espada, em um ginete singularmente arreado, e a Senhora Infanta D. Izabel em uma mulla, com uma guarrição e andilhas de muito rica chaparia d'ouro. E o mui reverendissimo e muito excellente senhor Cardeal Infante D. Affonso com seu roxete e vestido de escarlata, capello e sombreiro de setim cramesim, em uma mulla apamentada de veludo cramesim. E o senhor Infante D. Luiz vestido á framenga, em um cavallo de brida ricamente guarnecido. E o senhor Infante D. Fernando vestido de capa aberta em um ginete com um mui rico arreo de ouro. E os senhores Infantes D. Anrique e D. Duarte muito bem vestidos

e em facas á brida com mui ricas guarnições d'ouro, e todalas damas assi da Rainha como das senhoras Infantas singularmente vestidas, e em bestas muito arreaiadas, e muitos pajes e moços de esporas muito bem ataviados, e muito mais os galantes que com ellas iam.

Sahiram do paço (ás horas que disse, e vieram por a Tanoaria á rua Nova, que estava mui formosa cousa, toda armada de mui rica tapeçaria, e d'ahi por a Padaria foram até á Sé. E da Sé depois de feitas orações, por as ruas principaes até a casa da Senhora Rainha onde estiveram, e a Infanta se despedio d'ella, e á vinda vieram por toda a ribeira, que era cousa mui bem lustrosa.

Deceram no paço, e em uma mui grande salla armada toda de mui rica tapeçaria d'ouro e muito bem alcatifada, dorcel, cadeiras e almofadas de mui rico brocado, se começou um grande serão em que El-Rei nosso senhor dançou com a senhora Infanta duquesa sua filha e a Rainha nossa senhora com a Infanta D. Izabel, o Principe nosso senhor e o senhor Infante D. Luiz com damas que tomaram. E assi dançaram todos os galantes que iam a Saboya, e muitos outros senhores e galantes, que durou muito. E as danças acabadas se começou uma muito boa e muito bem feita comedia de muitas figuras muito bem ataviadas e mui naturaes, feita e representada ao casamento e partida da Senhora Infanta, cousa muito bem ordenada e bem a proposito, e com ella acabada se acabou o serão.

Neste dia se vestiram e deram mostra todalas pessoas que com a Senhora Infanta iam, e com muita verdade se pôde dizer e afirmar que nunca de Espanha sahio nem se vio gente tão rica, tão galante e tão atilada. Porque houve muitos homens de vesti-



dos borlados de mui ricas perlas e mui riquissima pedraria, muitos de canotilhos, muita chaparia, muitos borlados d'aljofar, muitos d'ouro de martello, e singulares borlados e entretalhos. E não havia homem que não levasse muito ricos collares de pedraria, perlas e ouro esmaltado, e assi mui grandes cadeias de tiracolo. E todos mui ricas espadas com guarnições de muito valor, e assi estoques e adagas, e punhaes guarnecidos e esmaltados d'ouro, e muitos com mui rica pedraria de muitas feições e invenções, e assi ricas cintas e tecidos d'ouro esmaltados e infindos botões de pedraria, perlas e ouro, e mui riquissimos firmaes de pedraria e infinidade de pontas de perlas, ouro, e esmaltes, até os sapatos que todos levavam eram de veludo, feitos á framenga com ricas guarnições d'ouro esmaltadas. E os vestidos todos, ou os mais eram de tres sedas, a de cima toda golpeada e feita em tiras, com grande soma de firmaes, botões e pontas por todos os golpes, e outra seda debaixo que parecia, e de dentro forrado d'outra seda, afóra entretalhos, bandas e debruns, e isto não sómente nas opas, roupões e capas, mas nos saios e gibões. E cada um tantos vestidos d'esta sorte, tantos trajos e invenções, e tão ricas sedas, que mais não podia ser.

E era cousa bem para ficar em escripto o que cada um levava e gastou. Porém porque seria muita leitura o deixei de escrever, abaste ser visto de tantos. E os pajes, escudeiros e moços de esporas mui grandemente vestidos de muitas singulares librés e mui galantes invenções, e muitos de chaparia, borlados e entretalhados.

E as bestas com ricos jaezes e guarnições de muitas invenções, e assi mui ricas camas e paramentos de casas e riquissimas baixelas para lá no mar e na terra darem convites e banquetes. E muito grande

soma de charamelas, sacabuxas, trombetas e atambores e outros muitos ministris ataviados.

E os capitães e os remeiros que remavam seus ba-  
teis muito bem vestidos de suas librés e devisas que  
verdadeiramente não lembra a riqueza, policia e abas-  
tança de tudo, e porque os que depois isto lerem lhe  
não pareça muito, saibam certo que Portugal a este  
tempo estava o mais rico reino de christãos, e toda  
a riqueza d'elle de pedraria, perlas, aljofar, colares e  
todalas peças d'ouro levavam estes cincoenta ou ses-  
senta homens (atrás nomeados) seu e emprestado, que  
por ser a viagem perto e haverem logo de tornar,  
cada um levemente emprestava o que tinha, e o prin-  
cipal por servirem e fazerem a vontade a El-Rei, que  
pois o não iam servir com as pessoas, folgavam de ir  
suas fazendas, pelo gosto e contentamento que nisso  
lhe viam levar, e por isso se fizeram muitos e muito  
grandes e demasiados gastos, principalmente o Arce-  
bispo de Lisboa e o conde de Villa Nova, e o conde  
Almirante com seus filhos, e assi todos os outros,  
que se affirma e ha por muito certo que se gastaram  
nesta armada passante de seiscentos mil cruzados, e  
se El-Rei nosso senhor não defendera brocados e te-  
las d'ouro e de prata, muito mais se gastara, que por  
duas cousas gastam os portuguezes levemente suas  
fazendas: a primeira por serviço de seu Rei, e a se-  
gunda por suas honras com alguma competencia e  
 vaidade de mistura.

Logo ao outro dia, que foi segunda feira, dia de  
Nossa Senhora das Neves á tarde, a Senhora Infanta  
duqueza embarcou com grandissimo estado; sahio  
com ella El-Rei nosso senhor e a Rainha, o Principe  
e Infantes, e todalas damas e senhoras que na côrte  
estavam, e assi os embaixadores do senhor duque e  
toda á companhia da senhora Infante, e diante d'ella

o conde por mordomo mór d'El-Rei e o mordomo mór da Rainha, e todos os porteiros, mestres salas e reis d'armas, porteiros de maça e outros officiaes, e muitas charamellas, sacabuxas, trombetas e atambores, e muitos outros instrumentos e menistris, e por uma salla grande e uma muito grande varanda vieram ter a um caes que estava dentro na agua, tudo armado de mui rica tapeçaria, e o caes alcatifado, e ao sahir e entrar de todas as portas a Rainha nossa senhora se rogou sempre com a senhora Infanta duquesa, e ambas sahiam e entravam juntamente, e embarcaram todos em um muito grande batel todo de popa á proa toldado de rico brocado de pello e alcatifado, com muitas almofadas de brocado e muitas e ricas bandeiras e estandartes de damasco carmesim e branco, pintadas d'ouro, e outros muitos bateis mui ataviados com os marinheiros muito bem vestidos todos de uma libré que o levavam á toa, e derredor d'elle todos os bateis de todas as náos, galés e galeões e caravellas da armada ricamente ataviados de ricos toldos e bandeiras, e marinheiros muito bem vestidos cada um de suas côres, com muitas charamellas, trombetas e atambores.

E todas as náos e navios em grande maneira concertados de toldos, estandartes e bandeiras, e muitas caravellas da cidade muito embandeiradas e enramadas com muitas folias, trombetas e atambores que sempre andavam á vella derredor da náos da senhora Infanta, e com estes bateis outros muitos de gente que vinha a vêr eram tantas e tão formosa'cousa que mais não podia ser, e a gente que pela ribeira estava assi ás janellas como a cavallo e a pé era sem numero, e a artelharia que se tirou sem conto.

Foram assi até a náos, e por uma grande ponte que tinha muito bem ordenada feita sobre barcas e arma-

da de rica tapeçaria, e entraram na não tão chã como em uma salla. Estiveram lá um grande espaço, e El-Rei e Rainha e o Principe se tornaram, e com a senhora Infanta duqueza ficaram a senhora Infanta D. Izabel e os senhores Infantes seus irmãos, e dormiram lá na não aquella noite, e assi o conde de Villa Nova e os embaixadores do senhor duque, e todos officiaes da senhora Infanta, e muitos fidalgos mui honrados que na não iam com ella. E era muito para ouvir todalas noites que no mar esteve as muitas e boas musicas que continuamente havia, que faziam muita saudade. E nos dias tantas charamelas, sacabuxas, tantas trombetas e atambores e tão grossa artilharia que se não podiam ouvir.

E a não em que a senhora Infanta ia era cousa mui maravilhosa para vêr o concerto e riqueza d'ella: era não de oitocentos toneis, foi feita na Índia, chamava-se Santa Catherina de Monte Sinay, não muito forte, muito formosa, muito veleira, e muito segura no mar, toda feita em muitos e grandes aposentamentos todos forrados de bordos com maçonaria d'ourada, e a senhora Infanta tinha grandes sallas e camaras, e debaixo de seu aposentamento o das suas damas e mulheres mais guardado que em um encerrado mosteiro. Estes na pôpa da não, e pelas outras partes muitas e mui boas camaras para o conde e embaixadores e fidalgos, e officiaes da senhora Infanta, todas apartadas sobre si, e cada uma muito ricamente armada, e mui ricas camas com ricos concertos de casa, e muita e mui rica prata e tantas outras abastanças de cousas que não podem alembiar.

A camara em que a senhora Infanta dormia era toda armada de brocado rico de pello e alcatifada, os paramentos e cobertor da cama do mesmo brocado tudo franjado d'ouro, e muitas almofadas de brocado.

E a outra ante-camara, era toda armada de muito fino veludo carmesim com muitas almofadas do mesmo veludo e alcatifada, e um dorsel de brocado, e outra cama e cobertor do mesmo veludo franjado d'ouro toda guarnecida e bandada de umas muito galantes bandas de pano d'ouro, e a salla e todas as outras camaras armadas de rica tapeçaria. E o conde de Villa Nova levava sua camara toda de rico brocado de pello e alcatifada, e a cama do mesmo brocado com outros muito ricos concertos.

O toldo da não era de veludo carmesim e damasco branco, e pelas bordas entretalhado de veludo azul posto sobre setim amarelo e trocelado de seda branca, os entretalhados da bordadura eram de largura de cinco palmos, e tinha tres esperas muito grandes e borladas, uma no meio, e de cada parte outra tambem de muito fino veludo azul posto sobre setim amarelo e trocelado de seda branca, e tudo franjado de seda e forrado de dentro de damasco azul da China, e era tão grande que tinha passante de mil covados de seda afóra o forro; de comprimento dava d'ambas as partes na agua, e de largura tomava toda a tolda, feito em tres peças, que por sua grandura não se podia d'outra maneira armar, e se ajuntava com botões e troças.

E os toldos das gaveas eram de damasco carmesim e damasco branco tambem entretalhados e franjados.

E muitos estandartes de damasco carmesim e branco por todos os mastos, e assi mesmo por todas as pontas das vergas, e os dois estandartes das gaveas eram muito grandes em extremo, que dava muito pela agua, tambem de damasco carmesim e branco, bandados de brocadilho, com muitas esperas d'ouro de pintor, pintadas de ambas as faces, umas muito grandes e outras menos segundo se iam estreitando.

Lévava duas bandeiras de damasco carmesim muito grandes em extremo com as armas reaes pintadas d'ouro e prata, uma ia na pôpa da não, e a outra no estaes que vem da gavea para o castello d'avante, e ambas franjadas de brocadilho branco e vermelho com grandes troçaes e borlas de seda das mesmas côres.

E oitenta e quatro bandeiras muito grandes todas de damasco carmesim e branco, e de uma maneira todas com esperas e bordaduras d'ouro singularmente pintadas de ambas as partes, e suas tranjas e troçaes de seda, que verdadeiramente vêr a não com seus toldos, estandartes e bandeiras, suas sallas e camaras com seus ricos paramentos e ricas camas e concertos, e a nobreza dos fidalgos e damas que nella iam, e os ricos vesti'os que levavam ao modo do mar: e todas as outras policias e abastanças, era cousa espantosa e muito para folgar de vêr e não ousar de escrever.

E os toldos, estandartes e bandeiras das galés que iam concertadas á custa d'El-Rei tambem eram d'esta sorte.

E as outras náos, galeões e caravellas todas com ricos toldos, estandartes e bandeiras, cada um de suas côres e devisas, mui ricos e mui galantes, e de muitas maneiras borlados e entretalhados, e assi todos os toldos dos bateis concertados em tanta maneira, que mais não podia ser. E poucas vezes ou nunca se veria armada em todo tão concertada, porque ainda que se fizessem já outras maiores, com muita parte se não fariam tão ricas, e se fossem ricas, não seriam tão atiladas, e se tão atiladas em alguma cousa não em todas como esta foi, porque gente nunca tal se vio de riqueza e galantaria. E as vellas todas assi grandes como pequenas tão escolheitas e em tudo tão perfeitas que lhe não fallecia nada, os toldos, estandartes e bandeiras, assi d'ellas como dos bateis eram taes que cada uma antes de se verem cuidava que o seu era

melhor que todos, e sem duvida tudo era tal que era razão que o cuidassem e se enganassem comsigo.

A' terça feira seguinte á tarde foi El-Rei e a Rainha, o Principe e os Infantes, e a senhora Infanta D. Izabel e todas as damas e senhores, e os fidalgos que iam a Saboya, e outros muitos á não a vêr a senhora Infanta duqueza. E depois de lá serem houve ahi um grande serão, em que dançaram todos os galantes que com a senhora Infanta iam e outros muitos, que foi uma muito gentil festa por ser feita no mar, e havia para isso na não tamanho logar como em uma boa sala, que verdadeiramente depois de entrar nella eram tão grandes aposentamentos e tão ricos, que pareciam uns bons paços

Durou o serão até cerca da noite que se El-Rei e Rainha e o Principe e todos se vieram. O mar era cheio de bateis mui ataviados, assi os da armada como outros de gente que ia vêr. E todas as náos, galés e outros navios com seus toldos, estandartes e bandeiras: e a artilharia que tirava era tanta e tão grossa que havia homem receio de perigo, por estarem tão perto uns dos outros. Este dia foi muito para folgar de vêr por ser tudo feito no mar, e por os muitos e mui ricos vestidos que todos da armada levavam, que de mui custosos e mui galantes não se podia mais fazer.

A quarta feira se passou toda em os senhores e senhoras e muitas donas e pessoas principaes irem beijar a mão á senhora Infanta e despedirem-se d'ella, e assi das senhoras e damas que com ella iam, com quanto era tempo de tão grandes festas, as lagrimas que com saudade choravam eram tantas que mais não poderam ser se fôra tempo de nojo; e no Principe nosso senhor se vio bem o grande amor que tinha á senhora Infanta sua irmã, por que todos os dias que no mar esteve nunca deixou de estar com ella, e ante

manhã se ia para a não e lá comia e estava sempre : e quando se vinha era tão tarde que a senhora Infanta se recolhia logo para dormir: e os senhores Infantes todos iam sempre á não, e estavam lá todo o dia com ella: e El-Rei nosso senhor se a não ia vêr tantas vezes era por não amostrar a grande saudade que d'ella havia, que pelo grande bem que lhe queria a não podia encobrir. Nesta tarde de quarta feira e na noite se fizeram todos prestes para poderem partir.

A quinta feira pela manhã ás oito horas a não da senhora Infanta deu a vella, e com ella todalas náos, galés, galeões e caravellas que com ella iam, e outras muitas da cidade que acompanhavam até sahir de foz em fora, que era muito formosa e bem saudosa cousa para vêr como todas iam, a muita artelharia que tirava e a soma das charamelas e sacabuxas, trombetas, atambores e outros muitos estromentos que tangiam. Foram assi todas juntas até de frente de Nossa Senhora de Belem, onde deitaram ancora e a salvaram com muita e muito grossa artelharia e muitos tangeres. E o Principe nosso senhor e os Infantes seus irmãos iam na não com a senhora Infanta duqueza, e El-Rei e a Rainha e a Infanta D. Izabel a foram vêr partir de um baluarte grande que está metido no mar, e estiveram todos tres sós com muito grande saudade, muitos suspiros e lagrimas, com os olhos sempre na não até que a viram deitar ancora.

Como foram ancoradas as galés se tornaram logo á cidade para El-Rei nosso senhor ir nellas a vêr a senhora Infanta. E como a Rainha nossa senhora o soube a quiz tambem ir vêr, sendo já d'ella despedida, que verdadeiramente Sua Alteza mostrou em tudo tão grande e verdadeiro amor á Senhora Infanta que mais não podia ser sendo sua propria filha. E como acabaram de comer El-Rei e a Rainha nossa



senhora e a Infanta D. Izabel, se foram logo á galé capitania, e com elles todalas damas e muitos senhores, e nas outras galés e bateis muitos fidalgos e outra muita gente. Foram a Restello onde a Senhora Infanta duqueza estava, e por o mar andar ha pouco alevantado a Rainha Nossa Senhora e a Senhora Infanta não poderam entrar na não nem sahir da galé. El-Rei nosso senhor entrou e foi vêr a Senhora Infanta sua filha, e esteve com ella um bom espaço só em sua camara falando ambos, e acabado lhe deitou a sua benção, e com muita saudade e grandissimo amor se despediu d'ella, e assi o Principe nosso senhor, e os senhores Infantes seus irmãos que com ella estavam todos, e se vieram á galé, e a Senhora Infanta duqueza chegou a uma janela da não da camara onde estava, desde ahi vio a Rainha e a Infanta sua irmã, e com muitas lagrimas e soluços e grandissima saudade se despediu d'ella, e acabado El-Rei nosso senhor com todos se veio para a cidade, onde chegaram bem tarde.

Logo ao outro dia sexta feira pela manhã a não da Senhora Infanta e todalas outras deram á vela para fazerem sua viagem, e passaram pela torre e fortaleza de Restello que foi espantosa cousa para vêr a artilharia que tirou, e por o tempo não servir deitaram ancora ahi perto.

E ao sabbado pela manhã dia de S. Lourenço, dez dias do dito mez de Agosto do dito anno de mil e quinhentos e vinte e um annos, a Senhora Infanta com toda a frota de sua armada partio, e sahio de foz em fóra e fez sua viagem. Que prazerá a Nosso Senhor Deus ser tanto por seu bem e descanso, quanto El-Rei seu pae e a Senhora Rainha, o Principe, os Infantes seus irmãos, e ella mesma desejam, e todos desejamos. Amen.

LAUS DEO

# MISCELLANEA

DE

GARCIA DE RESENDE

E

*Variedade de historias, costumes, casos e cousas  
que em seu tempo aconteceram*

---

## PROLOGO

SENHOR,

As perdas, nojos, doenças  
e fortunas tem remedio;  
mas quem deixa perder tempo,  
nunca o mais pode cobrar.  
Eu, n'aqueste em que me vi  
descontente, e ocioso,  
e fóra de occupaões,  
não de paixões e cuidados,  
me occupei em cuidar  
e recolher á memoria  
as muitas e grandes cousas  
que em nossos dias passaram,  
e as novas novidades,

grandes acontecimentos,  
e desvairadas mudanças  
de vidas e de costumes:  
tantos começos e cabos,  
tanto andar desandar,  
tanto subir e descer,  
tantas voltas más e boas,  
tanto fazer, desfazer,  
tanto dar, tanto tomar,  
tantas mortes, tantas guerras,  
tão poucas vidas e pazes,  
tanto ter, tanto não ter,  
tantos descontentamentos,  
tantas e vãs esperanças,  
tanto mal, tão pouco bem,  
tanto favor, desfavor,  
tanto valer, desvaler,  
tanto prazer, tantos nojos,  
tão pouco dar por virtudes,  
tantos falsos e mentiras,  
tão pouca fé e verdade,  
tantos soberbos e baixos,  
tanto saber sem dar fructo,  
tantos simples e errados,  
tão poucos os que acertam,  
tantos serviços em vão,  
tanto medrar sem servir,  
tanto soltar e prender,  
tantos enganos e modos,  
tanto, bons sem galardão,  
e tantos maus sem castigo,  
conselhos sem caridade,  
ingratidão sem razão,  
cobiças, pouco amor,  
e amidades fingidas;

tão perseguida a igreja  
de christãos mais que de mouros,  
tanto trabalhar por vida,  
tão pouco por bem morrer,  
tantos avaros tyrannos,  
tantos cuidados do mundo,  
tantos descuidos de Deus  
por cousas que hão de acabar !  
E quem verdadeiramente  
estas todas bem sentir,  
verá que, em muitos tempos,  
nunca taes aconteceram.  
Quando, senhor, me lembrou  
tamanho numero d'ellas,  
e tão grande esquecimento,  
que poucas vêmos escriptas,  
me pareceu que erraria  
não as pôr em lembrança,  
e tambem outras, pequenas,  
que são dignas de notar.  
E tanto foi o desejo  
que tive de o fazer,  
que me esqueceu de quão pouca  
sufficiencia tinha.  
E, porque tamanhos casos  
me fizeram ter em pouco  
quanto o mundo agora póde,  
e quanto póde poder,  
determinei de soffrer,  
de ouvir antes glosadores,  
que deixar escurecido  
o que devia ser claro.  
E pois muitos gostam vêr  
livros, fabulas antigas,  
a que, por auctoridade

dos escriptores, dão fé;  
muito mais devem folgar  
de lêr estas que, tão certo,  
todos sabem, e alguns viram,  
e esquecidas estavam.  
Mas a natureza é tal,  
que poucos querem ouvir,  
nem aprender, nem saber  
cousas certas, nem verdades;  
e mais, vendo esta obra  
escripta por quem carece  
de linguagem, de doçura,  
de saber, graça, eloquencia,  
e em estilo tão baixo  
que, se Vossa Alteza só  
com seu favor lhe não vale,  
bem em vão foi meu trabalho.

*(Começa a obra)*

Vimos taes cousas passar,  
em nosso tempo e idade,  
que, se se ouviram contar,  
por mentira e vaidade  
se houveram de julgar.  
E pois as temos sabidas,  
e estão tão esquecidas  
que não lembram a ninguém,  
veja Vossa Alteza bem  
que vimos em nossas vidas.

Vimos o turco tomar  
grão parte da christandade, <sup>(1)</sup>

---

(1) O imperio de Constantinopla e o de Trebisonda, e, dizem, que vinte e oito reinos.

muitos mouros subjugar;  
vemos seu senhorear  
sem ter contrariedade:  
tem dois imperios ganhados  
e muitos reinos tomados.  
Herodes, por derradeiro,  
faz justiça por inteiro  
aos mores mais castigados.

Cousas muito de espantar,  
tomando Rhodes, passou.  
Deixo quanto hi conquistou,  
mas terra assim faz juntar  
que mais que os muros alcançou.  
D'ali dentro lhe lançavam  
quantos mortos lhe matavam  
e de peste lhe morriam,  
e fumos que assim fediam  
que os de dentro se afogavam.

E' mui grão conquistador,  
tem gran fôrma de vaidade  
que, se lhe dá por vontade  
com quantos tem com favor,  
deixa em sua liberdade,  
aos que toma pelejando  
mata-os, nunca deixando  
cousa viva no logar:  
isto lhe faz conservar  
tantas terras, tanto mando.

Elle só, tem maior renda  
que os reis da christandade;  
paga junta, sem contenda,  
trazida sua fazenda

com muita seguridade,  
tem quatorze contos d'ouro  
que mette em seu thesouro  
cada anno, sem minguar peça ;  
todos pagam, por cabeça,  
o christão, judeu e mouro.

Por culpa dos reis christãos  
se faz tão grande senhor  
que não pode ser maior,  
pois não tem para elle mãos,  
nem, entre si, paz e amor.  
São homicidas no mal  
que faz, salvo Portugal  
que, por ser tão desviado,  
a um mal tão mal olhado  
não pode valer, nem val,

Que, já sendo mais a geito  
tal empreza, da que jaz,  
elle a tomara a peito  
como em Africa tem feito,  
e continuo em Asia faz,  
e toma villas, cidades,  
reinos e comunidades,  
com victoriosa mão.  
Este é vero christão  
por seu esforço e bondades.

Constantinopla fundou  
imperador Constantino,  
filho de Helena, que achou  
o lenho santo, divino,  
da cruz que Deus nos salvou.  
Do imperador, coitado,

Constantino era chamado  
e mãe também, Helena,  
que o imperio, com grão pena,  
perdeu, e foi degolado.

È vimos o Timorlão  
com grandissimo poder  
tão grão senhor se fazer,  
que tinha da sua mão  
reis grandes, a seu querer.  
Vimos sua crueldade,  
grão tyrannia, maldade,  
subir em tão grande estado,  
que era de muitos chamado  
— Açoute da christandade.

O grão cão também mandou  
grandes gentes, muitas terras,  
vimos quanto prosperou  
e quantos desbaratou,  
e muitas, e grandes guerras ;  
como foi obedecido  
de tantos, e tão subido,  
tão temido, e acatado ;  
em breve tempo acabado  
foi, e já não é sabido.

E vimos, por eleição,  
como papa se eleger,  
por vezes, o grão soldão ;  
de renegado, christão  
se havia de fazer.



Quantos christãos renegaram  
nossa fé, e se lançaram  
no Cairo, com vaidade  
de alcançar tal dignidade  
e as almas condemnaram !

Vimos tambem levantar,  
sem ninguem, senão por si,  
o xeque Ismail-Sophi,  
e por amor ajuntar  
gente mais que nunca ouvi :  
d'este mais attento fallo,  
duzentos mil de cavallo  
traz, e muitos reis comsigo ;  
é dos seus tão grande amigo,  
que o mais que é muito callo.

Vimos o mui poderoso  
rei de Napoles e Aragão  
Dom Affonso, virtuoso,  
catholico e grandioso,  
de mui real condição,  
em nobreza nomeado,  
em esforço signalado,  
prudente, grão vencedor,  
humano, mercedor  
de ser entre reis louvado.

Tão grandes feitos fazer  
vimos em França a Pucella,  
que não são cousas de crêr  
nem se viram antes d'ella,  
nem cuido que se hão de vêr.

Em dois annos, de um villão  
vimos duque de Milão,  
pessoa mui singular,  
prosperamente acabar  
esforçado grão capitão.

Vimos seu filho, que herdou,  
que foi duque Galeão,  
que João André deshonorou,  
de que João André tomou  
a vingança em breve espaço:  
na Sé, beijando-lhe a mão,  
lhe deu uma petição,  
e, em a lendo, tirou  
de uma adaga, e o matou,  
e cumpriu sua tenção.

Ludovico, seu irmão,  
seus filhos, mandou matar  
com peçonha, por herdar;  
foi duque com tal acção.  
Vimol-o mal acabar,  
que el-rei de França o prendeu  
e em gaiola o metheu  
de ferro forte, e fechado,  
onde esteve deshonorado,  
e assim preso morreu.

Vimos que um cavalleiro,  
de Alcantra commendador, <sup>(1)</sup>  
por lhe, o mestre-maior  
em umas canas e terreiro,  
fazer um só desfavor,

---

(1) D. Affonso de Monroy, mestre d'Alcantara.

contra o mestre se ergueu  
e em batalha o venceu,  
o mestrado lhe tomou  
e por mestre se alçou,  
mestre foi, mestre morreu.

O mestre tão grão privado  
que Castella assim mandou, <sup>(1)</sup>.  
condestavel prosperado  
que tanto senhoreou,  
vimos morto, degolado:  
e tambem em Portugal  
vimos outro caso tal,  
em outro mui grão senhor, <sup>(2)</sup>  
de tal poder e valor  
que não tinha seu igual.

Mui poderoso e servido  
el-rei D. Henrique era,  
mui grão rico, mui querido:  
fôra mui obedecido  
se governar se soubera.  
Mas vimos-lhe tanto dar,  
e tanto deixar tomar  
os grandes toda Castella,  
que elles eram os reis d'ella...  
elle sem ter que reinar !

Vimos seu irmão mais moço  
por rei ser alevantado,  
dos grandes mui aguardado,  
todo o reino em alvoroço,  
e el-rei mal acatado.

---

<sup>(1)</sup> D. Alvaro de Luna.

<sup>(2)</sup> D. Fernando, duque de Bragança.

Vimos este grande estado  
mui asinha derribado,  
e sem porquê, sem vergonha,  
o mataram com peçonha  
antes de um anno acabado.

Vimos el-rei D. Fernando,  
rei de Secilia, e mais não,  
ser tão grande capitão  
e crescer tanto seu mando  
que ganhou logo Aragão,  
depois Castella e Leão,  
com guerras e divisão  
Granada e Napoles tambem,  
e Navarra, e em Tremecem  
tomou villas e Orão.

Este foi o que lançou  
os judeus e mouros fóra  
de Castella, e ordenou  
inquisição, e formou  
a irmandade té agora;  
e tomou os tres mestrados  
para si, e os estados  
dos mui grandes abaixou;  
os reinos pacificou,  
que achou mui levantados.

E vimos a poderosa  
rainha Dona Isabel  
tão prudente, virtuosa,  
tão real, tão grandiosa,  
governar bem, por livél.  
Bem tivera que fallar  
de mulher tão singular,

que não foi tal, ha mil annos,  
rainha dos castelhanos,  
muito digna de louvar.

E vimos el-rei Luiz  
de França, muito mal quisto,  
crú, avaro, mui previsto,  
fazendo quanto mal quiz,  
morrer bem velho foi visto :  
e seu filho mui amado,  
grão liberal, esforçado,  
Carlos, virtuoso, humano, <sup>(1)</sup>  
com tres filhos, em um anno,  
morreu moço, mallogrado.

El-rei Dom Affonso andou  
seis vezes fóra da terra ; <sup>(2)</sup>  
Castella, Fez, conquistou,  
em batalhas pelejou,  
seu sogro matou em guerra :  
depois veio, e morreu  
na casa em que nasceu  
em Cintra, onde acabou  
seus trabalhos, e deixou  
grão filho, que succedeu.

Vimos el-rei Dom João  
mui christão, mui esforçado,

---

<sup>(1)</sup> Elle e tres filhos morreram juntos em um anno, e ficou o reino a el-rei Luiz, seu primo.

<sup>(2)</sup> Quando tomou Alcacer Ceguer. Quando lá tornou outra vez. Foi a N. S. de Guadalupe a vêr-se com el-rei D. Henrique. Foi tomar Arzilla e Tanger. Entrou em Castella. Foi a França.

virtuoso em perfeição,  
no mundo mui estimado,  
de mui gran veneração;  
de seus povos mui querido  
e dos grandes mui temido,  
que eram contr'elle ajuntados,  
os quaes vimos justificados  
e elle por santo havido.

Tinha livro em que escrevia  
serviços, merecimentos,  
e nunca distribuia  
sem vêr a quem mais devia  
e os mais justos e isentos;  
muitas vezes deu officios,  
commendas e beneficios,  
a homens mui descuidados,  
e d'elle mui alongados  
por serem bons e servicios.

Vimos as festas reaes  
que em Evora foram feitas, <sup>(1)</sup>  
não se viram outras taes,  
tão ricas, nem tão perfeitas,  
nem gastos tão desiguaes:  
que multidão de brocados,  
chaparias e borlados!  
que justas, momos, torneios!  
que touros, canas, que arreios!  
que banquetes esmerados!

E que sala da madeira,  
que ficará por memoria!

---

(1) No anno 1490.

real em tanta maneira,  
de perfeição tão inteira,  
de tanta mundana gloria!  
touros inteiros assados!  
nau, bateis, apendoados  
por engenho n'ella entravam  
entremezes que espantavam,  
uns idos, outros entrados.

Que rainha! que grão rei!  
que principe singular!  
princeza, damas sem par!  
e dos nobres que direi?  
do seu amor, do gostar,  
das mercês que El-Rei fazia?  
Dos povos quanta alegria?  
como tudo pereceu!  
que triste morte morreu  
o principe em um só dia!

Era de dezaseis annos  
e casado de oito mezes,  
perfeito entre os mundanos,  
mui quisto dos castelhanos,  
descanço dos portuguezes.  
Uma triste terça feira, <sup>(1)</sup>  
Correndo uma carreira  
em um cavallo, caiu;  
Nunca fallou, nem buliu,  
E morreu d'esta maneira.

Por sua gran formosura  
foi no mundo nomeado,

---

(1) No anno 1491, a 13 de julho.

angelica creatura !  
nunca foi tal desventura  
nem principe tão amado.  
Em Castella e Portugal  
foi tão sentido seu mal,  
tão chorado em toda Hespanha,  
que foi tristeza tamanha  
que se não viu outra tal.

Vi a princeza tornar  
bem a revez do que veio,  
cousa muito de espantar  
tão grão pressa, tal mudar  
do tempo, tão grão rodeio :  
entrou a mais triumphosa,  
mais real, mais grandiosa,  
que nunca se viu entrada ;  
saiu mui desesperada,  
mui triste, mui chorosa.

Entrou com mil alegrias,  
saiu com grandes tristezas,  
tanto ouro e pedrarias  
não se viu em nossos dias,  
nem taes gastos, taes riquezas :  
as galantes invenções  
se tornaram em paixões,  
os brocados em sayal,  
o prazer grande, geral,  
em nojos, lamentações.

Vimos Portugal, Castella,  
quatro vezes ajuntados, <sup>(1)</sup>

---

(1) El-Rei D. Affonso; o principe D. Affonso; o rei D. Manuel; o principe D. Miguel.



por casamentos liados ;  
principe natural d'ella  
que herdava todos reinados,  
todos vimos fallecer,  
em breve tempo morrer  
e nenhum durou tres annos ;  
portuguezes, castelhanos,  
já os quer Deus juntos vêr.

Principes da Christandade,  
duques, imperador, reis,  
vemos de pouca idade <sup>(1)</sup>  
e com muita auctoridade  
governar por suas leis ;  
todos quantos elles são,  
na melhor idade estão,  
na maior força da vida :  
Deus lh'a dê muito comprida  
e, em tudo, perfeição.

Vimos em Bruges prender  
el-rei Maximiliano  
toda a cidade, por crêr  
que lhe queria fazer  
com sua gente algum damno :  
muitos dos seus degolaram  
e a elle não ousaram,  
por vir logo com rigor  
seu pae, o imperador ;  
com medo seu o soltaram.

---

(1) No anno de 1536, nem os duques, o imperador, nem rei  
algum da christandade chegava a cincoenta annos.

Vimos a guerra de Gaada,  
(nunca se viu outra tal)  
a gran rainha, esmerada, <sup>(1)</sup>  
de damas acompanhada  
andava no arrayal :  
assim, ás pelepas ia,  
a quem vantagens fazia  
dava logo galardão ;  
Entre as damas, no serão,  
mercês, honras recebia.

Quem não seria valente,  
d'esforçado coração,  
estando sempre presente  
rainha tão excellente,  
damas de gran perfeição.  
A rainha, só, tomou  
Graada, e ella ganhou  
a honra de tal victoria :  
ella merece mais gloria  
que quem muito pelejou.

Tambem os mouros fizeram  
muitas e grandes finezas,  
muito grandes gentilezas,  
e se o reino perderam  
não foi por suas fraquezas.  
Um só quiz a el-rei matar,  
como Scevola foi errar, <sup>(2)</sup>  
outros muitos signalados

---

<sup>(1)</sup> A rainha D. Isabel.

<sup>(2)</sup> Foi ferir o sr. D. Alvaro de Portugal, cuidando que era El-Rei.

foram taes, tão arriscados,  
que são dignos de louvar.

Um foi salvar os meninos <sup>(1)</sup>  
porque corriam os mouros,  
outros, namorados finos,  
de hora, de fama dinos,  
em esforço leões e touros,  
Cohim foram descercar,  
por suas damas lá estar ;  
e diziam mui inteiros :  
por mingua de cavalleiros  
não se ha Graada de tomar.

Vimos a el-rei Duarte  
de Inglaterra um só irmão,  
bom, virtuoso que forte,  
leal, sem manha, sem arte,  
de singular condição,  
tão bemquisto, tão amado,  
que el-rei, de desconfiado,  
com medo, lhe levantou  
que era traidor, e o matou  
em uma pipa afogado.

Vimos a côrte e folgar  
que o papa Alexandre teve,  
e o filho seu mandar,  
seu vencer e triumphar  
que n'esse tempo susteve :  
matou o duque de Gandia, <sup>(2)</sup>  
senhores de senhoria,

---

<sup>(1)</sup> O alcaide de Beçafazerim.

<sup>(2)</sup> O duque Valentino.

quantas terras que tomou,  
Como tão cedo acabou  
preso, e morto sem valia.

Os reis d'Escocia e Hungria  
vimos mortos em batalha,  
o duque Charles, de um dia  
de quem França medo havia,  
foi morto com gran mortalha.<sup>(1)</sup>  
Napolles, tão triumphante,  
tão linda, tão abastante,  
vimos assim destruida,  
que é toda consumida  
sem lembrar o que foi ante.

E vimos em Santarem  
dois principes nomeados  
Affonsos, os paes tambem  
ambos Joannes chamados,<sup>(2)</sup>  
não em um tempo porém ;  
é cousa para não crêr,  
virem ambos a morrer  
no mez de Julho, e um dia,  
nos quaes tempos não havia  
mais filho que succeder.

El-rei D. Manuel era  
filho mais moço do infante,  
teve por divisa esphera,  
esperou, foi tanto avante

---

<sup>(1)</sup> O duque de Borgonha.

<sup>(2)</sup> El-rei D. João II, el-rei D. João III, nosso senhor, e os  
filhos, ambos Affonsos.

quanto sua honra prospera :  
é muito para espantar  
que, por elle vir herdar,  
seis herdeiros falleceram, <sup>(1)</sup>  
os quaes todos houveram,  
antes d'elle, de reinar.

Rei e principe se viu  
de Castella, e lá andou, <sup>(2)</sup>  
de ha pouco descobriu  
a India e a tomou  
como todo o mundo ouviu ;  
tomando reinos e terras  
por mui guerreadas guerras,  
ganhando toda a riqueza  
do Soldão e de Veneza,  
subjugando mares, serras.

Vimos-lhe fazer Belem  
com a gran torre no mar,  
as casas do almazem  
com armaria sem par  
fez só el-rei que Deus tem :  
vimos seu edificar,  
no reino fazer alçar  
paços, egrejas, mosteiros,  
grandes, povos, cavalleiros,  
vi o reino renovar.

Outro mundo encoberto  
vimos então descobrir, <sup>(3)</sup>

---

<sup>(1)</sup> El-rei D. João, a infanta D. Joanna, o principe D. Affonso, e tres irmãos seus, mais velhos que el-rei.

<sup>(2)</sup> Foi jurado em Toledo no anno de 1498.

<sup>(3)</sup> Pelo conde almirante, D. Vasco da Gama.

que se tinha por incerto;  
pasma homem de ouvir  
o que sabe muito certo,  
que cousas tão grandes são  
as da India e Lucatão,  
e quão na China espantosas;  
que façanhas façanhosas  
no Brazil e Perú vão !

N'isto, que posso dizer  
que não seja tudo dito ?  
tambem não posso escrever  
taes cousas, sem se fazer  
um processo infinito :  
que grandes povoações !  
que grandes navegações !  
que grandes reis ! que riquezas !  
que costumes ! que estranhesas !  
que gentes, e que nações !

Por não parecer a alguem  
que são a mim encobertas,  
escondidas, ou incertas,  
contarei das que sei bem  
que são publicas, abertas :  
muitas são de admiração,  
sem ordem, regra, razão,  
sem fundamento, verdade,  
senão costume, vontade,  
natureza e condição.

E começo em Guiné  
e Manicongo, por ter  
costume de se comer  
uns a outros, como é

mui notorio se fazer ;  
compram homens como gados,  
escolhidos, bem criados,  
e matam-os regateiras,  
e cozidos em caldeiras  
os comem, tambem assados.

Por muito mais saborosa  
carne das carnes a teem,  
por melhor e mais gostosa,  
mais tenra, doce, cheirosa,  
que quantas na terra veem ;  
nos que trazem a matar  
não ha chorar, nem fallar,  
mas como mansos cordeiros  
ou ovelhas, ou carneiros,  
se deixam despedaçar.

O conde anda lá cingido  
com uma pelle de carneiro,  
e por isso é conhecido ;  
o duque traz guarnecido  
um rabo de cavallo inteiro ;  
se parecer cousa estranha,  
em Italia, França, Hespanha,  
por pelles são conhecidos  
de pergaminho, e sabidos,  
e tambem em Allemanha.

Em Benim, de antigamente  
tem por costume, por lei,  
matarem da nobre gente  
e principal, que é presente  
quando quer que morre o rei,  
para lá o acompanharem

no outro mundo, e estarem  
com elle sempre presentes ;  
e assim morrem contentes,  
sem as vidas estimarem.

Disse ao rei um feiticeiro  
que seu pae guerra fazia  
no outro mundo, e queria  
gente que fosse primeiro  
e mais da que elle pedia ;  
quinze mil homens juntou,  
degolar todos mandou  
em um poço, por juntos irem  
e a seu pae acudirerem,  
e d'esta arte lh'os mandou.

Uns aos outros se vendem,  
e ha muitos mercadores  
que n'isso sómente entendem,  
e os enganam, e prendem,  
e trazem os tratadores ;  
muitos se vendem na terra  
se tem uns com outros guerra,  
servem-se de bestas d'elles  
pol-as não haver entr'elles ;  
a mais terra é chão sem serra.

Vem gran somma a Portugal  
cad'anno, tambem ás ilhas,  
é cousa que sempre val  
e tresdobra o cabedal  
em Castella e nas Antilhas :  
por a terra ser mui quente  
anda nua toda a gente,



descalços todos a pé ;  
muitos d'elles tem já fé,  
tem marfim, ouro excellente.

Tem elefantes pasmosos,  
cobras de grande grandura,  
lagartos mui espantosos,  
gatos d'Algalia cheirosos,  
arvores de grande altura,  
arroz, inhames, palmeiras,  
gatos de muitas maneiras  
e papagaios de sortes,  
cavallos marinhos fortes,  
que andam fóra das ribeiras.

Os do Cabo de Esperança <sup>(1)</sup>  
ferro sobre tudo estimam,  
por um dardo ou uma lança  
quintaes d'ouro desestimam :  
ouro não toçam nas mãos  
e hi mataram christãos,  
armas, ancoras tomaram,  
cadeias d'ouro deixaram  
e anneis nos dedos são.

E na India, em general,  
ha costumes desvairados,  
uns dos outros desviados  
tanto como bem e mal  
entr'elles mui costumados :  
terra bem aventurada,  
de grandes dotes dotada,

---

(1) São bestiaes, e entendem-se por assobios.

não tem peste nem tem fome,  
a gente barato come,  
vive sã, rica, abastada.

Ha n'ella toda avondança  
de maçãs, cravo, canella,  
noz, gengibre em abastança  
e pimenta de si lança  
que se enche o mundo d'ella:  
ambar, almiscar, tincal,  
lenh'aloës, cordial,  
licorne, ruibarbo tem;  
quassia, sandalos tambem,  
canfor, aguila, e isto tal.

Tem rubis, diamantes taes  
que não tem preço ou quantia,  
esmeraldas mui reaes  
perlas de mui gran valia,  
espinellas, e tem mais  
carbunculos, amethistas,  
turquezas e chrysolithas,  
safiras, olhos de gato,  
jagonças, de tudo ha trato,  
e outras mais que não são ditas.

Tem ouro, prata, brocados  
de mil feições mui formosos,  
entretalhos e borlados,  
muitos e subtis chapados  
mui ricos, pouco custosos;  
ricas sedas de mil sortes,  
alcatifas, chamalotes,  
porcellanas, beijoins,  
tinabafos, rambotins  
delgadissimos e fortes.

Muitos damascos da China,  
cofres de rêde dourados,  
mesas, leitos marchetados  
e mui rica prata fina  
de bastiães bem lavrados:  
e quanto aljofar tem!  
quanta seda de lá vem!  
que policias tão pulidas!  
riquezas, cousas sabidas  
que antes não soube ninguem!

Tem cidades populosas  
de grandes povoações  
cercadas, fortes, pomposas,  
de pedra cal mui lustrosas  
casas de mil perfeições;  
ha hi outras de madeira  
e cobertas de palmeira,  
que, se fogo entra n'ellas,  
arde tão forte por ellas  
que se faz tudo em fogueira.

E' de arroz mui avondada,  
trigos, fructas, como cá,  
e outras muitas que ha lá;  
de peixe, carne, abastada,  
tudo barato se dá,  
gallinhas são infinitas  
e outras aves não ditas  
de que avondança tem,  
são mui sãos, tem mui bem,  
cousas dignas de ser escriptas.

Tem infinitas palmeiras .  
por suas terras, herdades

de infinitas novidades,  
fructos, pannos de maneiras  
e de muitas qualidades,  
dão vestir, calçar, comer,  
agua, vinho que beber,  
azeite, assucar, mel,  
casas, cordas e papel,  
e camas em que jazer.

Ha cannas de grande altura  
cheias de agua excellente, <sup>(1)</sup>  
de tres palmos de grossura,  
de muito grande grandura,  
de que bebe o rei e gente;  
e são, pelo pé cortadas,  
assim inteiras, levadas  
longe por terra, por mar,  
sem agua nunca minguar  
estão muito conservadas.

Tem elefantes ensinados  
de muito grande entender,  
em grão preço estimados,  
mui forçosos, bem mandados,  
que tem como homens saber;  
e mui certo se provou  
que um elefante fallou,  
em Cochim, palavras certas,  
claras, altas, descobertas,  
do qual se cá fé mandou.

---

(1) Em Maluco as ha, e teem meia pipa d'agua cada uma.  
Gasta-se canudo e canudo.

Tractam ricas pedrarias  
são mui grandes mercadores,  
tem ricas mercadorias,  
drogas, especiarias,  
são n'isso mui sabedores :  
tractam na terra, no mar,  
sabem tudo bem guardar  
o que na terra se cria  
para quando tem valia ;  
por dedos é seu contar.

Querem ouro, prata, cobre,  
vermelhão, querem coral,  
azougue tambem lá val,  
quem tem vinho não vem pobre,  
se é de Almada ou Seixal :  
não vendem nada alguns mezes  
té que vão os portuguezes,  
por venderem junto e bem ;  
mais modo no tracto tem  
que Veneza e Genovezes.

Grandes artificiaes  
em tudo mui entendidos,  
mui subtis officiaes  
de toda sorte e metaes,  
mui prestes, muito sabidos ;  
baratos, para fallar  
vêr ourives trabalhar  
um dia por um vintem,  
e fazem tudo tão bem  
que não ha que melhorar.

São móres volteadores  
que nunca foram sabidos,

mui grandes esgrimidores,  
archeiros, tresectadores  
móres que viram nascidos ;  
hão por grande honra engordar  
e fazem bem por alargar :  
quem me dera lá viver  
para por isso valer,  
pois que não posso medrar !

E' muito para louvar  
as suas navegações  
quem nas bem quer esperar,  
mui seguro navegar,  
dois ventos, duas monções :  
vão sempre á pôpa e vem,  
grande segurança tem  
de virem a salvamento  
pela certeza do vento  
se os tempos tomam bem.

São gentios e acatam  
idolos com grande amor,  
ha em alguns tanto fervor  
e devoção, que se matam  
por sua honra e louvor ;  
quando os querem festejar  
em grandes carros mostrar  
com grandes rodas de ceiro,  
muitos vão tomar marteiro  
e deixam-se espedaçar.

Deitam-se no chão, tendidos,  
os carros passam por elles,  
ficam por meio partidos,  
da vida e mundo esquecidos

matam-se alli muitos d'elles : (¹).  
enganada devoção !  
e esta condemnação  
e martyrio os tristes tem  
por seu mal, não por seu bem, '  
por sua mór perdição.

E outros vão esgrimando  
com os lombos travessados  
com ganchos de ferro, alçados  
por cordas altas, cantando,  
em carros assim levados :  
cousas mui duras de crêr,  
de contar e descrever,  
se não foram tão sabidas,  
tão vistas e tão ouvidas  
que bem as posso dizer.

Ha hi rei de condição  
de quatorze annos reinar,  
os quaes, tanto que acabar,  
por seu deus, de obrigação,  
se ha por si de matar : (²).  
perante todos, despido,  
em um cadafalso subido,  
com facas mui aguçadas  
dá per si taes cutiladas  
que cae morto, estendido.

Acabado de morrer  
logo elegem outro rei,

---

(¹) Em Cambaya.

(²) No cabo de Samorim, quando se faz a festa ao seu idolo,  
como jubileu, de quatorze em quatorze annos.

que outro tal ha de fazer  
acabados de correr  
os annos que tem por lei :  
isto se faz em um dia  
de muito grande alegria,  
de perdões e jubileu,  
quando mostram o deus seu  
que lhes dá tal ousadia.

Na Java, Narsinga, tem  
costume de se matarem  
quando morre o rei, tambem  
como em Benim, e tomarem  
morte sem temer ninguem : <sup>(1)</sup>  
homens por si ás dagadas,  
mulheres no mar lançadas,  
muitas com pedra ao pescoço,  
e queimadas com esforço,  
outras vivas soterradas.

E mulheres, por vontade,  
quando morrem seus maridos,  
com amor e lealdade  
se matam com crueldade, <sup>(2)</sup>  
seus corpos em pó ardidos :  
com seus paes, mães e irmãos,  
amigos e cidadãos,  
são com grande honra trazidas  
da cinta acima despidas,  
com joias, anneis nas mãos. <sup>(3)</sup>

---

<sup>(1)</sup> Diz que se mataram em Narsinga quinhentas pessoas, porque se matam as mancebas do rei, que são muitas.

<sup>(2)</sup> Em Narsinga.

<sup>(3)</sup> E primeiro que se lance no fogo, tira as joias e reparte-as por seus parentes, que teem todos panellas de azeite, que lançam juntamente quando ella se lança.



Está uma gran fogueira  
em uma gran cova ardendo,  
e ella com verdadeira  
vontade, livre e inteira,  
anda derredor, dizendo  
palavras de obrigação  
aos homens, por razão  
da morte que toma assi ;  
então se lança, por si,  
no gran fogo, sem paixão.

E, se não querem morrer  
ficam como infamadas,  
dos paes e mães desprezadas,  
sem as ninguem querer vêr  
por baixas e aviltadas ;  
mulheres de tal primor  
que, por honra e amor  
de seus maridos, padecem  
tal morte e honra, merecem,  
e são dignas de louvor.

Ha outras tão desviadas,  
muito perto d'estas taes,  
que sendo mui bem casadas,  
honradas e abastadas,  
são a todos mui geraes : <sup>(1)</sup>  
lançam-se com quantos querem  
sem lhe os maridos tolherem  
quantos querem escolher,  
deixam-lhes tudo fazer  
sem lhes nada reprimir.

---

(1) No Malabar.

Como chegam á idade  
moças de dez ou onze annos, <sup>(1)</sup>  
as mães, fóra da cidade,  
mancebos de auctoridade  
de linhagem, sem enganos,  
buscam, e mandam chamar  
para as filhas ensinar,  
e, perdida a virgindade,  
cada uma tem liberdade  
de, a quem mais quer, tomar.

Ha tambem costumes taes  
em Pegú, que homens competem  
a qual d'elles terá mais,  
em seus membros genitais,  
cascavéis, onde os mettem  
a sua carne cortando,  
e, por tempo, se soldando,  
ficam dentro entremettidos;  
dizem que são mais queridos  
das fêmeas, assim usando.

E moças vão prometter <sup>(2)</sup>  
a idolos virgindade  
e se vão offerecer  
e por si mesmas corromper,  
em signal de castidade;  
em umas lageas polidas,  
muito limpas, mui luzidas,  
em um corno mui polido,  
que no meio está mettido,  
se rompem, n'elle subidas.

---

<sup>(1)</sup> No Malabar.

<sup>(2)</sup> Em Cambaya.

Differentes maravilhas  
de uso e variedade,  
que as mães, em tenra idade,  
em Mequa cosem as filhas <sup>(1)</sup>  
por guardár a virgindade:  
fica a carne tão soldada  
que, quando vem ser casada,  
com faca se ha de romper,  
sem d'outr'arte poder ser  
a tal virgem violada.

Ha reis que são costumados  
peçonha sempre comerem,  
de meninos ensinados,  
em mui pequenos bocados, <sup>(2)</sup>  
té se n'ella converterem;  
e se lh'a dão a comer  
não lhe pode empecer,  
e se alguém bebe seu vinho,  
ou mosca come seu cuspinho,  
morre, sem poder viver.

Outros reis não tem cuidados  
de reger nem demandar, <sup>(3)</sup>  
estão sempre despejados  
co' as mulheres criados  
sem fazer mais que folgar,  
e tem uns governadores  
rajás, que são regedores,

---

(1) Em Massuá.

(2) Em Sumatra.

(3) Em Sião e Pacer.

tudo mandam : só lhe dão,  
aos reis, d'isso razão  
como seus superiores.

Os acceitos e privados  
que el-rei de Maluco servem,  
são todos mui corcovados,  
de meninos tão quebrados  
que as cabeças não erguem;  
estes são seus servidores  
e vão por embaixadores  
a elle os mais acceitos,  
não se serve de direitos  
em casa, por mais primores.

Os reis de Ormuz não mandavam,  
mas os seus governadores,  
se alguma cousa fallavam  
logo lhe os olhos quebravam  
por serem sempre senhores:  
em uma casa os mettiam  
assim cegos, e elegiam  
outro rei de sua linha,  
o qual nenhum mando tinha  
e elles tudo regiam.

Quando foram subjugados,  
os de Ormuz de nossas gentes,  
foram quinze reis achados  
cegos, com os olhos quebrados  
por mão de seus presidentes :  
o capitão-mór <sup>(1)</sup> tomou  
todos, e d'ahi os levou

---

(1) Affonso d'Albuquerque.

a Gôa, onde os teve,  
e o rei livre susteve  
e seu regedor matou.

Os reis do Malabar,  
senhores e nobre gente, <sup>(1)</sup>,  
seus filhos não hão de herdar  
por das mães não confiar,  
e ha de herdar um parente  
filho de irmã, ou de prima  
mais chegada; este estima  
e declara por herdeiro  
como filho verdadeiro,  
os seus todos desestina.

Como é por rei alçado  
o rei, e obedecido,  
é por principe jurado  
o sobrinho mais chegado,  
por herdeiro conhecido;  
e como é confirmado  
e por filho nomeado,  
logo o mandam apartar  
sem na côrte mais entrar  
até el-rei ser finado.

Não mandam embaixadores  
reis a reis, gentes a gentes,  
nem senhores a senhores,  
sem lhe mandarem presentes  
por ser bons negociadores;  
costumam dar e prestar,  
por melhor se aproveitar

---

(1) Em Calecut.

são mui cheios de respeito,  
de interesse e proveito  
de adquirir e ajuntar.

Ha lá reis de grão poder,  
de grandes gentes e terras,  
que sabem mui bem reger  
e grandes thesouros ter, <sup>(1)</sup>  
juntos na paz para as guerras;  
outros, de menos estados,  
porém muito acatados,  
e, entre todos, os mouros,  
grandes, ricos, com thesouros  
em pedraria ajuntados.

Estes fazem imizade  
entre indios e christãos,  
por que tem autoridade,  
ordenam sempre maldade,  
lançam pedras, cortam mãos:  
quantos casos lá passaram  
tudo mouros ordenaram,  
como maus, secretamente,  
em que morreu muita gente,  
muitos d'elles o pagaram.

São tão reverenciados  
os fidalgos, dos villãos  
tão grandemente acatados,  
que, se d'elles são tocados,  
são logo mortos ás mãos; <sup>(2)</sup>

---

(1) Dizem que querem pedraria, porque onde querem ir  
levam na mão cem mil ducados.

(2) No Malabar.

e quando vem caminhando  
hão de vir sempre bradando,  
dizendo : 'fastar, 'fastar,  
por ninguem a elles chegar  
e elles longe se afastando.

E se honrada mulher  
a homem vil se abaixar,  
seus parentes tem poder  
de a matar, qual quizer,  
sem ninguem lh'o demandar; <sup>(1)</sup>  
e el-rei, se o souber,  
logo a manda vender  
por captiva, desterrada;  
d'esta sorte é castigada  
se acerta de não morrer.

Todos os officiaes  
nunca deixam seus officios,  
nem hão de subir já mais  
que seus avós e seus paes,  
nem ter maiores beneficios; <sup>(2)</sup>  
e são tão desestimados  
os baixos, dos mais honrados,  
que, se lh'os virem tocar,  
os pode quem quer matar  
sem ser por isso accusados.

Ha hi naires, cavalleiros,  
como homens de ordenança,  
que pelejam por dinheiros,

---

<sup>(1)</sup> Em Calecut.

<sup>(2)</sup> Em Calecut e no Malabar.

mui leaes, mui verdadeiros, <sup>(1)</sup>  
mui dextros de trecha e lança  
e de adargas e espadas,  
e assim ás cutiladas  
pelejam até morrer  
sem se deixarem vencer;  
fazem cousas signaladas.

Ha outros como prelados  
que são mui obedecidos  
e são bramanes chamados, <sup>(2)</sup>  
mui servidos e louvados,  
por homens santos havidos;  
mostram grande santidade  
e ter muita caridade,  
carne, pescado, não comem  
nem menos em camas dormem,  
e tem muita autoridade.

E quem quer ser cavalleiro  
não ha de ser sem perigo,  
que ha de cortar primeiro  
a cabeça d'um inimigo  
com esforço verdadeiro, <sup>(3)</sup>  
a qual traz, assim cortada,  
ao pescoço pendurada;  
como isto tem acabado  
é cavalleiro, armado  
com a sua mesma espada.

Os homens que tem doente  
de doença prolongada,

---

<sup>(1)</sup> No Malabar.

<sup>(2)</sup> Em Narsinga.

<sup>(3)</sup> Em Maluco.



dizem que o démo é presente,  
mettido em baixa gente  
que lhe faz não ser curada,  
e então mandam matar  
cinco ou seis que vão topar, <sup>(1)</sup>  
homens baixos, sem olharem  
por isso, nem castigarem,  
por o doente sarar.

Em Ceylão tem pendurados <sup>(2)</sup>  
seus finados em fumeiros,  
e depois de bem seccados  
são em casa agasalhados  
os corpos assim inteiros:  
tem seus paes, mães, descendentes,  
e os chegados parentes  
em casa juntos, guardados,  
muito limpos, mui honrados  
os tem sempre assim presentes.

Se morre pae ou irmão,  
ou filho, são logo assados,  
e comidos com paixão  
dos parentes mais chegados,  
isto se faz em Sião: <sup>(3)</sup>  
dizem que, por mais honrar,  
querem em si sepultar  
sua carne e natureza;

---

<sup>(1)</sup> Em Maluco, e dizem que, como isto fazem, o enfermo se acha bem.

<sup>(2)</sup> Na ilha de Ceylão.

<sup>(3)</sup> Em Siam, como morre o parente, logo o assam todo inteiro, e estando com facas ao redor, chorando, cortam e comem, até ficarem sómente os ossos, que fazem em cinza.

comem-se com gran tristeza,  
os ossos mandam queimar.

Os de Coromandel vendem  
seus filhos e suas filhas, <sup>(1)</sup>  
por pouco não se arrependem,  
nem se estranha, nem defendem  
taes erros e maravilhas;  
uns por duzentos reaes,  
e tresentos é o mais,  
maior preço, e quantia  
que os dão, e mór valia,  
porque os vendem seus paes.

Em Ambonio, e no Brazil,  
em Sumatra e Pacer,  
e em outras partes mil,  
entre nobres, gente vil,  
gentios que não tem fé,  
uns aos outros se comem  
como quer que matam homem,  
em peleja ou em guerra,  
os de fóra e da terra,  
depois de comidos dormem.

Os Celebes, <sup>(2)</sup> por mostrar  
que tem muitos servidores,  
mandam ás portas lançar  
esterco de homens juntar,  
por verem que são senhores;  
e quem tem mór quantidade  
hão por mór autoridade;

---

<sup>(1)</sup> E outros se vão vender a si mesmos.

<sup>(2)</sup> Junto com Maluco.

competem n'isto á porfia,  
mais esforço, mór valia,  
mais limpeza a sujidade.

No reino de Delhi ha  
arvores d'aquesta sorte,  
que a raiz é tão má  
peçonha que, se se dá  
a comer dá logo morte; <sup>(1)</sup>  
a fructa tem tal virtude  
que comendo-a dá saude  
a todo peçonhento,  
é fructo mui estimado  
com que se á peçonha acude.

India grande cousa é,  
tem grandes cousas estranhas,  
ha n'ella ilhas tamanhas, <sup>(2)</sup>  
São Lourenço e Pacer,  
como França e as Hespanhas;  
tem juntas onze mil ilhas  
repartidas por partilhas  
entre reis, entre senhores,  
pequenas, meãs, maiores,  
outras muitas maravilhas.

El-Rei de Narsinga veiu  
conquistar o Hidalcão,  
trouxe de homens conto e meio,  
Hidalcão, sem receio,  
com esforço e coração,

---

<sup>(1)</sup> A raiz se chama baçaragua, e a fructa mirabexim.

<sup>(2)</sup> As ilhas Maldivas.

com tresentos mil, que tinha,  
foi a elle onde vinha;  
dês que ambos se encontraram,  
os mais os menos mataram  
e venceram mui asinha.

O Hidalcão se salvou  
vendo sua perdição,  
com mui poucos escapou,  
nunca gente se ajuntou  
em tão grande multidão;  
cavallos, artilheria,  
não abasta a fantasia  
ao que dizem, escrever,  
creia-o quem o quizer crêr,  
que é cousa de longa via.

Um barbeiro degolou  
o grande rei poderoso  
de Narsinga, e se alçou  
por rei, e por rei ficou, <sup>(1)</sup>  
feito máu e espantoso;  
em sua vida reinou  
em paz, té que se finou,  
e reinou logo apoz elle  
este rei que é filho d'elle  
que pacifico deixou.

Este é um dos reis do mundo  
de mais ouro, e pedraria  
tanta, de tão gran valia

---

(1) O rei era muito malquisto, e os grandes não o podiam matar, porque se guardava, e commetteram ao barbeiro que o matasse, e que o fariam rei, e assim foi.

que não tem cabo nem fundo,  
nem se estimar poderia ;  
em seu reino tem mais minas  
onde se acham pedras finas,  
ninguem as pode vender  
sem lh'as primeiro trazer,  
sob grave pena e doutrinas.

Os grandes, que em côrte estão,  
hão de estar sempre no paço,  
com medo de traição,  
não tem communicação  
uns com outros um espaço,  
não se podem visitar  
uns aos outros, nem fallar  
em prazer, nojo, doença,  
sem el-rei lhes dar licença,  
sob pena de os matar.

Quando quer que vão comer  
vão sempre mui apressados,  
sem se pederem deter  
nem perguntar, responder,  
só dos seus acompanhados ;  
terra de pouca verdade,  
de pouca fidelidade,  
pois vivem tão suspeitosos,  
temidos, e temerosos,  
e cheios de falsidade.

Ainda pudera contar  
outras cousas d'outras sortes  
que ha na terra e no mar,  
differentes no casar,  
nos costumes, vidas, mortes,

tambem nos mandos, poder,  
em seus nojos e prazer,  
em reger e governar,  
das quaes, por não enfadar,  
muito deixo de escrever.

De indios se nos pegou  
tratar e mercadoria,  
d'antes não se costumou,  
por baixeza se havia,  
em alteza se tornou;  
a muitos aproveitou,  
a outros muitos custou  
as fazendas e as vidas,  
com muitas naus lá perdidas  
muita honra se ganhou.

Vimos Dom Filippe entrar  
em Castella, grande, forte,  
seu sogro fóra lançar,  
bem pouco o vimos durar  
e acabar de má morte:  
n'esses dias que reinou,  
tudo mandou, governou  
Dom João Manuel só,  
que se desfez como pó,  
no que era se tornou.

Vimos el-rei d'Inglaterra  
em França com gran poder,  
e entrar-lhe em sua terra  
el-rei de Escocia, a fazer  
com gran gente grande guerra;

vimos sair a rainha <sup>(1)</sup>  
com bem poucos, mui asinha,  
e com elle pelejou  
e em batalha o matou,  
tomou-lhe o reino que tinha.

Vimos alçar branca rosa,  
por rei, muitos dos inglezes,  
foi cousa maravilhosa  
que em dias, e não em mezes,  
juntou gente mui formosa;  
chamou-se rei natural, <sup>(2)</sup>  
a el-rei batalha campal  
deu, mas foi desbaratado  
e por justiça enforcado,  
por acharem não ser tal.

Quinze reis, quinze reinados, <sup>(3)</sup>  
vimos já na christandade,  
uns dos outros são tomados  
por força ou falsidade  
em só sete são tornados.  
O gran poder do Soldão  
e do grande Tamerlão  
vimos tomar para si  
o turco, e o sophi,  
com poder e sem acção.

---

(1) A rainha, filha de el-rei D. Fernando e da rainha D. Izabel de Castella.

(2) Andou em Portugal este moço, e foi pagem de Pero Vaz Visagudo.

(3) Em França, Castella, Portugal, Inglaterra, Napoles, Aragão, Hungria, Dinamarca, Polónia, Bohemia, Sicilia, Chypre, Escocia, Navarra e rei dos romanos.

Por inveja, por cobiça  
de reinar, senhorear,  
vimos ordenar Suissa,  
antes de guerra inventar  
que cada vez mais se atixa ;  
tantos modos de artilheiros,  
de minas fazer outeiros,  
invenções d'artilharia  
foram mais em nossos dias  
que em todos tempos primeiros.

Não deixa de haver agora  
taes homens com'os passados  
mas se são avantajados  
são mortos em uma hora  
ante de ser afamados ;  
que a muita artilharia  
destrue a cavallaria,  
e depois que se usou  
nos homens se não fallou  
como d'antes se fazia.

Castelhanos e francezes,  
allemães, venezianos,  
navarros, aragonezes,  
napolitanos, inglezes,  
romanos, sicilianos,  
italianos, milanezes,  
suissos e escocезes,  
vimos todos batalhar  
uns com outros, se matar,  
salvo hung'ros e portuguezes.

Estas mui injustas guerras  
fazem o turco prosperar



nos mares, campos e serras,  
reinos, imperios e terras  
tudo ser a seu mandar,  
sem os christãos querer vêr  
quanto lançam a perder  
por se não quererem bem,  
nem lembra Jerusalem  
que 'os mouros tem em poder.

Não sei como Deus consente  
tantos males cá na terra,  
e que morra tanta gente  
sem causa e innocente  
por mandado de quem erra;  
vivem em guerra e contenda  
sem haver quem s'arrependa  
de quanto mal faz fazer,  
nem ha hi satisfazer,  
nem corrigir, nem emenda.

Quando dois reis guerra tem  
um ha de ter o direito,  
o que o tem está bem,  
o outro, por ter mau feito,  
concerto e paz lhe convém;  
se se não quer concertar,  
com razão justificar  
por cobiça ou contumaz,  
quanto mal n'isso se faz  
é obrigado pagar.

Vêde que conta dará  
a Deus, quando lh'a pedir,  
quem com tal cargo se vir;  
não sei que razão terá

de repicar, repetir ;  
conta mui mal tenteada,  
mal vista, mal concertada,  
má receita, má despesa,  
má razão e má defeza,  
quitação lhe não é dada.

Guerra digna de louvor,  
de perpetua memoria,  
de honra, fama, de gloria,  
tem el-rei nosso senhor  
com muito grande victoria,  
com os mouros africanos  
e gentios asianos,  
turcos, rumes e pagãos,  
e muita paz com christãos,  
inimigos de tyrannos.

Vimos obras espantosas  
que papa Julio fundou,  
tão grandes, tão sumptuosas, <sup>(1)</sup>  
sem comparação, famosas  
as fez, e as ordenou :  
vi São Pedro começar,  
obra tanto de espantar  
que outra tal não se sabe,  
nem sei papa que o acabe  
se o Deus não acabar.

Vimos Chypre em poucos annos  
muitos reis n'elle reinar,

---

(1) Fazia juntamente S. Pedro e as casas para todos os officios, e a varanda de Belvedere, e as obras dos paços, e a fortaleza de Ervito, e outras.

com revoltas, mortes, damnos,  
tanto que os venezianos  
o vieram governar;  
e tanto que governaram  
pela rainha, lançaram  
mão dos filhos, que metteram  
em prisão, os esconderam,  
e com o reino se açaram.

O maior rei de Ethiopia,  
de Manicongo chamado,  
vimos christão ser tornado<sup>(1)</sup>  
e com elle grande copia  
de gente de seu reinado:  
mandou por religiosos  
e por frades virtuosos,  
que el-rei lhe de cá mandava,  
e elle mesmo prégava  
nossa fé aos duvidosos.

Os judeus vi cá tornados  
todos n'um tempo christãos,<sup>(2)</sup>  
os mouros então, lançados  
fóra do reino, passados,  
e o reino sem pagãos:  
vimos synogas, mesquitas,  
em que sempre eram ditas  
e prégadas heresias,  
tornadas, em nossos djas,  
igrejas santas, bemditas.

---

(1) El-rei D. João II, no anno de 1491, dia de Santa Cruz de Maio.

(2) No anno de 1497, por el-rei D. Manuel.

Vimos a destruição  
dos judeus tristes, errados,  
que de Castella lançados  
foram, com gran maldição  
ao reino de Fez passados ;  
de mouros foram roubados,  
deshonrados, aviltados,  
que filhos, filhas e mães  
lhe incestavam esses cães,  
moças e moços forçados.

Vimos grandes judiarias,  
judeus, guinolas e touras,  
tambem mouras, mourarias,  
seus bailos, galantarias  
de muitas formosas mouras ;  
sempre nas festas reaes  
se nos dias principaes  
festa de mouros havia,  
tambem festa se fazia  
que não podia ser mais.

Vi que em Lisboa se alçaram  
povo baixo e villãos  
contra os novos christãos,  
mais de quatro mil mataram  
dos que houveram ás mãos : <sup>(1)</sup>  
uns d'elles, vivos queimaram,  
meninos despedaçaram,  
fizeram grandes cruezas,  
grandes roubos e vilezas  
em todos quantos acharam.

---

(1) A 20 de Abril de 1506, em dia de Paschoela.

Estando só a cidade  
por morrerem muito n'ella,  
se fez esta crueldade;  
mas el-rei mandou sobr'ella  
com mui grande brevidade;  
muitos foram justicados,  
quantos acharam culpados,  
homens baixos e bargantes,  
e dois frades observantes,  
vimos por isso queimados.

✱

El-rei teve tanto a mal  
a cidade tal fazer,  
que o titulo natural  
de nobre e sempre leal  
lhe tirou e fez perder;  
muitos homens castigou  
e officios tirou;  
depois que Lisboa viu  
tudo lhe restituiu  
e o titulo lhe tornou.

Um frade pobre, humilhado,  
vimos tão alto erguer  
que o grão arcebispado  
de Toledo lhe foi dado  
primeiro de nada ter,  
e logo foi cardeal  
e senhor tão principal,  
governador de Castella,  
que morreu como rei d'ella,  
tomou Oram sendo tal.

Vimos os grandes estados  
que em Castella se fizeram,

tantos duques tão honrados,  
tão grandes, tão prosperados,  
tanto mōres do que eram :  
que casas que se juntavam !  
que rendas que alcançavam !  
Vassalos, villas, riqueza !  
Jur'dições, mando, nobreza !  
que senhorios herdaram !

Vimos o grão sabedor  
D. Henrique de Vilhana,  
João de Mena o trovador  
no cume, e o primor  
do marquez de Santilhana;  
que saber, cavallaria,  
que honra, que fidalguia,  
que grandes filhos deixou, <sup>(1)</sup>  
de que casas os herdou,  
de que rendas e valia !

Vimos o mui liberal  
grande duque de Sevilha,  
assim chamado em geral,  
mui quisto, mui principal,  
muito nobre á maravilha.  
Vimos seu filho herdeiro  
com gran gente, gran dinheiro,  
por seu rei, por sua fama,  
descercar dentro em Alfama  
um inimigo verdadeiro.

---

(1) Os filhos foram o cardeal D. Pero Gonçalez, de que veio o marquez de Cenete, e o duque do Infantado, e o conde de Tendilha, e o conde de Corunha, e dois outros morgados, a saber: D. Inigo e D. Furtado, e deixou seis morgados.

E vimos os dois irmãos,  
mestres que tanto mandaram, <sup>(1)</sup>  
Pachecos, que assim medraram  
que grandes, povo, meãos,  
os mais d'elles governaram;  
o moço determinou  
de ser rei, e ajuntou  
cinco mil lanças passante  
para casar com a infante, <sup>(2)</sup>  
no caminho se finou.

O mais velho, mais honrado  
com contas na mão, e cana,  
deixou grandemente herdado  
sen filho mui estimado  
grande marquez de Vilhana;  
quarenta contos herdou  
de renda, e mais ficou  
com taes villas, tanta terra,  
que com el-rei teve guerra  
e depois se concertou.

Outro mestre singular  
vimos, que é bem que não fique,  
sempre vencer, pelear  
com mouro, terras tomar,  
foi Dom Rodrigo Manrique;  
por seu filho assim dizer  
sua vida, e escrever  
em estilo tão subido

---

<sup>(1)</sup> D. João Pacheco, mestre de Santhiago, o mais velho; e  
D. Pedro Giron, mestre d'Alcantara.

<sup>(2)</sup> D. Izabel, que foi a Rainha poderosa.

e de todos tão sabido,  
o deixo eu de fazer.

E vimos a grande empresa  
do conde de Ribades, <sup>(1)</sup>  
pela qual el-rei lhe deu  
comer com elle á mesa,  
tambem o vestido seu;  
este valeu tanto em França,  
sendo homem de uma lança,  
que dez mil lanças mandou  
e em Castella alcançou  
o que quem tal faz alcança.

Vimos outros tres senhores,  
condestavel, almirante,  
duque d'Alva <sup>(2)</sup>, servidores  
d'el-rei Dom Fernando, mōres  
nas fortunas que não ante;  
em tempo de adversidade  
mostraram gran lealdade  
por tão singular senhor,  
cousa de grande primor,  
de esforço, honra, bondade.

Vimos o grão capitão  
que tanto honrou Castella, <sup>(3)</sup>  
que bondade, que razão,  
em tudo que perfeição!

---

<sup>(1)</sup> O palanque que fez, em Toledo, é que salvou el-rei.

<sup>(2)</sup> Quando el-rei D. Fernando se foi de Castella para Nápoles, estes tres senhores, sós, seguiram seu partido.

<sup>(3)</sup> O duque D. Gonçalo Fernandes de Aguiar.



outro tal não vimos n'ella.  
Que batalhas que venceu,  
que senhores que prendeu,  
mereceu ter triumphal carro ;  
vimos o conde navarro  
quem foi, e como se ergueu.

Que honrados cavalleiros  
para por si pelejar,  
para capitanejar,  
conselhar, ser verdadeiros,  
vimos ha pouco acabar :  
ficou tal necessidade  
de homens d'esta qualidade,  
que, para a India mandar  
se não pode um só achar  
sem muita difficuldade.

Vimos fallecer na côrte  
senhores velhos, honrados, <sup>(1)</sup>  
todos mui apressurados  
os vimos levar a morte  
sem falla, nem confessados ;  
e os outros que isto vem  
mui pouca emenda tem,  
antes andam tão mundanos  
como se fossem seus annos  
como de Matusalem.

Vimos bem breves medranças  
e outras bem vagarosas,

---

(1) O marquez de Villa Real, o bispo da Guarda, o bispo de Vizeu, o conde primeiro barão de Alvito, o conde de Monsanto.

vimos já muitas privanças  
ficar com vãs esperanças  
e outras bem proveitosas,  
e vimos a gravidade,  
presumpção, autoridade  
que os reis dão com favor,  
e também seu desfavor  
desfaz muita vaidade.

O duque <sup>(1)</sup> vimos chegar  
a Azamor, logo tomal-o,  
vimos sobre elle levar  
mais de dois mil de cavallo  
tantas leguas sobre o mar,  
não ha nenhuma memoria,  
nem se escreveu em historia  
de tantos cavallos irem  
sobre mar tão longe, e virem,  
e não fallo da victoria.

Um clérigo, <sup>(2)</sup> natural  
da villa de Alpedrinha,  
vimos cá ser cardeal  
em pouco tempo, e asinha  
cardeal de Portugal;  
teve dois arcebispos,  
abbadias e bispados,  
fez dois irmãos arcebispos,  
parentes, amigos, bispos  
e criados mui honrados.

---

<sup>(1)</sup> D. Jaime, duque de Bragança e de Guimarães.

<sup>(2)</sup> D. Jorge da Costa.

Vi o bispo Dom Garcia,  
bispo de taes dois bispados, <sup>(1)</sup>  
que honra, que gran valia,  
que grandes mercês fazia  
a parentes e chegados;  
nas guerras fronteiro-mór,  
nas letras grão sabedor,  
que casa, que conversar,  
como foi triste acabar  
com tanta tristeza e dôr!

Vi o viso-rei primeiro  
que á India foi mandado, <sup>(2)</sup>  
mui valente cavalleiro,  
sem cubiça, verdadeiro,  
mui sisudo e avisado;  
os rumes desbaratou,  
com que a India segurou,  
tomou Quilôa e Mombaça;  
parece cousa de graça  
vêr de que morte acabou.

Vimos muito prosperados  
Os Almeidas e Menezes,  
muitos senhores honrados; <sup>(3)</sup>  
tantos irmãos tão prezados  
na côrte, e nos arnezes,  
tantos condês e prelados,

---

<sup>(1)</sup> Bispo d'Evora e da Guarda.

<sup>(2)</sup> D. Francisco de Almeida.

<sup>(3)</sup> O bispo D. Garcia, o conde de Loulé, o conde de Faraouca, o conde de Cantanhede e D. João de Menezes, o bispo de Coimbra, o bispo de Ceuta, o conde de Abrantes, o prior do Crato, o viso-rei e o commendador-mór.

e no reino tão liados,  
e capitães tão sabidos,  
em quão pouco consumidos  
vimos tamanhos estados.

O grão conde de Monsanto <sup>(1)</sup>  
em honra, cavallarria,  
em saber, galantaria,  
vimos privar, valer tanto,  
que a todos precedia;  
vimos o conde almirante <sup>(2)</sup>  
com tantos medos diante  
não receiar, senão ir  
té as Indias descobrir:  
quanto quíz levôu ávante.

Diogo d'Azambuja vi  
de muitos mouros cercado,  
com poucos, quasi tomado,  
sair, e tomar Safi,  
foi feito mui signalado;  
Malaca, Ormuz e Gôa  
tomou, com reis de corôa,  
só Affonso de Albuquerque  
que não sei com que se merque  
uma memoria tão boa,

E vimos tomar Bintão <sup>(3)</sup>  
com bombardas assestadas  
quatrocentas, e estacadas,

---

<sup>(1)</sup> D. Alvaro de Castro.

<sup>(2)</sup> D. Vasco da Gama.

<sup>(3)</sup> Pero Mascarenhas.

e um rei sabedor Cão  
e estancias mui armadas ;  
e bem cinco mil pagãos  
e tão poucos os christãos  
que a tresentos não chegaram,  
e ás lançadas tomaram  
a cidade, assim ás mãos.

Dois reis na India matar  
Jorge de Albuquerque ouvi,  
em Malaca um degolar,  
o de Pacer lancear,  
e agora anda por li :  
vimos Duarte Brandão,  
tão valente capitão  
e valor tanto na guerra,  
em o reino de Inglaterra,  
que honrou a geração.

Vimos outros, que pudera  
escrever o que tem feito,  
de que louvores dera  
muito grandes, se quizera,  
mas chamaram-me suspeito :  
tambem por não aggravar  
uns, e outros contentar,  
não quero louvar presentes  
pelos inconvenientes  
que n'isso podem entrar.

Se fallara dos passados  
dignos de grandes memorias,  
capitães tão esmerados  
de feitos tão signalados,  
fizera grandes historias,

as quaes deixo de fazer  
pois ninguem não quer dizer  
louvores de Portugal,  
que fôra feito immortal  
se honvera quem escrever.

As terças da clerezia  
vimos papa Leão dar  
a el-rei, para gastar  
na conquista que fazia, <sup>(1)</sup>  
vimol-as el-rei soltar,  
dar-lhe igrejas, mosteiros,  
para dar a cavalleiros  
encommendas, se servissem  
na santa guerra, e cumprissem  
dois e quatro annos inteiros.

Tres rainhas ajuntadas  
vimos em Lisboa estar  
vinte oito annos socegadas, <sup>(2)</sup>  
poucas vezes espalhadas  
se a peste dava logar :  
a que viuvou primeiro  
é viva por derradeiro,  
vi tres mortas antes d'ella,  
outra tornada a Castella  
com joias e com dinheiro.

Vimos costume bem chão  
nos reis ter esta maneira,

---

<sup>(1)</sup> No anno de 1514.

<sup>(2)</sup> A rainha D. Joanna, excellente senhora, a rainha D. Leonor, a rainha e princeza, a rainha D. Maria, a rainha D. Leonor irmã do imperador.

corpo de Deus, São João,  
haver canas, procissão,  
aos domingos carreira,  
cavalgar pela cidade  
com muita solemnidade,  
vêr correr, saltar, lutar,  
dançar, caçar, montar,  
em seus tempos e idade.

Quando os principes saíam  
dias santos, cavalgavam,  
todos seus povos os viam,  
elles viam e ouviam  
todos quantos lhe fallavam.  
Ninguem pode ser querido  
de quem não é conhecido,  
que os olhos hão de olhar  
para o coração amar  
o que tem visto e sabido.

Mui prezada e estimada  
vimos a gineta ser,  
de estrangeiros mui louvada,  
tão rica, tão atilada,  
que era muito para vêr ;  
de granadins, de africanos,  
de andaluzes, castelhanos,  
era Portugal o cume,  
agora, por mau costume,  
se perdeu em poucos annos.

Vimos cadeias, collares,  
ricos tecidos, espadas,  
cintos, e cintas lavradas,

punhaes, borlas, alamares,  
muitas cousas esmaltadas;  
arreios, quanto lustravam,  
duravam muito e honravam  
só com vestidos frisados,  
com taes peças arraiados  
os galantes muito andavam.

Agora vemos capinhas,  
muito curtos pelotinhos,  
golpinhos e sapatinhos,  
fundas pequenas, mulinhas,  
gibõesinhos, barretinhos;  
estreitas cabeçadinhas,  
pequenas nominasinhas,  
estreitinhas guarnições,  
e muitas mais invenções  
pois que tudo são cousinhas.

E vimos em nossos dias  
a letra de fôrma achada,<sup>(1)</sup>  
com que, a cada passada,  
crescem tantas livrarias  
e a sciencia é augmentada;  
tem Allemanha louvor  
por d'ella ser o auctor  
d'aquella cousa tão digna,  
outros affirmam na China  
o primeiro inventor.

Outro mundo novo vimos  
por nossa gente se achar,<sup>(2)</sup>

---

<sup>(1)</sup> Achou-se em Allemanha.

<sup>(2)</sup> Descobriu-o o conde da Vidigueira.



e o nosso navegar  
tão grande, que descobrimos  
cinco mil leguas por mar ;  
e vimos minas reaes  
de oiro e d'outros metaes  
no reino se descobrir ;  
mais que nunca vi subir  
engenho de officiaes.

Vimos rir, vimos folgar,  
vimos cousas de prazer,  
vimos zombar, apodar,  
motejar, vimos trovar  
trovas que eram para lêr ;  
vimos homens estimados  
por manhas avantajados,  
vimos damas mui formosas,  
mui discretas e manhosas,  
e galantes afamados.

E depois vimos cuidados,  
paixões, descontentamentos,  
muitos malenconisados,  
muitos sem causa aggravados,  
sobejos requerimentos ;  
vimos desagradecidos,  
vimos outros esquecidos  
que deviam de lembrar,  
vimos muito pouco dar  
pelos desfavorecidos.

Vimos tambem ordenar  
a misericordia santa, <sup>(1)</sup>

---

(1) Ordenada pela rainha D. Leonor, e instituida por seu irmão el-rei D. Manuel no anno de 1499.

cousa de tanto louvar  
que não sei quem não se espanta  
de mais cedo não se achar :  
soccorre a encarcerados,  
e conforta os justicados,  
a pobres dá de comer,  
muitos ajuda a suster,  
os mortos são soterrados.

Musica vimos chegar  
á mais alta perfeição,  
Sarzeló, Fonte, cantar,  
Francisquilho assim juntar,  
tanger, cantar, sem razão ;  
Arriaga, que tanger !  
o cego, que grão saber  
nos órgãos, e o Baena,  
Badajoz, outros que a penna  
deixa agora de escrever.

Pintores, luminadores,  
agora no cume estão ;  
ourivezes, esculptores,  
são mais subteis e melhores  
que quantos passados são :  
vimos o grão Michael,  
Alberto e Raphael,  
e em Portugal ha taes,  
tão grandes, e naturaes,  
que vêem quasi ao livél.

E vimos singularmente  
fazer representações  
de estilo mui eloquente,  
de mui novas invenções  
e feitas por Gil Vicente ;

elle foi o que inventou  
isto cá, e o usou  
com mais graça e mais doutrina,  
posto que João del Enzina  
o pastoril começou.

Lisboa vimos crescer  
em povos e em grandeza,  
e muito se nobrecer  
em edificios, riqueza,  
em armas e em poder;  
porto e tracto não ha tal,  
a terra não tem igual  
nas fructas, nos mantimentos;  
governo, bons regimentos  
lhe fallecem, e não al.

Os mais dos governadores  
que á India foram mandados,  
vi mortos ou accusados,  
cavalleiros, sabedores  
não vi d'estas escapados;  
os mais são lá soterrados  
e os vindos demandados,  
sequestradas as fazendas,  
uns presos, a outros contendas  
e libellos processados.

Vimos muito espálhar  
portuguezes no viver,  
Brasil, ilhas povoar  
e ás Indias ir morar,  
natureza lhe esquecer;  
vêmos no reino metter  
tantos captivos crescer

e irem-se os naturaes,  
que, se assim fôr, serão mais  
elles que nós, a meu vêr.

E vimos communicar  
el-rei com o Preste João,  
embaixadas se mandar  
cousa que, n'ella fallar,  
parecia admiração ;  
vimos cá vir elefantes,  
outras bestas semelhantes  
trazer da India por mar,  
por mar as vimos mandar  
a Roma mui triumphantes.

E vimos monstros na terra  
e no céu grandes signaes,  
cousas sobrenaturaes,  
grandes prodigios de guerra,  
fomes, pestes, cousas taes ;  
dizem que em Chypre foi visto  
mui grande numero d'isto,  
Roma, Milão, outras partes ;  
vimos nigromantes artes  
que remedam Antechristo.

Vimos grandes sabedores  
mui pouco tempo viver,  
sem lhe valer o saber,  
Mirandula seus primores  
não acabou de escrever ;<sup>(1)</sup>  
e alguns religiosos  
em doutrina copiosos

---

<sup>(1)</sup> O conde de Mirandula.

vimos, e de autoridade,  
mas solapou vaidade  
edifícios tão pomposos.

Para que se algum cave  
de vangloria, se a tem,  
lembre-lhe que vimos bem  
a frei João d'Athayde  
mais humilde que ninguém,  
que viveu tão santamente  
que era julgado da gente,  
sendo cortezão, por santo,  
fez-se frade, foi-o tanto  
que fez milagre evidente.

Deixou conde d'Athouguia  
e não quiz ser regedor,  
deixou rendas, fidalguia,  
honras, privança, valia,  
por servir Nosso Senbor;  
e quem bem quizer olhar,  
é muito pouco deixar  
por Deus quanto cá se alcança,  
pois a bemaventurança  
com isso pode alcançar.

E vimos na christandade  
mover grandissima guerra,  
muito grande mortandade,  
destruida muita terra  
com mui grande crueldade;  
e tal batalha passou  
que, segundo se affirmou,  
quarenta mil pereceram:  
os homens alli morreram  
e o odio vivo ficou.

Vimos os bons descahidos  
e os maus mui levantados,  
virtuosos desvalidos,  
os sem virtudes cabidos  
por meios falsificados,  
a prudencia escondida,  
a vergonha submettida,  
o mentir mui desfaçado,  
o saber desestimado,  
a falsidade crescida.

A cubiça mui lembrada,  
nobreza bem esquecida,  
manhas não valerem nada,  
devoção desbaratada,  
caridade destruida,  
os sisudos mal julgados,  
sandeus desenvergonhados  
valer com seus artificios,  
estrangeiros com officios,  
e senhores enganados.

Vimos honrar lisongeiros  
e folgar com murmurar  
e caber mexeriqueiros,  
os mentirosos medrar,  
desmedrar os verdadeiros;  
vimos tambem villania  
preceder a fidalguia,  
a razão e a vontade,  
a franqueza e liberdade  
sujeitas da tyrannia.

Vimos moços governar,  
e velhos desgovernados,

fracos em armas fallar,  
e vimos muitos mandar  
que deviam ser mandados;  
vimos os bens estorvados,  
os males accrescentados,  
vimos gentes viverem  
com mulher, e os filhos serem  
dos beneficios herdados.

Outras simonias callo:  
grandes trocas e partidos,  
e beneficios vendidos  
a taes, que só de fallal-o  
escandaliza os ouvidos;  
mosteiros mui honrados  
de mitra e bago, ordenados  
para ter abbades bentos,  
vimos, livres e isentos,  
dados a homens casados.

Vimos ricos adquirir  
riquezas mal ajuntadas,  
com mal comer, mal vestir,  
sem pagar, restituir,  
e com vidas mui cansadas;  
trabalham por ajuntar  
o que ha cá de ficar  
porventura a maus herdeiros,  
e thesouros verdadeiros  
não querem enthesourar.

Os quaes são: só Deus amar  
e guardar seus mandamentos,  
esmolar e não peccar,  
fazer bem, não contentar  
de baixos contentamentos;

jejuns e oração,  
lagrimas e contricção,  
e confissão verdadeira,  
com satisfação inteira  
enthesouram salvação.

Estas cousas dão prazer  
e riquezas dão cuidado,  
estas fazem não temer  
terremotos, nem morrer,  
e mais viver descansado;  
riquezas são más de haver  
e muito más de sustar,  
quem mais tem, maior desejo,  
o amor d'ellas sobejo  
faz o amor de Deus perder.

Vimos tristezas nas vidas,  
nojos, descontentamentos  
com mercês distribuidas,  
por vontade repartidas  
e não por merecimentos;  
merecer ser galardão  
faz perder a devoção  
de virtude, de bondade,  
destroço, saber, verdade,  
tudo mata a sem razão.

Mui mal se pode soffrer,  
com siso nem paciencia,  
vêr a uns muito valer  
sem esforço, sem saber,  
virtudes, nem eloquencia;  
e vêr outros, que isto tem  
e sempre serviram bem,



viver sempre misterosos,  
sem favor, e desgostosos  
da gran sem razão que vêem.

Para serem confundidos  
os maus, não ha mór certeza  
que verem restituídos  
os bons, e favorecidos,  
isto lhes dá gran tristeza;  
pois os maus se entristecem  
e com vêr bem aos bons padecem,  
que farão os bons por vêr  
os maus com honra e poder  
e que os bons lhe obedecem?

Cousa é de confusão  
vêr os maus permanecer  
e os bons com oppressão,  
sem ordem nem conclusão,  
maus subir e bons descer;  
mas quem se consolar  
em saber que hão de pagar,  
os maus, quanto mal fizeram  
e o exemplo que deram  
para outros mal obrar.

Vimos mil ordenações  
e demandas não cessarem,  
vimos malsins e burlões,  
vimos más conversações  
boas vontades damnarem;  
vimos alguns gramponados  
em mui pouco prosperados  
só com officios ter,  
e outros, por dar, vi ser  
do que não tinham louvados.

Vimos esterilidades,  
pestes e ares não são,  
usuras e crueldades ;  
vemos comprar novidades  
e revendel-as christãos ;  
ha hi de Deus pouca lembrança,  
pouca fé, muita esperança,  
e uma vã presumpção,  
bons costumes mortos são,  
justiça, posta em balança.

E vimos maus pagadores  
dever, sem querer pagar  
a quem são devedores,  
nem comer, vestir, calçar,  
senão de alheios senhores ;  
e os mais endividados  
folgam, dormem descansados  
e vivem sem ter dever  
com pagar, nem com morrer,  
nem satisfazer criados.

E vimos já lavradores  
pagar seus dizimos bem,  
pagar bem a seus senhores,  
dar-lhe Deus annos melhores  
dos que lhes agora vem ;  
trigo, cevada, centeio,  
furtam quasi de per meio  
e deitam terra no pão ;  
são tão maus, os que maus são,  
que de Deus não tem receio.

Vemos em ladrões fallar,  
se os ha não são achados

ou não os querem catar ;  
vimos já officios dar  
a homens não bem julgados :  
poucas vezes vi buscarem  
homens bons para lh'os darem ;  
vimos com muitos officios  
homens de erros e vicios  
vimos as partes chamarem.

Um só mau official  
que ha em uma cidade  
destrue a communidade,  
vêde bem se farão mal  
muitos d'esta qualidade :  
Deus e el-rei não são servidos,  
os povos são destruidos,  
a policia damnada,  
a republica roubada,  
e os pobres opprimidos.

Vi grandes perdas no mar  
más novidades na terra,  
muitas mudanças no ar,  
nos verões, no invernar  
vemos já tambem que erra ;  
pão, carne, fructas e vinho  
e os pescados marinhos,  
azeites, e todo o al  
se nos vae de Portugal  
e não sei por que caminhos.

Vimos os mui comedidos  
não lembrarem se nasceram,  
e os mui entremettidos  
vimos em cousas mettidos  
que elles nunca mereceram ;

vimos muito mais valer,  
mais medrar, mais rico ser  
os mui importunadores  
que os grandes servidores  
que acertam vergónha ter.

Vemos poucas amizades,  
se as ha são com respeitos,  
vêmos odios, imisades,  
vêmos parcialidades  
secretas por seus proveitos;  
officiaes e privados  
vêmos ser mui aguardados,  
mil amigos na bonança,  
se lhes fallece a privança  
logo são desamparados.

Vimos os escrupulosos  
poucas vezes acertar,  
e os muito rigorosos  
serem pouco piedosos  
e mui maus de conversar;  
vimos bêbados, gulosos,  
tafues e luxuriosos  
não olhar mais que o presente,  
acabarem pobremente,  
entrevados e gottosos.

Vimos ingratos negar  
beneficios recebidos,  
cousa para castigar  
e cousa para chorar  
não serem os taes punidos:  
quando Roma prosperava,  
por grão crime se accusava,

em juízo, ingratidão,  
e como gran traição  
se punia e castigava.

Vimos os mui confiados  
confiarem pouco n'elles  
e vimos desconfiados,  
brigosos, apaixonados  
enfadonhos os mais d'elles;  
vimos os pecos fallar  
fóra de tempo e logar,  
os sisudos e sabidos  
no fallar mui comedidos,  
cheios de ouvir e callar.

Vimos muitos ociosos  
sem querer nada fazer,  
deixar o tempo perder,  
e dos bons e virtuosos  
não lhes minguar que dizer;  
pelas praças, pelas ruas,  
sem verem as vidas suas  
andam vagamundeando,  
o tempo mui mal gastando,  
e as mãos e linguas cruas.

Vimos os mui suspeitosos  
viver sempre com paixão,  
e vimos os invejosos,  
soturnos, presumptuosos,  
de perversa e má nação;  
inveja vem de torpeza  
pois que vive com tristeza  
por vêr a os outros bem,  
e nenhum descanso tem,  
tem pezar, dôr e vileza.

Glosadores, maldizentes,  
desfazedores de quem  
os faz viver, descontentes,  
com amigos nem parentes  
não tem lei, nem com ninguém ;  
vi fracos de coração,  
asperos, sem criação,  
trabalhar por ter inimigos  
e deixar perder amigos  
por sua má condição.

Vimos os muito ciosos  
não viver nem descansar,  
pensativos e cuidadosos,  
orgulhosos, comichosos,  
pelo vento e ar olhar ;  
vimos outros descuidados,  
folgasões, desenfadados,  
começos no atalhar,  
depois virem acabar  
em deshonorados cuidados.

Em medos e adversidades  
vêmos propositos ter  
de emendar e corregger  
as más vidas e maldades  
a honesto e bom viver ;  
mas como passa o temor  
torna tudo a ser peor  
por nos a nós tornamos,  
e de novo começamos  
ter ao mundo mais amor.

Gastos mui demasiados  
vêmos nas donas casadas

em joias, pratas lavradas,  
perfumes e desfiados,  
tapeçarias dobradas;  
as conservas, o comer,  
vestidos, donzellas ter,  
as camas e os estrados;  
vimos por vinte cruzados  
luvas de coiro vender.

As portuguezas honradas  
vimos por deshonra haver  
no rosto e face poer  
e trazer averdugadas  
e tambem vinho beber;  
por deshonestas haviam  
as que taes coisas faziam,  
depois foram tão usadas  
todas, que hão que as passadas  
nem sabiam nem viviam.

Os portuguezes sohiam  
ser nas armas mui destrados,  
animosos ser sohiam,  
os homens mui delicados  
por homens fracos haviam;  
não lhes lembrava tratar  
nem muito negociar,  
eram com pouco contentes,  
com amigos e parentes  
costumavam de folgar.

Depois foram tão polidos,  
tão ricos, tão atilados,  
tão doces e tão luzidos  
e tão cheios de esmaltados,

cabelleiras e tingidos,  
e em gastar desordenados,  
e tantos trajos mudados,  
tanto mudar de viver,  
tanto tratar, revolver,  
tanto ser negociados.

Vemos mui antecipadas  
as vidas de agora todas,  
moços com capas, espadas,  
moças com moços casadas  
ante tempo fazer bodas;  
quem deve ser ensinado  
reprehendido, castigado,  
muito mal pode ensinar,  
casa e filhos governar  
se deve ser governado.

Vi soberba nos villãos  
e baixeza nos honrados,  
vi cubiça nos prelados,  
descuido nos anciãos  
e desordens nos estados;  
vimos mortes apressadas  
e vidas mui encurtadas,  
doenças não conhecidas  
muitas canseiras nas vidas,  
poucas vidas descansadas.

Os reis, por acrescentar  
as pessoas em valia,  
por lhe serviços pagar,  
vimos a uns o dom dar  
e a outros fidalguia;  
já se os reis não hão mister



pois toma dom quem o quer,  
e armas nobres tambem  
toma quem armas não tem,  
e dá o dom a mulher.

Vi muitos matos romper,  
grandes paúles abertos,  
muitas herdades fazer  
em terras, matos, desertos,  
vemos o pão mais valer;  
vemos tudo levantar,  
mantimentos maus de achar,  
officiaes, mercadores,  
logreiros, alugadores,  
tudo mui caro custar

Vimos em Evora valer  
os moios de pão iguaes  
quinze, vinte mil reaes,  
agora os vemos vender  
a setenta mil, e mais;  
anno vi tão abastado  
que a oito reaes comprado  
foi o alqueire de pão, <sup>(1)</sup>  
outros vimos em que não  
se achava por um cruzado.

Vimos os campos coalhados  
de aves e de caçadores,  
o mar cheio de pescados  
muito bons, muito prezados,  
e de muitos pescadores;

---

(1) No anno de 1521.

perde-se a altanaria,  
não ha peixes que sohia,  
nem gaviões, nem ralé,  
nem sei onde isto é  
pois de tudo tanto havia.

Vimos tanto costumar  
todos arcos de pelouros,  
tanto com 'elles folgar <sup>(1)</sup>  
nas cidades, hortas, mar,  
como agora com thesouros;  
nem havia homem algum  
que se contentasse de um,  
havia d'elles mil tendas,  
muitas compras, muitas vendas,  
agora não vemos nenhum.

Vimos jogos de mancaes,  
tambem da pequena pella,  
infinitas e geraes  
entre povo e principaes  
em Portugal e Castella;  
isto com tempo passou,  
pella grande começou,  
começou fluxo, primeira,  
runfa ficou derradeira  
e, como tudo, acabou.

Os jogos, nojos, prazeres,  
costumes, trajos e leis,  
virtudes, manhas, saberes,  
e bons e maus pareceres,  
são segundo querem reis;

---

(1) Porque o principe D. Affonso folgava muito com elles.

que, como são adorados,  
ao que são inclinados  
todos vemos inclinar,  
tudo lhes vemos louvar  
ainda que vão errados.

Com heresias e manha  
vimos o falso Lutherio  
converter em Allemanha  
tanta gente, que é façanha  
na mór força do imperio;  
contra nossa fé prégando  
e do papa blasphemando,  
dos bispos, dos cardeaes,  
venceu batalhas campaes  
a gran gente do seu bando.

Com sua lingua maligna  
e preceitos deshonestos  
semeia sua doutrina  
cheia de luxuria indigna  
e vergonhosos incestos;  
o que mais deve doer  
é que vemos estender  
este veneno a mais terras,  
e com pestiferas guerras  
tarda remedio poer.

Vimos a astrologia  
mentir toda em todo mundo,  
que toda junta dizia  
que em vinte e quatro havia  
de haver diluvio segundo,  
e secco vimos o anno  
e bem claro o engano

em que astrologos estavam,  
pois d'antes tanto affirmavam  
por chuvas haver grão damno.

Vimos tambem subverter  
em Grada muitos logares  
e muita gente morrer,  
e tal terremoto ser  
que serras foram algares;  
na ilha áquem da Terceira  
uma grande villa inteira  
n'este anno se subverteu <sup>(1)</sup>  
e todo o povo morreu,  
foi grão caso em gran maneira.

Vi que em Lisboa café  
da costa gran quantidade, <sup>(2)</sup>  
duas ruas destruiu,  
duzentas casas sumiu,  
foi grão temor na cidade;  
aquestes tremores taes  
e outros muitos signaes  
vemos, sem termos lembrança  
de Deus, nem fazer mudança  
de nossas vidas mortaes.

Os povos de Allemanha  
vimos todos levantados  
contra os grandes ajuntados  
e entr'elles guerra estranha,  
os grandes desbaratados,  
os fidalgos não ousarem

---

<sup>(1)</sup> Na ilha de S. Miguel, e morreram quatrocentas pessoas, e foi no anno de 1523.

<sup>(2)</sup> No anno de 1522.

de parecer, nem fallarem,  
Os villãos victoriosos,  
soberbos e poderosos  
em busca d'elles andarem

Tambem vimos em Castella  
guerras das communidades  
e muitas batalhas n'ella,  
em villas e em cidades,  
muitos mortos na querella;  
depois veiu o imperador  
e castigou com fervor,  
justiçou e desterrou,  
patrimonios tomou,  
bispo matou com rigor.

Em Valencia e sua terra  
vimos que os mouros alçaram,  
contra os christãos pelejaram,  
houve ahi tão grande guerra  
que muitos n'ella acabaram;  
e depois se concertaram,  
todos christãos se tornaram,  
nenhuma arma lhes ficou  
e el-rei os isentou,  
tributos mais não pagaram.

E vimos tambem el-rei  
de Dinamarca perdido,  
desterrado e destruido  
pelos seus, sem dar por lei  
e em Flandres acolhido;  
vimos a triste rainha  
sua mulher, a qual vinha  
trabalhar por lhe valer,

em terra alheia morrer <sup>(1)</sup>  
desamparada, mesquinha.

Principe dos chyprianos  
vi em Roma requerer  
seu reino, que por enganos  
lhe tem os venezianos  
de absoluto poder ;  
vi-o comsigo trazer  
um seu irmão, e não ter  
de comer, nem quem lh'o desse,  
nem a quem se soccorresse  
para lhe poder valer.

Vi Carlos imperador  
de seus avós herdar tanto  
que foi já maior senhor  
que o Carlos Magno santo  
e ditoso vencedor;  
herdou gran parte de Hespanha,  
Flandres, Borgonha, Allemanha,  
Nápoles, Aragão, Sicílias,  
Navarra, Austria, e as Antílias,  
terra rica e mui estranha.

Quantos vimos alcançar  
o que muito desejaram,  
quão poucos se contentaram,  
outros, sem nada acabar,  
suas vidas acabaram ;  
uns e outros não houveram  
descanso, nem o tiveram

---

(1) Morreu em Flancres, e era irmã do imperador.

porque não ha descansar,  
nem prazer, nem contentar,  
senão nos que bem morreram.

E vimos el-rei de França  
com toda França comsigo  
pelejar com sua lança  
na mór força do perigo,  
donde victoria se alcança ;  
vimol-o por um senhor  
capitão do imperador  
preso, e desbaratado, <sup>(1)</sup>  
e a Castella levado  
e em toda a França dôr.

Porque os principaes morreram  
prenderam os principaes  
e quanto tinham perderam,  
tantas perdas receberam  
que não podiam ser mais ;  
que perderam fidalguia,  
capitães, cavallaria,  
seu rei e suas fazendas,  
arraiaes com muitas tendas  
e com toda artilharia.

Tomando Roma morreu  
este mesmo capitão,  
que era o duque de Borbão, <sup>(2)</sup>  
e sua gente prendeu  
o santo padre em prisão,  
e saqueou a cidade

---

<sup>(1)</sup> No anno de 1525.

<sup>(2)</sup> No anno de 1527.

com mui grande crueldade,  
captivou os cardeaes,  
destruiu todos os mais  
sem nenhuma piedade.

As igrejas destruidas  
de todos foram roubadas,  
as reliquias vendidas,  
as cruzes espedaçadas  
entre ladrões repartidas;  
o rico pontifical,  
que lá foi de Portugal,  
tomado pelos soldados,  
e bispos foram jogados  
aos dados, e jogo tal.

Fizeram grandes cruzes,  
grandes deshumanidades,  
roubaram suas riquezas,  
suas pompas, vaidades,  
lhe tornaram em tristezas;  
mulheres, freiras forçadas,  
as nobres casas queimadas  
e mortos os moradores,  
principaes e mercadores,  
sem por quê ás cutiladas.

N'este tempo accudiu  
a Roma tal mortandade  
de peste, qual se não viu,  
e tambem esterilidade  
maior que nunca se ouviu,  
que morriam cada dia  
mil pessoas, e valia  
a sessenta mil reaes



o moio de trigo, e mais,  
ninguem havel-o podia.

Desventurada cidade,  
malaventurada terra,  
tendo tanta santidade  
te perdeste por maldade  
em poucas horas de guerra;  
maldito o povo christão  
que, sem causa, poz a mão  
em tanta cousa sagrada;  
os que matam com espada,  
com espada os matarão.

Vi que em Africa aqueceu  
ser morte e fome mui forte,  
cavallos, gado morreu,  
muita gente pereceu,  
nunca foi tal fome e morte; <sup>(1)</sup>  
os paes os filhos vendiam,  
duzentos reaes valiam,  
muitos se vinham fazer  
christãos cá, só por comer,  
nos campos, praças, morriam.

O reino de Fez ficou  
com dois ou tres mil cavallos,  
de Tremecem se formou  
lá e mais longe mandou  
muita gente a comprar-os,  
que foi tanta perdição  
que não ficou geração

---

(1) No anno de 1521.

para poderem gerar,  
as eguas mandou buscar  
para fazer criação.

Se n'este tempo tivera  
Portugal só que comer,  
levemente se pudera  
tomar Fez, e se houvera  
com pouca força e poder ;  
mas cá mesmo então andava  
tanta fome, que custava  
trigo alqueire a cruzado,  
carne, vinho e pescado  
tudo com pena se achava.

N'este anno se finou  
o gran rei Dom Manuel, <sup>(1)</sup>  
quantos comsigo levou  
a morte triste, cruel,  
que rei, que gente matou!  
duzentos homens honrados  
em que iam muitos de estados  
vimos que então se finaram  
de modorra, e escaparam  
muitos já quasi enterrados.

Vimos grão pranto fazer  
pelos reis quando morriam,  
burel, grande dó fazer,  
cousa mui digna de ser  
pois tão gran perda perdiam;  
vimos burel defendido  
e vimos pouco sentido

---

<sup>(1)</sup> Morreu no anno de 1520, a 23 de dezembro.

um rei que depois morreu,  
porque o d6 se perdeu  
foi tambem nojo perdido.

Vi el-rei nosso Senhor  
quando foi por rei alçado, <sup>(1)</sup>  
nunca foi tão grande estado  
nem rei com tanto primor  
se viu nunca levantado,  
com tanto estado real,  
infantes e cardeal,  
duques, marquezes, prelados,  
condes, fidalgos honrados,  
com a frol de Portugal.

Em Lisboa assim safu  
dos paços pela ribeira,  
gente sem conto o seguiu,  
gentileza não se viu  
nunca em rei tão verdadeira,  
a cavallo, mui galante,  
e todos a pé diante;  
do grão triumpho não fallo,  
e as redeas do cavallo  
a pé levava o infante. <sup>(2)</sup>

Pelas ruas novas ia,  
e o infante seu irmão <sup>(3)</sup>  
com estoque alto na mão,  
rei do mundo parecia

---

<sup>(1)</sup> Foi no anno de 1521, a 19 de dezembro, a uma quinta feira.

<sup>(2)</sup> O Infante D. Fernando.

<sup>(3)</sup> O Infante D. Luiz.

em poder e perfeição ;  
nos alpendres foi descido  
de São Domingos e subido  
n'um estrado triumphal,  
por nosso rei natural  
foi alli obedecido.

Filho de pae excellente  
e de mãe mui virtuosa,  
de grandes reis descendente  
desde os godos, que foi gente  
no mundo mui poderosa,  
neto de el-rei Dom Fernando  
de grão poder, de grão mando,  
da poderosa rainha  
Dona Isabel, que tinha  
grande nome governando.

Nascido da esclarecida  
rainha nossa Senhora,  
d'este grão sangue nascida,  
no mundo mui escolhida,  
de Deus grande servidora ;  
por crescerem seus estados  
deu-lhe Deus mais acabados,  
mais reaes, oito irmãos,  
que nunca entre reis christãos  
nasceram tão esmerados.

Vemos-lhe altos desejos  
e propositos fundados,  
os espiritos apurados,  
grão saber, graça, despejos  
nos lugares despejados,  
em publico gravidade,

gran condição, gran bondade,  
magnanimo, liberal,  
em tudo grande, real,  
isento, sem vaidade.

Em obras muito polido,  
real edificador,  
em tudo mui entendido,  
em prazeres comedido,  
em monteiro e caçador,  
em jogos mui temperado,  
em comer muito regrado,  
bem fallado, bem regido,  
mui subtil, lido e sabido,  
humano, mui avisado.

Seus concertos concertados  
de mui reaes paramentos,  
riquissimos, atilados,  
na capella esmerados  
sumptuosos ornamentos;  
em esmolas caridoso,  
em virtudes virtuoso,  
no que compre gastador,  
do que tem censervador,  
alegre, mui amoroso.

Vêmol-o sempre occupado,  
nunca o vêmos ocioso,  
tem grão siso, grão recado,  
tem seu reino socegado,  
na justiça é piedoso;  
quanto bem faz, fal-o elle  
pelas grandezas que ha n'elle  
e não o faz por ninguem,

que seu natural é bem;  
se fizer mal, não vem d'elle.

Vêmos-lhe paz com christãos,  
com mouros guerra, imisade,  
não como os reis comarcãos,  
faz christãos muitos pagãos,  
acrescenta a christandade;  
nunca em ligas quiz entrar  
com reis christãos, nem quer dar  
a mouros pazes que pedem,  
só por Deus se não concedem  
pela fé santa exalçar.

E vemos o grão poder  
que em Guiné e Indias tem  
tantos reinos de suster,  
tantos reis a seu querer  
de que páreas lhe vem,  
tantas villas e cidades,  
terras e comunidades  
ganhadas por cruas guerras,  
cheios os mares e terras  
de suas prosperidades.

Tem a nobre fidalguia  
mui valentes cavalleiros,  
mil victorias cada dia,  
gran somma de artilharia,  
bombardeiros, marinheiros;  
tem gastos demasiados  
e os retornos dobrados,  
tem grão nome, grão louvor  
de poder e vencedor,  
tem muitos christãos tornados.

Cidades e villas suas  
em que sempre se faz guerra  
a mouros, dentro em sua terra,  
quatro sobre vinte e duas  
tem, se a penna não erra ;  
tresentas naus e navios  
traz nos mares e nos rios  
de seus reinos alongados,  
com as quaes tem subjugados  
muitos reis e senhorios.

Tem Ceuta, Tanger, Arzilla,  
Alcacer, Pacer, Safim,  
Mazagão, São Jorge, Arguim,  
Sofala mui rica villa,  
Chaul, Ceylão e Cochim,  
Moçambique, Santa Cruz,  
Malaca, Gôa e Ormuz,  
Maluco e Cananor,  
Coulão, São Thomé, Zamor,  
Quiloa, Chale, Aguz.

Vimos o seu casamento  
com irmã do imperador,  
vimos tão grão juramento  
em Elvas, tanto senhor,  
que fallar em mais é vento :  
cinco mil encavalgados  
grandemente ataviados,  
muito ricos, mui galantes,  
com os senhores infantes  
na raia foram juntados.

O ouro, a pedraria,  
canutilhos e bordados,

as perlas, a chaparia,  
os forros, os esmaltados,  
não tem conta nem valia :  
em Estremoz se juntaram,  
as bodas hi celebraram,  
nunca tal par se juntou !  
Deus assim os conformou  
que em tudo se conformaram.

Vêmos-lhe largar a mão  
grandemente em dar dinheiro,  
vimol-o tão bom irmão  
da irmã, tão verdadeiro,  
como sabem quantos são ;  
pol a fazer mór senhora  
que foi no mundo té agora  
de imperio e reinados,  
um conto d'ouro, em cruzados,  
lhe deu de dote em um' hora

Vimos-lhe condes fazer,  
quatro duques 'crescentar, <sup>(1)</sup>  
bispados novos crear  
e marquezes nobrecer  
e outros muitos honrar :  
vimos como soccorria  
com dinheiro ao rei da Hungria,  
soccorro mui abastante,  
se el-rei não mataram ante  
já o soccorro lá ia.

Acrescentou grandemente  
os seus desembargadores,

---

(1) O duque de Beja, o duque da Guarda, o duque de Barcellos e o duque de Aveiro.



fez muitos corregedores,  
e no reino juntamente  
fez mais tres governadores,  
e fez leis mui proveitosas  
aos povos amorosas  
para os feitos 'breviar  
e justiça conservar,  
mais brandas que rigorosas.

A côrte de Portugal  
vimos bem pequena ser,  
depois tanto ennobrecer  
que não ha outra igual  
na christandade, a meu vêr,  
tem cinco mil moradores  
em que entram muitos senhores  
a que el-rei dá assentamentos,  
moradias, casamentos,  
tenças, mercês e honores.

O reino vimos valer  
sessenta contos, não mais,  
as rendas tanto crescer  
que agora o vêmos render  
duzentos milhões de reaes,  
India e Mina não entrando,  
que estas duas, assomando  
os gastos e os proveitos,  
duzentos contos bem feitos  
rendem forros, navegando.

A veadores da fazenda  
vi um contracto fazer  
que bem se pôde dizer,  
sem n'isso haver contenda,

outro tal nunca se vêr:  
venderam junto em um dia  
em drogas, especiaria,  
setecentos mil cruzados;  
outros lhe vi contratados  
de pouco menos quantia.

Vimos quatro embaixadores  
na côrte juntos andar,  
que são dos môres senhores  
e dignidades maiores  
que se podem alcançar;  
são do papa, imperador,  
rei de França, do senhor  
que Preste João se chama,  
conhecido só por fama  
mas não por embaixador.

No tempo de agora vêmos,  
o que não sei bem louvar,  
tão singular rei que temos,  
rainha tal qual queremos,  
ambos taes que não tem par;  
temos tambem oito infantes  
tão perfeitos e abastantes  
de virtudes, graças, manhas,  
que nove irmãos nas Hespanhas  
nunca houve semelhantes.

E vimos de que maneira  
o duque de Arcos casou  
com moça pobre, estrangeira,  
estando já quasi freira  
de Odivellas a tirou,  
sem a vêr, nem conhecer,

nem fallar, nem escrever,  
nem ter mais que só ser boa,  
veiu por ella a Lisboa  
sem ella mesma o saber.

Tomou assim esta empreza  
por vontade ou devoção,  
de modo que, em conclusão,  
foi assim feita duqueza  
sem sabermos a razão ;  
elle a el-rei a mão beijou  
e com elle só fallou,  
foi d'el-rei bem reebido  
com grande honra despedido,  
ricas joias lhe mandou.

Em Lisboa então se viu  
e vimos mula parida, <sup>(1)</sup>  
para isso ahi trasida  
de Punhete, onde pariu,  
de todos vista e sabida ;  
e o filho, que criava,  
perante todos mamava  
no Rocio, na Ribeira,  
foi vista d'esta maneira  
de muita gente que olhava,

E depois appareceu  
um cometa mui famoso, <sup>(2)</sup>  
que não mingou, nem cresceu,  
nem andou, nem se moveu,  
e não era luminoso ;

---

<sup>(1)</sup> No anno de 1530.

<sup>(2)</sup> Appareceu no anno de 1530, no verão.

cousa branca, mui comprida,  
direita, com gran medida,  
bem quinze noites se viu,  
pouco e pouco se sumiu  
té ser desaparecida.

E depois d'isto, em Roma,  
só com tres dias chover  
em outubro, <sup>(1)</sup> o Tibre toma  
agua tanta, em tanta somma  
que foi espanto de vêr:  
toda a cidade alagou,  
a agua dizem que chegou  
té os segundos sobrados,  
os baixos foram 'lagados,  
só nos montes não toco".

Infindas casas caíram,  
castellos todos inteiros  
levados do rio viram,  
edifícios se sumiram,  
casas fortes e mosteiros,  
e pelas ruas andavam  
grandes barcas, que salvavam  
a gente, tambem com ellas  
puderam ir caravellas,  
pois tão alto navegavam.

Muita gente se sumiu,  
foi mui grande destruição,  
a mór que se nunca viu  
d'esta sorte, nem ouviu  
do Tibre tal perdição;

---

(1) No anno de 1530, no começo de outubro.

e morreu gran quantidade  
de bestas, e na cidade  
se perderam vinho e pão,  
e cousas de provisão  
tudo em geralidade.

Segundo todos diziam,  
não foi cousa natural  
o damno que recebiam,  
mas por castigo o haviam  
e temiam vir mais mal;  
muitas procissões fizeram  
e grandes esmolos deram,  
e o papa a todos deu,  
por confissão, jubileu  
só porque a Deus temeram.

E no janeiro do anno  
logo seguinte, signaes  
espantosos vimos, taes  
que não basta engenho humano  
aos boquejar não mais:  
antemanhã, quinta feira,  
foi em tão grande maneira  
terremoto em Portugal,  
que se não viu outro tal  
nem Deus, que se veja, queira.

Vem primeiro um raio,  
apoz elle um trovão  
e grão terremoto então  
tão grande, que poz desmaio  
qual não viram, nem verão;  
tal que a todos parecia  
que o mundo se destruia

para não haver mais mundo,  
e que tudo era defundo  
e a terra se subvertia.

Obra de um crédo durou,  
se mais fôra, destruíra  
tudo por terra caíra,  
morrera quem escapou,  
a mór parte se fundira ;  
em um ponto pontual  
foi em todo Portugal,  
na Estremadura mór,  
nas outras partes menor,  
que não foi todo igual.

E ás sete horas do dia  
foi outro tremor estranho  
que poz medo e cobardia,  
e depois do meio dia  
outro, porém não tamanho ;  
e em outra quinta feira  
antemanhã, da maneira  
que foi o grande, espantoso,  
foi outro mui temeroso,  
outro ante a terça feira.

D'este grande ao primeiro  
cincoenta dias houve,  
nos quaes todos por inteiro  
tremendo deu tal morteiro  
que té 'gora se não soube ;  
um anno todo tremeu  
mas pouca cousa, e perdeu  
a gente já o temor ;  
approuve a nosso Senhor  
que cessou, não esqueceu.

Gretas, buracos fazia  
a terra. e se abriu,  
agua e areia saia  
que a enxofre fedia,  
isto em Almeirim se viu ;  
e porque logo vieram  
grandes chuvas que chuveram  
e alguns dias duraram,  
as aberturas taparam  
que nunca mais pareceram.

Todos, com medo que haviam,  
deixaram casas, fazendas,  
nos campos, praças, dormiam  
em tendilhões e em tendas,  
casas de rama faziam,  
as mais das noites velando  
temendo e receiando,  
porque tremor não cessava,  
a gente pasmada andava  
com medo, morte esperando.

Dois mezes assim estiveram  
na mór força do inverno,  
aguas, ventos sustiveram,  
tormentas, trovões soffreram,  
bradando por Deus eterno;  
todos logo confessados,  
casos grandes perdoados,  
feitas grandes devoções,  
romorias, procissões,  
em esmolas occupados.

Tambem se sentiu no mar :  
sem vento mares se alçaram,

navios foram tocar  
no fundo, com quilhas dar,  
como perdidos andaram :  
todas as cousas nascidas  
foram quasi amortecidas,  
féras, domesticas bestas,  
cães e aves, cousas d'estas  
estavam esmorecidas.

Muros e torres 'caíram,  
villas, paços e mosteiros,  
igrejas, casas, celleiros,  
quintas, e as mais abriram,  
não caíam pardieiros;  
pedras se viam rachadas  
e em pedaços quebradas,  
e cousas de muitas sortes  
quanto mais rijas, mais fortes,  
tanto mais espedaçadas.

Infinda gente morreu,  
grandes perdas receberam;  
grande perda se perdeu;  
muitos má morte morreram  
porque de noite aqueceu;  
cousas por nossos peccados  
nunca vistas dos passados  
n'estes reinos, nem ouvidas,  
Deus nos livre nossas vidas  
de casos tão desastrados.

Em Evora vi um menino <sup>(1)</sup>  
que a dois annos não chegava,  
e entendia e fallava

---

(1) Thomaz, filho de Manuel Thomaz, no anno de 1523.



e era já bem latino :  
respondia e perguntava,  
era de maravilhar  
vêr seu saber, seu fallar,  
sendo vinte dois mezes,  
monstro, entre portuguezes  
para vêr, para notar.

Estas novas novidades,  
mudanças e grandes feitos  
em papas, reis, e dignidades,  
em reinos, villas, cidades,  
vimos feitos e desfeitos ;  
e pois tudo vi passar,  
começar e acabar,  
e d'esta mundana gloria  
não ficar mais que memoria,  
d'esta me quiz ajudar.

Esta devemos de ter  
d'este mundo tão mudado  
para d'isso recolher,  
quem tiver siso e saber,  
que o por vir é passado,  
tudo acaba senão  
amar Deus de coração  
e servil-o de vontade,  
todo o al é vaidade  
e cousas que vem e vão.

Porque só Deus tem poder,  
elle só é o que sabe,  
ninguem pode comprehender  
seus juizos e saber  
e poder que n'elle cabe :

elle é toda bondade,  
elle é toda verdade,  
elle é o summo bem,  
elle dá ser e sustém  
nossa fraca humanidade.

Que se elle fosse esquecido  
de nós outros um momento,  
tudo seria perdido  
e o mundo destruido  
pois é nossa vida vento.  
Tomarei logo d'aqui  
d'estas cousas que escrevi  
e de quanto foi e é,  
louvar Deus, ter firme fé,  
vêr que sou como nasci.

## CONCLUSÃO

Mui poucos ajudadores  
acha quem quer fazer bem,  
e se alguém bem feito tem  
são tantos os glosadores  
que o não faz já ninguém ;  
as cousas, antes de achadas,  
nem vistas, nem praticadas,  
é muito quem as bem acha  
e mui pouco pôr-lhe tacha  
quem as deseja tachadas.

O caminho fica aberto  
a quem mais quizer dizer,  
tudo o que escrevi é certo,  
não pude mais escrever  
por não ter mais descoberto ;  
sem letras e sem saber  
me fui n'aquisto metter  
por fazer a quem mais sabe  
que o que minguar acabe,  
pois eu mais não sei fazer.

FIM DA MISCELANIA DE GARCIA DE RESENDE  
E DO  
TERCEIRO E ULTIMO VOLUME  
DA  
CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO II

---

---

# INDEX

---

---



# INDEX

---

## 1.º VOLUME

	Pag.
O Chronista Garcia de Resende .....	5
Soneto de André Falcão de Resende.....	13
Virtudes, feições, costumes e manhas d'El-Rei D. João o segundo, que santa gloria haja.....	15
Capitulo I—De seu pae e sua mãe, e seu nascimento.	27
Capitulo II—De como o Principe foi baptisado e das grandes festas que se fizeram no dia do baptismo.	28
Capitulo III—Da criação do Principe.....	29
Capitulo IV—Do casamento do Principe.....	30
Capitulo V—De como o Principe foi com El-Rei seu pae na tomada d'Arzilla onde foi feito cavalleiro.....	31
Capitulo VI—Do que ao Principe aconteceu andando de noite só.....	33
Capitulo VII—De como o Principe tomou sua mulher e casa.....	34
Capitulo VIII—Do nascimento do Infante D. Affonso, filho do Principe, e do que El-Rei D. Affonso fez..	34
Capitulo IX — De como o Principe ficou em Portugal com a governança do reino.....	35
Capitulo X—De como o Principe tomou Ouguella....	36
Capitulo XI—De como o Principe partiu para Zamora a chamado d'El-Rei seu pae, e do caminho se tor- nou.....	37
Capitulo XII—De como o Principe determinou de ir em pessoa socorrer El-Rei seu pae e do que sobre isso fez.....	38

	Pag.
Capitulo XIII—De como o Principe venceu a batalha de Touro e ficou no campo sem lh'o ninguem contradizer .....	39
Capitulo XIV—De como o Principe por mandado d'El-Rei seu pae se veio a Portugal, e das palavras que um dia disse á mesa .....	45
Capitulo XV—De outras cousas que no reino se seguiram andando El-Rei seu pae em França.....	46
Capitulo XVI—De como o Principe tomou Allegrete, e como fez tornar o Mestre de Sanctiago, que com duas mil lanças vinha correr a Evora.....	47
Capitulo XVII—De como El-Rei D. Affonso estando em França se apartou dos seus com tenção de se ir a Jerusalem, e do que n'isso se passou, e como o Principe foi alçado por Rei.....	50
Capitulo XVIII—De como El-Rei D. Affonso foi achado e tornado a seus reinos, e da grã obediencia e mui singular virtude que o Principe fez.....	52
Capitulo XIX—Do que o Principe passou em Almeirim com o Cardeal.....	54
Capitulo XX—De como Lopo Vaz, o Torrão, se levantou com a villa de Moura, e do que o Principe sobre isso fez.....	55
Capitulo XXI—Do que o Principe fez sobre as terçarias.....	57
Capitulo XXII—Da morte d'El-Rei D. Affonso e de como o Principe foi alçado por Rei.....	59
Capitulo XXIII—Do sahimento d'El-Rei D. Affonso e d'outras cousas que El-Rei logo fez necessarias em tal tempo .....	61
Capitulo XXIV—Do que El-Rei fez sobre um alvará que tinha passado a Nuno Pereira.....	63
Capitulo XXV—De como El-Rei mandou fazer o castello da cidade de S. Jorge na Mina.....	64
Capitulo XXVI—Das côrtes que El-Rei fez na cidade de Evora, onde lhe deram obediencias e menagens	66
Capitulo XXVII—De como se começou e houve principio o caso do duque de Bragança.....	68
Capitulo XXVIII—A maneira em que se as menagens dão .....	69
Capitulo XXIX—D'algumas cousas que El-Rei nas côrtes ordenou e quiz fazer.....	72
Capitulo XXX—Ida d'El-Rei a Montemór-o-Novo, e do	

	Pag.
que aconteceu ao marquez da dita villa no recebimento d'El-Rei, e das palavras que houve com o Arcebispo de Braga.....	73
Capitulo XXXI—De algumas cousas que o marquez logo fez contra serviço d'El-Rei.....	75
Capitulo XXXII—De como El-Rei a requerimento dos povos ordenou n'estas côrtes de mandar corregedores ás terras dos senhores, e o que sobre isso passou com o duque.....	76
Capitulo XXXIII—De como começaram as graças e separadas.....	77
Capitulo XXXIV—Embaixada que El-Rei mandou a El-Rei de Inglaterra.....	79
Capitulo XXXV—Da outra embaixada que El-Rei então mandou a Castella.....	80
Capitulo XXXVI—De como a Rainha moveu e esteve mui mal, e da vinda dos duques por esta causa á côrte.....	85
Capitulo XXXVII—Da fala que El-Rei fez ao duque de Bragança.....	86
Capitulo XXXVIII—Resposta do duque a El-Rei.....	88
Capitulo XXXIX—Do que depois d'esta fala e resposta se passou.....	89
Capitulo XL—De como Gaspar Juzarte e Pero Juzarte descobriram a El-Rei o que do caso do duque de Bragança sabiam. ....	92
Capitulo XLI—Da embaixada que os Reis de Castella mandaram a El-Rei sobre o desfazimento das terçarias.....	93
Capitulo XLII—De como se desfizeram as terçarias, e a entrega do Principe e da Infanta... ..	96
Capitulo XLIII—Da entrada do Principe na cidade de Evora.....	97
Capitulo XLIV—De como foi a prisão do duque de Bragança.....	99
Capitulo XLV—Do que alguns senhores cometeram a El-Rei sobre o caso do duque. ....	105
Capitulo XLVI—De como El-Rei perdoou ao duque de Vizeu a culpa que neste caso tinha, e da morte do duque de Bragança.....	106
Capitulo XLVII—De como o senhor D. Manuel, irmão da Rainha, que era em Castella pelo caso das terçarias se tornou á côrte... ..	114



	Pag.
Capitulo XLVIII — Partida d'El-Rei d'Evora para Abrantes, e do recado do Santo Padre que lhe ahi veiu.....	115
Capitulo XLIX — Da justiça que em Abrantes El-Rei mandou fazer na estatua do marquez de Montemór.	116
Capitulo L — De como d'Abrantes El-Rei partiu para S. Domingos da Queimada e outras partes.....	118
Capitulo LI — Do que aqui em Santarem aqueceo a El-Rei de noite.....	119
Capitulo LII — De como se começou o caso em que o duque de Vizeu foi contra El-Rei.....	120
Capitulo LIII — De como foi a morte do duque de Vizeu.....	124
Capitulo LIV — Da mercê que El-Rei fez ao senhor D. Manuel irmão do duque, do mestrado de Christus e ducado de Beja.....	128
Capitulo LV — De como El-Rei mandou notificar á Infanta a morte do duque seu filho.....	133
Capitulo LVI — Embaixada que aqui em Castello Branco veiu a El-Rei, d'El-Rei e da Rainha de Castella.....	134
Capitulo LVII — Da mudança que El-Rei fez no escudo real de suas armas, e das novas moedas que mandou fazer.....	137
Capitulo LVIII — Da embaixada que El-Rei mandou com a obediencia ao Papa Innocencio VIII.....	139
Capitulo LIX — Das galés de Veneza que tomaram os francezes, e do que El-Rei fez aos venezeanos.....	141
Capitulo LX — De como a cidade de Zamor em Africa tomou El-Rei por senhor.....	144
Capitulo LXI — De como El-Rei secretamente mandava descobrir a India por terra.....	144
Capitulo LXII — Da polvora que El-Rei mandou ao cerco de Malaga.....	145
Capitulo LXIII — De como foi preso D. Alvaro de Souto Maior com suspeita de traição.....	146
Capitulo LXIV — De como El-Rei defendeo as sedas e brocados.....	147
Capitulo LXV — De como se descobrio o reino de Beni.....	148
Capitulo LXVI — De como El-Rei mandou que as lettras Apostolicas se publicassem sem serem vistas na chancelaria.....	149

— VII —

	Pag.
Capitulo LXVII — De como D. Diogo d'Almeida foi aos aduares em Africa.....	150
Capitulo LXVIII — De como Barraxe, mouro, foi desbaratado e preso por D. João de Menezes .....	152
Capitulo LXIX — De como El-Rei por auctoridade Apostolica mandou enquerir sobre os confessos que de Castella eram nestes reinos.....	153
Capitulo LXX — De como El-Rei mandou prover e reparar as fortalezas dos extremos .....	154
Capitulo LXXI — De como foi desbaratado e preso o alcaide de Alcacer Quibir por o conde de Borba, e seu resgate .....	156
Capitulo LXXII — De como foi preso El-Rei dos romãos em Bruges e de sua soltura, e do que El-Rei sobre isso fez .....	158

2.º VOLUME

Capitulo LXXIII — Do conselho que teve El-Rei sobre o casamento do Principe.....	5
Capitulo LXXIV — De como em Inglaterra foi preso o conde de Penamacôr.....	6
Capitulo LXXV — De como captivaram D. Antonio, filho do conde de Villa Real, que era capitão em Ceuta .....	8
Capitulo LXXVI — Da armada que El-Rei mandou fazer para Africa, de que foi por capitão Fernão Martins Mascarenhas, e o que fez .....	9
Capitulo LXXVII — Do que El-Rei fez indo com a Rainha a vêr correr touros em Alcochete.....	10
Capitulo LXXVIII — De como Bemohi veio a estes reinos e foi feito christão, e da sua morte.....	11
Capitulo LXXIX — Da cerimonia com que El-Rei fez o marquez de Villa Real... ..	19
Capitulo LXXX — Do que El-Rei disse por João de Sousa .....	21
Capitulo LXXXI — De como foi o principio e fim da Graciosa .....	21
Capitulo LXXXII — De como El-Rei determinou de ir em pessoa, e do que disse a D. João de Branches.	26
Capitulo LXXXIII — Do que El-Rei passou com Pero Pantoja em Tavila.....	30

	Pag.
Capitulo LXXXIV — Do que El-Rei fez a dois fidalgos que vieram de Arzilla.....	31
Capitulo LXXXV — Do que El-Rei disse a Ruy d'Abreu e a Duarte do Casal.....	32
Capitulo LXXXVI — Do que El-Rei disse a Fernão Serrão.....	32
Capitulo LXXXVII — Do que El-Rei fez a Diogo d'Azambuja quando casou sua filha, e a Pero de Mello.....	33
Capitulo LXXXVIII — Do que El-Rei fez ao capitão da ilha da Madeira.....	34
Capitulo LXXXIX — Do que El-Rei fez a João Alva- rez, o Gato.....	35
Capitulo XC — Da mereçê que El-Rei fez a João Gó.....	36
Capitulo XCI — Da honra que El-Rei fez a Mestre Antonio.....	37
Capitulo XCII — Do que El-Rei disse por dois ladrões que enforcaram em Portel.....	37
Capitulo XCIII — Do que El-Rei escreveu ao conde de Borba sobre Fernão Caldeira.....	38
Capitulo XCIV — Do que El-Rei fez a Gomes de Fi- gueiredo, provedor d'Evora.....	39
Capitulo XCV — Da mercê que El-Rei fez a um desem- bargador por dar uma sentença contra elle.....	40
Capitulo XCVI — Do que El-Rei fez a Alvaro Masca- renhas sobre outra demanda.....	41
Capitulo XCVII — Do que El-Rei sobre outro feito passou com o doutor Nuno Gonçalves.....	42
Capitulo XCVIII — De um homem a que El-Rei deu a vida sendo julgado á morte.....	43
Capitulo XCIX — De um moço a que El-Rei deu a vida, sendo também julgado á morte.....	44
Capitulo C — Do que El-Rei fez no feito do carcerei- ro João Baço.....	45
Capitulo CI — D'outro homem que El-Rei perdoou sendo julgado que morresse.....	46
Capitulo CII — De como El-Rei deu a vida a outro homem que estava para justicarem.....	47
Capitulo CIII — Do que El-Rei disse a um homem que lhe dizia mal d'outro.....	48
Capitulo CIV — Do que El-Rei disse ao Corregedor da Côrte.....	48

	Pag.
Capitulo CV — Da maneira que El-Rei deu um officio a nm homem que lho pedio.....	49
Capitulo CVI — Do que El-Rei fez a um homem que esperou um touro.....	50
Capitulo CVII — Do que El-Rei fez por não passar um Alvará em contrario d'outro .....	51
Capitulo CVIII — Do que El-Rei disse por Manuel de Mello .....	51
Capitulo CIX — Das côrtes que El-Rei fez em Evora sobre o casamento do Principe.....	52
Capitulo CX — Da nova justiça que El-Rei mandou fazer.....	54
Capitulo CXI — Da tomada de Targua e Camice.....	55
Capitulo CXII — De como foi mudado o mosteiro de Santos.....	58
Capitulo CXIII — De como o senhor D. Jorge veio a primeira vez á côrte.....	58
Capitulo CXIV — Do principio do casamento do Principe D. Affonso com a Princeza D. Isabel, e das grandes festas que se fizeram na cidade d'Evora .....	60
Capitulo CXV — De quando veio nova a El-Rei do Principe ser recebido em Sevilha.....	62
Capitulo CXVI — Da morte da Infanta D. Joanna irmã d'El-Rei.....	66
Capitulo CXVII — De como El-Rei e a Rainha de Castella notificaram o dito casamento a El-Rei e á Rainha .....	67
Capitulo CXVIII — Da grande sala de madeira que El-Rei mandou fazer.....	74
Capitulo CXIX — De como El-Rei despejou a cidade e mandou metter nella muito gado .....	77
Capitulo CXX — De quando a Princeza partiu para estes reinos.....	78
Capitulo CXXI — De como a Princeza foi entregue em Portugal .....	79
Capitulo CXXII — De como El-Rei e o Principe foram vêr a Princesa a Estramoz, e como foram ahi recebidos. ....	81
Capitulo CXXIII — Da entrada da Princesa em Evora, e do real recebimento que lhe foi feito.....	84
Capitulo CXXIV — Do primeiro banquete de ceia que El-Rei deu na sala da madeira.....	88

	Pag.
Capitulo CXXV — De outro banquete que El-Rei deu na sala da madeira.....	90
Capitulo CXXVI — De como se ordenaram as justas reaes e se poz a teia na praça, e da fortaleza da madeira .....	93
Capitulo CXXVII — Dos ricos momos que El-Rei fez na sala da madeira para desafiar a justa .....	94
Capitulo CXXVIII — De como El-Rei deu sua mostra, e do grande estado e riqueza e invenções que trazia .....	97
Capitulo CXXIX — De como El-Rei sahio da cidade a primeira vez depois das festas.....	108
Capitulo CXXX — De como El-Rei se tornou a Evora, e d'ahi se foi a Santarem .....	110
Capitulo CXXXI — De como o Principe e a Princeza entraram em Santarem.....	111
Capitulo CXXXII — De como foi a triste morte do Principe.....	114
Capitulo CXXXIII — Da mudança do Senhor D Jorge	124
Capitulo CXXXIV — Do saimento do Principe... ..	125
Capitulo CXXXV — De como a Princesa partio para Castella .....	128
Capitulo CXXXVI — Partida d'El-Rei e da Rainha para Lisboa. depois da morte do Principe.....	130
Capitulo CXXXVII — De como El-Rei deu os mestrados de Santiago e d'Avis ao sr. D. Jorge seu filho.....	131
Capitulo CXXXVIII — Do que El-Rei respondeu a certos senhores que o confortavam pela morte do Principe seu filho .....	132
Capitulo CXXXIX — Da mercê que El-Rei fez aos filhos de D. Pedro d'Eça e aos de Vasco Martins de Mello .....	133
Capitulo CXL — Do fundamento e principio do Espiritual grande de Lisboa ..	134
Capitulo CXLI — Do que El-Rei respondeu a um recado da Rainha de Castella .....	135
Capitulo CXLII — Do que El-Rei disse quando deu o officio de mordomo mór a D. João de Meneses...	135
Capitulo CXLIII — De quando El-Rei defendeu as mulas .....	136
Capitulo CXLIV — Do que El-Rei fez a D. Francisco d'Almeida .....	137

	Pag.
Capitulo CXLV — Do que El-Rei respondeu a Ruy Gil e Francisco de Miranda .....	138
Capitulo CXLVI — Do que El-Rei fez sobre uma caravela da Mina que lhe tomaram os franceses.....	139
Capitulo CXLVII — Do que El-Rei fez quando a sua não grande partio para Levante.....	140
Capitulo CXLVIII — Do que El-Rei disse ao barão sobre um cavalleiro que fôra de seu pae .....	142
Capitulo CXLIX — Do que El-Rei disse a João Fogaça sobre Egas Coelho.....	143
Capitulo CL — Do que El-Rei fez a Pero d'Alenquer, piloto .....	144
Capitulo CLI — Do que El-Rei fez a uns capitulos que lhe mandaram de Coimbra sobre um cavalleiro que lá mandou. ....	145
Capitulo CLII — Do que El-Rei disse ao Bispo de Tangere sobre D. Diogo de Crasto.....	146
Capitulo CLIII — Do que El-Rei disse a um homem que bebia vinho mais do necessario. ....	146
Capitulo CLIV — Do que El-Rei D. Fernando e a Rainha D. Isabel de Castella, e El-Rei Carlos de França, e outros disseram por El Rei .....	147
Capitulo CLV — De como se descubrio o reino de Manicongo, e de como El-Rei e a Rainha foram feitos christãos .....	150
Capitulo CLVI — De como os negros chegaram a sua terra. ....	153

### 3.º VOLUME

Capitulo CLVII — De como os christãos, capitão e fra-des foram a El-Rei .....	5
Capitulo CLVIII — Da entrada dos christãos na côrte d'El-Rei de Congo .....	6
Capitulo CLIX — De como se fez a primeira egreja. .	9
Capitulo CLX — De como El-Rei foi feito christão ...	10
Capitulo CLXI — De como a Rainha foi feita christã. ....	13
Capitulo CLXII — Do principio da doença d'El-Rei em Lisboa .....	17
Capitulo CLXIII — Da entrada dos judeus de Castella em Portugal ...	17

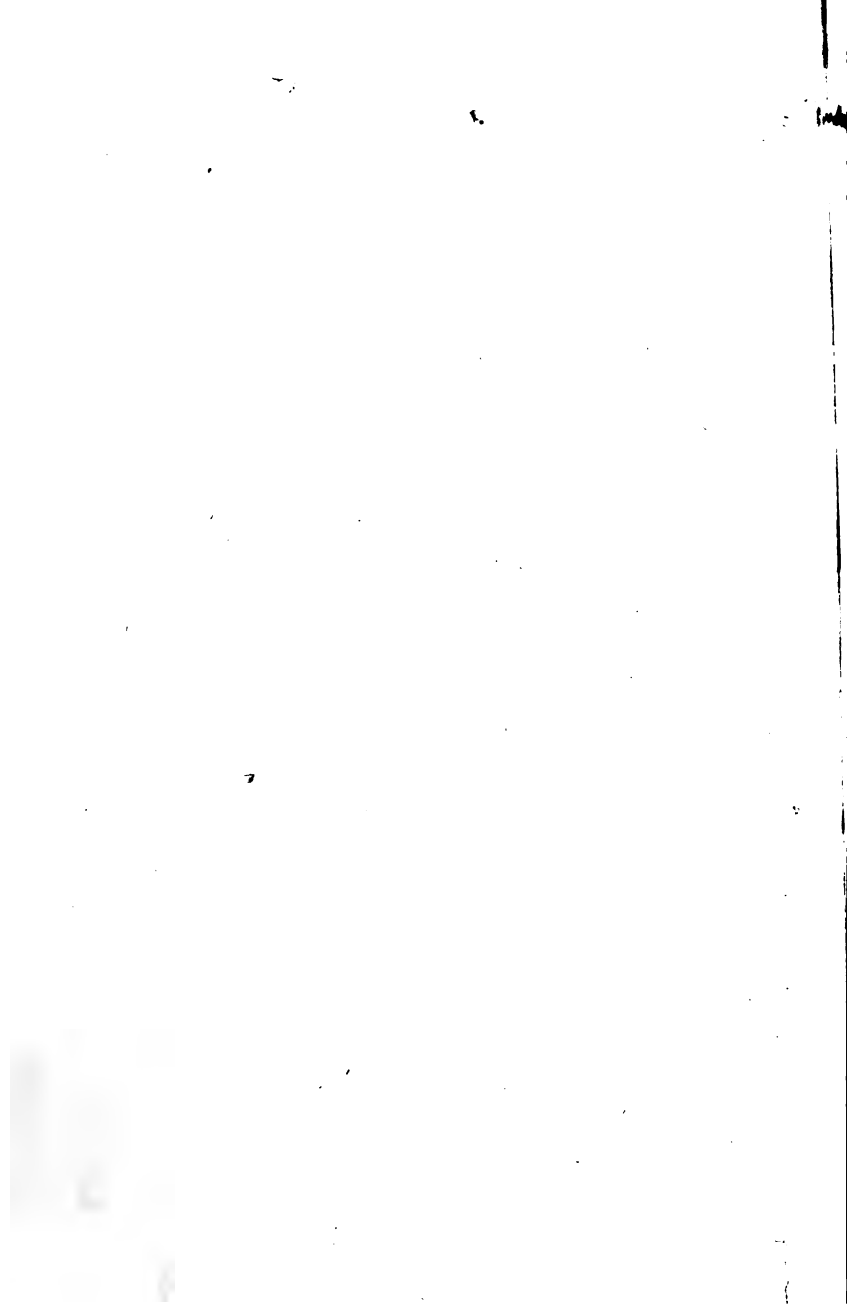
	Pag.
Capitulo CLXIV — Da embaixada que El-Rei mandou a Roma com obediencia .....	19
Capitulo CLXV — De como se descobriram por Colombo as Antilhas de Castella .....	20
Capitulo CLXVI — Da embaixada que El-Rei e a Rainha de Castella mandaram a El-Rei .....	23
Capitulo CLXVII — Da embaixada que El-Rei mandou a El-Rei e Rainha de Castella .....	24
Capitulo CLXVIII — Dos avisos que El-Rei mandou aos ditos embaixadores .....	25
Capitulo CLXIX — Da vinda de Monseor de Leão, francês, á côrte . .....	25
Capitulo CLXX — Da embaixada e presentes d'El-Rei de Napoles .....	27
Capitulo CLXXI — Da romaria que El-Rei cumprio d'aqui de Torres Vedras .....	28
Capitulo CLXXII — Do que El-Rei fez a D. João de Sousa .....	29
Capitulo CLXXIII — Do que El-Rei fez a Ruy de Sousa por duas vezes .....	29
Capitulo CLXXIV — Da mercê que El-Rei fez a Vasco Fernandes Cabral e a D. João Falcão, e a D. Martinho .....	31
Capitulo CLXXV — Da mercê que El-Rei fez a Nuno Fernandes, escrivão da camara de Lisboa .....	33
Capitulo CLXXVI — Da mercê que El-Rei fez a Diogo Fernandes, feitor de Frandes .....	34
Capitulo CLXXVII — Do que El-Rei disse a Lopo Soares quando foi para a Mina .....	35
Capitulo CLXXVIII — Da mercê que El-Rei fazia a D. João de Atayde .....	36
Capitulo CLXXIX — De como El-Rei mandou á ilha de S. Thomé os moços que foram judeus .....	37
Capitulo CLXXX — Da doença da Rainha D. Lianor em Setuvel .....	37
Capitulo CLXXXI — De como El-Rei em Setuvel inventou e achou em caravellas e navios pequenos trazer bombardas grossas .....	39
Capitulo CLXXXII — Partida d'El-Rei para Evora e do que ahi fez .....	41
Capitulo CLXXXIII — De como El-Rei ordenou officiaes para despacharem .....	42
Capitulo CLXXXIV — Do que El-Rei disse a Ruy de Sande .....	43

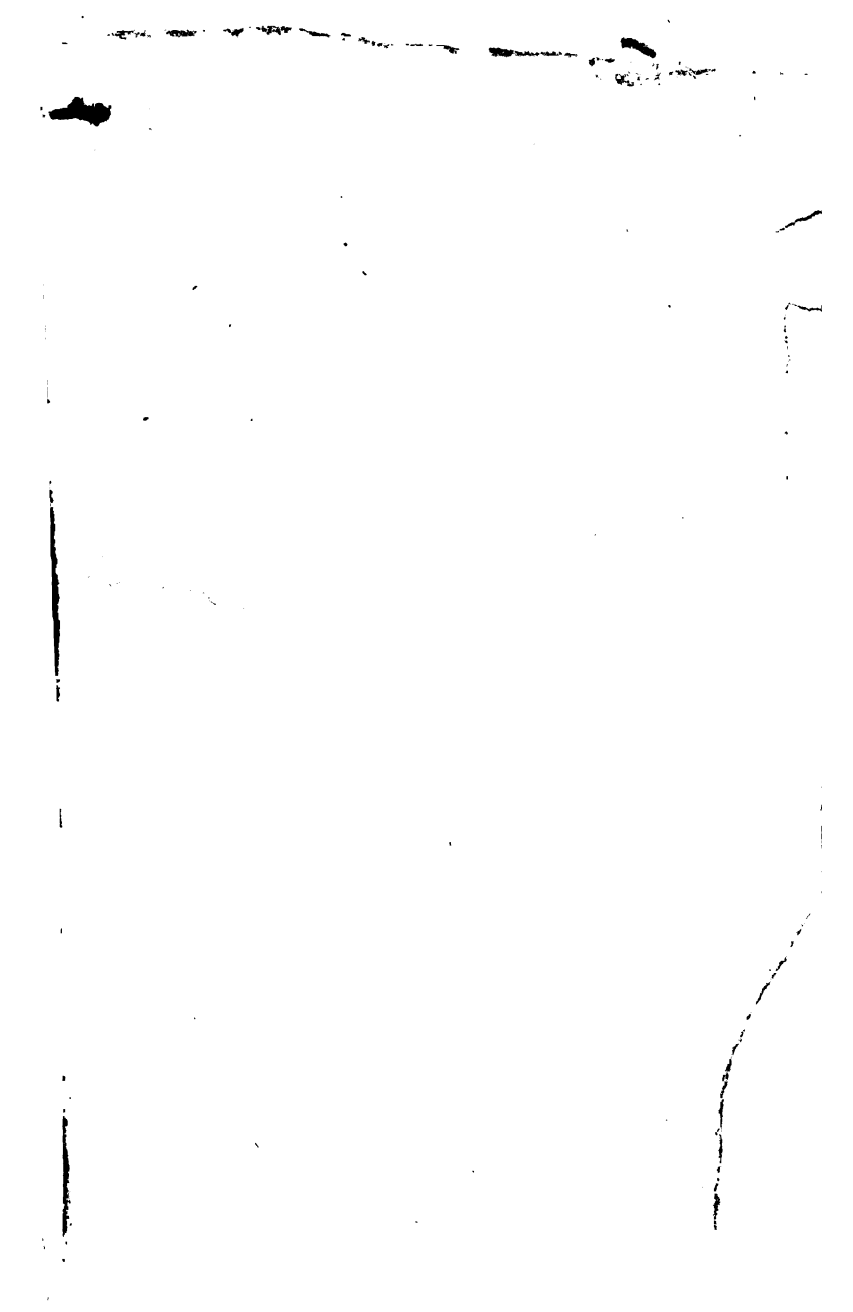
Capitulo CLXXXV — Do que El-Rei disse a João Fogaça vindo da Sitima .....	43
Capitulo CLXXXVI — Do que El-Rei fez ao Bispo de Evora vindo de Viana .....	44
Capitulo CLXXXVII — Do que El-Rei disse a D. Martinho sobre seu irmão .....	45
Capitulo CLXXXVIII — Do piloto e marinheiros que El-Rei mandou matar.....	46
Capitulo CLXXXIX — Do que se fez em Evora á entrada de uma porta da sala .....	47
Capitulo CXC — Do que El-Rei disse um dia a D. Martinho .....	48
Capitulo CXCI — De como El-Rei ordenou que em sua capella rezassem as oras canonicas como egreja cathedral, e do que passou com o Adaião ....	48
Capitulo CXCVI — De como El-Rei fez e ordenou meirinho do paço.....	50
Capitulo CXCVII — Do que El-Rei fez sobre dois moços fidalgos que houveram brigas no paço.....	51
Capitulo CXCVIII — Do que El-Rei disse ao Comendador mór sobre Gonçalo d'Afonseca.....	52
Capitulo CXCV — Do que El-Rei disse ao Mordomo mór sobre o aposentador .....	52
Capitulo CXCVI — Do que El-Rei disse ao conde de Borba em um conselho... ..	53
Capitulo CXCVII — Do que El-Rei disse sobre as espadas.....	53
Capitulo CXCVIII — Do que El-Rei fez, e disse a Antão de Figueiredo. ....	54
Capitulo CXCVIX — Do que El-Rei fez a Eitor Borralho.....	55
Capitulo CC — Do que El-Rei disse a Anrique Corrêa... ..	55
Capitulo CCI — De algumas coisas que El-Rei disse a Garcia de Resende.....	56
Capitulo CCII — Do que El-Rei fez em Evora sobre a vinda do pão.....	59
Capitulo CCIII — Partida d'El-Rei de Evora para as Alcaçovas.....	60
Capitulo CCIV — De como determinaram que El-Rei entrasse em banhos.....	61
Capitulo CCV — Da embaixada que ás Alcaçovas veio d'El-Rei e da Rainha de Castella.....	62



	Pag.
Capitulo CCVI — Da armada que El-Rei tinha prestes para o descobrimento da India.....	63
Capitulo CCVII — De como El-Rei determinou de ir ás Caldas do Algarve.....	63
Capitulo CCVIII — De como El-Rei fez seu testamento	64
Capitulo CCIX — De como El-Rei partiu para o Algarve e aprovou seu testamento.....	66
Capitulo CCX — Partida d'El-Rei das Caldas para Alvor.....	67
Capitulo CCXI — De como El-Rei conheceu sua morte, e se quiz nisso certificar dos fisicos e dos que com elle eram, e como lhe foi descoberto, e o que sobre isso fez.....	70
Capitulo CCXII — Dos perdões que El-Rei pedio e satisfações e mercês que fez, e como foi sua morte, e das cousas que fez e disse.....	73
Capitulo CCXIII — Das pessoas que com El-Rei eram ao tempo de sua morte.....	77
Capitulo CCXIV — Do que se fez depois da morte d'El-Rei.....	78
Capitulo CCXV — Do que se achou em uma boeta d'El-Rei.....	80
Capitulo CCXVI — De como o senhor D. Jorge veio a El-Rei D. Manuel.....	81
Capitulo CCXVII — De Garcia de Resende, em que diz como El-Rei fallecendo foi sua morte mui sentida, e como Nosso Senhor sempre dá seus galardões conforme aos serviços que lhe fizeram.....	82
Tresladação do corpo do mui catholico e magnanimo e esforçado Rei D. João, o segundo d'este nome, da Sé da cidade de Silves para o mosteiro da Batalha, por o mui serenissimo e esclarecido Senhor El-Rei D. Manuel seu sucessor e herdeiro nestes reinos e senhorios de Portugal.....	84
A entrada d'El-Rei D. Manuel em Castella.....	91
Ida da Infanta D. Breatriz para Saboya.....	116
Miscellania de Garcia de Resende e variedade de historias, costumes, casos e causas que em seu tempo aconteceram.....	135







# OBRAS PUBLICADAS

I — HISTORIA DO CERCO DE DIU, por <i>Lopo de Sousa Coutinho</i> , 1 volume.....	40
II — HISTORIA DO CERCO DE MAZAGÃO, por <i>Agostinho Gavy de Mendonça</i> , 1 volume .....	40
III — ETHIOPIA ORIENTAL, por <i>Fr. João dos Santos</i> , 2 grossos volumes.....	1\$50
IV — O INFANTE D. PEDRO, chronica inédita por <i>Gaspar Dias de Landim</i> , 3 volumes.....	\$700
V — CHRONICA D'EL-REI D. PEDRO I, (o CRU ou JUSTICEIRO) por <i>Fernão Lopes</i> , 1 volume.....	400
VI — CHRONICA D'EL-REI D. FERNANDO, por <i>Fernão Lopes</i> , 3 volumes .....	1\$200
VII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por <i>Fernão Lopes</i> , 7 volumes.....	2\$800
VIII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por <i>Gomes Eannes d'Azurara</i> , VOL. I, II E III (VIII, IX E X).	1\$200
IX — DOIS CAPITÃES DA ÍNDIA, por <i>Luciano Cordeiro</i> , 1 volume.....	400
X — ARTE DA CAÇA DE ALTENARIA, por <i>Diogo Fernandes Ferreira</i> , 2 volumes.....	\$800
XI — APOLOGOS DIALOGAES, por <i>D. Francisco Manuel de Mello</i> , 3 volumes.....	1\$200
XII — CHRONICA D'EL-REI D. DUARTE, por <i>Ruy de Pina</i> , 1 volume.....	400
XIII — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO V, por <i>Ruy de Pina</i> , 3 volumes.....	1\$200
XIV — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO II, por <i>Garcia de Resende</i> , 3 volumes .....	1\$500

## EM PUBLICAÇÃO

CANCIONEIRO GERAL, por *Garcia de Resende*.

BF

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12



DEC 16 1958.



